

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LUISE RODRIGUES ANTUNES

**QUANDO EU CRESCER QUERO SER COMO VOCÊ?! ANÁLISE DOS
DESAFIOS E PERSISTÊNCIAS DA POBREZA GERACIONAL E DO
TRABALHO DOMÉSTICO EM SANTANA DO LIVRAMENTO/RS**

Sant'Ana do Livramento

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LUISE RODRIGUES ANTUNES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração, linha de pesquisa Organizações e Desenvolvimento.

Orientadora: Dr^a Alessandra Troian
Coorientadora: Dr^a Carolina Freddo Fleck

Sant'Ana do Livramento

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

RL953q Rodrigues Antunes, Luise

QUANDO EU CRESCER QUERO SER COMO VOCÊ?! ANÁLISE DOS
DESAFIOS E PERSISTÊNCIAS DA POBREZA GERACIONAL E DO TRABALHO
DOMÉSTICO EM SANTANA DO LIVRAMENTO/RS / Luise Rodrigues
Antunes.

119 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO, 2024.

"Orientação: Alessandra Troian".

1. Trabalho doméstico. I. Título.

LUISE RODRIGUES ANTUNES

**QUANDO EU CRESCER QUERO SER COMO VOCÊ?! ANÁLISE DOS
DESAFIOS E PERSISTÊNCIAS DA POBREZA GERACIONAL E DO
TRABALHO DOMÉSTICO EM SANTANA DO LIVRAMENTO/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração.

Dissertação defendida e aprovada em: 18, de junho de 2024.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Alessandra Troian
Orientador
UNIPAMPA

Profa. Dra. Laura Alves Scherer
UNIPAMPA

Profa. Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle
UFLA



Assinado eletronicamente por **ALESSANDRA TROIAN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/06/2024, às 09:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Mônica Carvalho Alves Cappelle, Usuário Externo**, em 19/06/2024, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LAURA ALVES SCHERER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/06/2024, às 17:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1456758** e o código CRC **CF6AF630**.

Dedico este trabalho a minha mãe, minhas avós e minhas tias, uma família cheia de mulheres fortes que sempre me incentivaram e me fizeram acreditar que era possível.

AGRADECIMENTOS

Nessa trajetória de mestranda, expresso imensamente meu agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa (PPGA/UNIPAMPA), pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional que tive nesses pouco mais de dois anos. Fico muito grata por todas as trocas realizadas com o corpo docente extremamente qualificado que me inspirou a chegar até aqui. Dessa maneira, estendo meus agradecimentos a todos os docentes do programa, à coordenação e aos colegas por todos os momentos compartilhados. Sou imensamente grata por tudo.

Agora, no final desse caminho percorrido ao longo desses dois anos, posso dizer que o fruto do meu trabalho me traz muita felicidade e orgulho, e sei que jamais chegaria onde cheguei sozinha. Gostaria de agradecer minhas orientadoras sou muito grata as duas, Professora Alessandra a quem me acompanhou desde o início e nunca “soltou a minha mão”, sei que não mediu esforços para me auxiliar em todo processo, contigo aprendi coisas incríveis que vou levar para o resto da vida, me ensinou a ser uma pesquisadora e a ter gosto pela pesquisa.

A professora Carolina, que aceitou embarcar nessa “loucura” de começar uma dissertação nova com o prazo estourando, eu só tenho a agradecer. As tuas contribuições têm sido incríveis ao longo do processo e foi na aula de Relações de Trabalho, que tudo começou, que o tema surgiu e que me instigou a querer saber mais. Sou muito grata por não ter só uma orientadora, mas duas orientadoras presentes que sempre me apoiaram ao longo do processo, com certeza essa sorte é para poucos.

Gostaria de deixar meu agradecimento para minha família e para todas aquelas pessoas que sempre acreditaram em mim, que eu era capaz de chegar até aqui. Sou muito grata por todo o apoio e amo vocês.

As trabalhadoras domésticas, pela participação nesse estudo, por toda receptividade e atenção. Por aceitarem partilhar suas histórias e suas vidas comigo, mesmo muitas vezes sendo temas muito delicados para uma conversa. Por isso, agradeço, foi ótimo conhecê-las e conhecer suas histórias.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro durante esses dois anos, foi de grande ajuda para minha dedicação exclusiva para o mestrado e para que essa pesquisa se concretizasse com todo o rigor necessário.

“Nós todos não podemos ser bem-sucedidos quando metade de nós é retida.”

Malala Yousafzai

RESUMO

A pobreza geracional é aquela que pode ser caracterizada pelo avanço do nível socioeconômico dos pais e dos filhos quando adultos, usualmente medida pela renda. Quando acontece um aumento do nível socioeconômico entre as gerações, indica que há mobilidade socioeconômica. No entanto, aqueles que nascem em famílias pobres têm a tendência de continuar com baixos níveis socioeconômicos. A transmissão das vulnerabilidades que a pobreza proporciona entre as gerações ainda é um desafio para ações sociais, visto que a transmissão desigual da pobreza acaba se tornando uma barreira ao progresso social. O trabalho doméstico é uma profissão que possui muitos aspectos em comum com a pobreza geracional. Ambos geram exclusão em muitos âmbitos sociais e fazem com que quem experimente a pobreza e exerça o trabalho doméstico se encontre em um limbo, não conseguindo progredir socioeconomicamente. Destarte, o trabalho doméstico é uma profissão com origem na escravidão, e desde então não foi reconhecida devidamente na sociedade. Assim, quem a exerce acaba enfrentando dificuldades de se sustentar e lida com desafios como o preconceito. Ainda, a profissão pode ser conhecida por ser passada entre as gerações, uma característica semelhante à pobreza geracional. Este estudo visa analisar as implicações entre o ingresso e a permanência na profissão de empregada doméstica e a pobreza geracional em Santana do Livramento/RS. Especificamente, busca-se: a) caracterizar as trabalhadoras e o trabalho doméstico realizado; b) identificar os aspectos de pobreza geracional presentes na história das trabalhadoras domésticas e nas gerações de suas famílias; c) averiguar a reprodução do trabalho doméstico entre as famílias das trabalhadoras e d) apresentar os atributos do trabalho doméstico que reforçam e são reforçados pela pobreza geracional. Metodologicamente, a pesquisa possui abordagem qualitativa e se caracteriza como exploratória, realizada a partir de um estudo narrativo. As técnicas de coleta de dados foram entrevista narrativa e genoprofissiograma. Foram realizadas onze entrevistas com trabalhadoras domésticas e cinco com descendentes de trabalhadoras domésticas, totalizando 16 entrevistas narrativas, as quais ocorreram entre 17 de outubro de 2023 e 15 de janeiro de 2024. Já o genoprofissiograma foi realizado em forma de desenho com oito participantes da pesquisa, quatro domésticas e quatro descendentes de domésticas. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin. Os resultados indicam que há relação entre a pobreza geracional e o trabalho doméstico. A pesquisa evidenciou diversas categorias que o trabalho doméstico e a pobreza geracional compartilham e que intensificam o ciclo da pobreza e exclusão social. São elas: educação, saúde, gênero, etnia, renda, emprego e gerais. Assim, a educação precária, as dificuldades relacionadas à saúde, barreiras de etnia e gênero e condições precárias de emprego são fatores que vêm perpetuando a pobreza ao longo das gerações. Porém, é possível observar uma mobilidade entre as gerações. Esses avanços apresentam uma possibilidade de ruptura gradual do ciclo da pobreza geracional, sendo cruciais políticas públicas e ações que foquem na educação, saúde e melhores condições de trabalho de uma forma intersetorial, para promover uma mudança duradoura e significativa na vida de famílias que enfrentam a pobreza geracional.

Palavras-chave: Ascendente; Descendente; Trabalho doméstico; Desigualdade social

ABSTRACT

Generational poverty is one that can be characterized by the advancement of the socioeconomic level of parents and children as adults, usually measured by income. When there is an increase in socioeconomic status between generations, it indicates that there is socioeconomic mobility. However, those who are born into poor families tend to continue to have low socioeconomic status. The transmission of the vulnerabilities that poverty provides between generations is still a challenge for social actions, since the unequal transmission of poverty ends up becoming a barrier to social progress. Domestic work is a profession that has many aspects in common with generational poverty. Both generate exclusion in many social spheres and cause those who experience poverty and perform domestic work to find themselves in limbo, unable to progress socioeconomically. Thus, domestic work is a profession with its origins in slavery, and since then it has not been properly recognized in society. Thus, those who exercise it end up facing difficulties in supporting themselves and deal with challenges such as prejudice. Still, the profession can be known to be passed down between generations, a trait similar to generational poverty. This study aims to analyze the implications between entering and remaining in the profession of domestic worker and generational poverty in Santana do Livramento/RS. Specifically, it seeks to: a) characterize the workers and the domestic work performed; b) identify the aspects of generational poverty present in the history of domestic workers and in the generations of their families; c) to investigate the reproduction of domestic work among the families of female workers and d) to present the attributes of domestic work that reinforce and are reinforced by generational poverty. Methodologically, the research has a qualitative approach and is characterized as exploratory, carried out from a narrative study. The data collection techniques were interview, narrative and genoprofessional. Eleven interviews were conducted with domestic workers and five with descendants of domestic workers, totaling 16 narrative interviews, which took place between October 17, 2023 and January 15, 2024. On the other hand, the genoprofessional chart was carried out in the form of a drawing with eight research participants, four domestic workers and four descendants of domestic workers. Data were analyzed using Bardin's content analysis. The results indicate that there is a relationship between generational poverty and domestic work. The research highlighted several categories that domestic work and generational poverty share and that intensify the cycle of poverty and social exclusion. They are: education, health, gender, ethnicity, income, employment, and general. Thus, poor education, health-related difficulties, ethnic and gender barriers, and precarious employment conditions are factors that have perpetuated poverty over generations. However, it is possible to observe a mobility between the generations. These advances present the possibility of gradually breaking the cycle of generational poverty, and public policies and actions that focus on education, health and better working conditions in an intersectoral way are crucial to promote a lasting and meaningful change in the lives of families facing generational poverty.

Keywords: Ascendant; Descendant; Domestic work; Social inequality

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ciclo da pobreza geracional	32
Figura 2 - Ciclo da pobreza geracional das trabalhadoras domésticas	44
Figura 3 - Bairros do município de Santana do Livramento onde as domésticas residem	55
Figura 4 - Genoprofissiograma D8	75
Figura 5 - Genoprofissiograma D5	76
Figura 6 - Genoprofissiograma D10	77
Figura 7 - Genoprofissiograma D6	79
Figura 8 - Genoprofissiograma F2	80
Figura 9 - Genoprofissiograma F4	81
Figura 10 - Genoprofissiograma F1	82
Figura 11 - Genoprofissiograma F3	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese das concepções de pobreza.....	27
Quadro 2 - Fatores intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional.....	30
Quadro 3 - Evolução legislativa referente ao emprego doméstico.....	39
Quadro 4 - Características evidenciadas pela literatura presentes no trabalho doméstico e na pobreza geracional	41
Quadro 5 - Descrição das entrevistas com trabalhadoras domésticas e descendentes ..	49
Quadro 6 - Caracterização das trabalhadoras domésticas entrevistadas	53
Quadro 7 - Características dos familiares das trabalhadoras domésticas de Santana do Livramento/RS	56
Quadro 8 - Caracterização do trabalho das empregadas domésticas	57
Quadro 9 - Caracterização descendentes de Trabalhadoras domésticas Santana do Livramento/RS	60
Quadro 10 - Componentes familiares das entrevistadas em Santana do Livramento/RS	65
Quadro 11 - Componentes familiares descendentes	72
Quadro 12 - Idade da primeira gravidez das entrevistadas –Santana do Livramento/RS	85

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Problemas enfrentados pela população pobre no Brasil	25
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivos	18
1.1.1 <i>Objetivo Geral</i>	18
1.1.2 <i>Objetivos Específicos</i>	18
1.2 Justificativa.....	18
1.3 Estrutura da Dissertação.....	20
2 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE POBREZA E SUAS MÚLTIPLAS FACETAS.....	22
2.1 Pobreza: contexto histórico e evolução do conceito na literatura.....	22
2.1.1 <i>Pobreza Geracional: caracterização e conceitos</i>	29
2.1.2 <i>A face da pobreza: feminização da pobreza e seus determinantes</i>	32
3 TRABALHO DOMÉSTICO E POBREZA GERACIONAL: UM CICLO VICIOSO?.....	36
3.1 Trabalho doméstico: contexto histórico e progressão da profissão no Brasil.....	36
3.2 - O que há de comum entre a pobreza geracional e a profissão doméstica?.....	41
4 METODOLOGIA.....	45
4.1 Caráter, Abordagem e Método da Pesquisa.....	45
4.2 Técnicas de coleta de dados.....	46
4.3 Técnica de análise dos dados.....	50
5 TRABALHO IMPERCEPTÍVEL, POBREZA CONSTANTE: O CICLO VICIOSO DA POBREZA GERACIONAL E DO TRABALHO DOMÉSTICO EM SANTANA DO LIVRAMENTO/RS.....	52
5.1 Trabalho doméstico: caracterização sociodemográfica.....	52
5.1.1 <i>Implicações laborais do trabalho realizado pelas Domésticas em Santana do Livramento/RS</i>	57
5.2 Descendentes de trabalhadoras domésticas em Santana do Livramento: caracterização e implicações laborais.....	60
5.3 Análise dos desafios e persistências da pobreza geracional e do trabalho doméstico em Santana do Livramento.....	61
5.3.1 <i>Análise dos desafios e persistências da pobreza geracional nos descendentes das trabalhadoras domésticas em Santana do Livramento</i>	70

5.4 Reprodução do trabalho doméstico entre as famílias em Santana do Livramento/RS.....	74
5.4.1 Reprodução do trabalho doméstico entre os descendentes de domésticas em Santana do Livramento.....	79
6 ATRIBUTOS DA POBREZA GERACIONAL REFORÇADOS PELO TRABALHO DOMÉSTICO	84
6.1 Atributos da pobreza geracional reforçados pelo trabalho doméstico nos entrevistados centrais da pesquisa	84
6.2 Atributos da pobreza geracional que são reforçados pelo trabalho doméstico nos descendentes das trabalhadoras domésticas.....	91
6.3 O que há de comum entre a pobreza geracional e a profissão doméstica em Santana do Livramento/ RS?.....	95
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICE A.....	113
APÊNDICE B.....	117

1 INTRODUÇÃO

Em um cenário de países com índices cada vez maiores de vulnerabilidade, a compreensão acerca da desigualdade social perpassa fenômenos econômicos, sociais, políticos e culturais que derivam de cada um destes diferentes contextos, compreendendo que o principal gerador de desigualdade é a pobreza e o potencial crescente do estado de miséria e das disparidades sociais (Pitombeira; Oliveira, 2020). No Brasil, quando se trata de desigualdade social, é necessário entender que são milhões de pessoas vivendo em situação de pobreza e pobreza extrema¹(havia 33,5 milhões de brasileiros vivendo na pobreza em 2021 e 15,5 milhões na pobreza extrema); pessoas sobrevivendo com ¼ de salário-mínimo, ou nem isso (Souza; Silva, 2019; Neri, 2022).

A assimetria social presente no Brasil também pode ser evidenciada na alocação dos indivíduos no mercado de trabalho, diretamente relacionadas às posições econômicas dos indivíduos, resultando em uma desigual distribuição de bens, condição de vida, acesso à saúde e desvantagens sociais. Esses fatores atingem todas as faixas etárias e podem afetar especialmente a infância, trazendo consequências diretas de manutenção ou piora da situação socioeconômica na vida adulta dos indivíduos, inviabilizando o avanço em suas mobilidades sociais (Flor; Laguardia; Campos, 2014). Durante a vida, diferentes fatores de pobreza podem influenciar o cotidiano dos indivíduos, sendo ligados à exclusão social e à carência. Ainda, se um indivíduo enfrentou a pobreza na sua infância, tem uma propensão a ser pobre quando adulto, pois fatores nutricionais e de saúde podem afetar seu desenvolvimento pessoal, como oportunidades ligadas a educação, autoestima, bens materiais e mercado de trabalho (Cain, 2009)

A pobreza na infância predispõe frequentemente as crianças a permanecerem em situação de pobreza quando adultas, juntamente com outros fatores externos que podem operar para afetar o bem-estar social. As características intrafamiliares² e as dotações iniciais influenciam e ajudam a moldar a socialização do indivíduo, sendo seu ponto de partida para inserção na sociedade, alcance de bens e mercado de trabalho (Bird, 2007). Tal condição indica um contexto de pobreza geracional, o qual se refere à relação entre

¹ É considerado pobre aquele indivíduo que vive com menos de USD 3,20 por dia (equivalente a R\$ 289 mensais) e extremamente pobre aquele que vive com menos de USD 1,90 por dia (equivalente a R\$ 172 mensais) (López; Teixeira, 2020).

² Aquelas características de uma família e podem ser passadas de uns para outros dentro do círculo familiar (Bird, 2007).

posição socioeconômica dos pais e posição socioeconômica dos filhos quando se tornam adultos afetando a sua mobilidade (Tejada et al., 2015).

A pobreza geracional avalia as relações que podem existir entre uma geração e outra pela posição financeira dos pais. Em outro sentido, reflete até onde os indivíduos conseguem se deslocar para cima ou para baixo na escala social em comparação com seus pais (Tejada et al., 2015). Um dos principais fatores para a pobreza geracional persistir é pela presença de mulheres como líderes de família, pois elas necessitam arcar com todas as responsabilidades financeiras e com as tarefas do dia a dia que aumentam quando há presença de crianças na residência. Assim, podem ser observadas condições mais extremas de pobreza em residências onde há existência de filhos menores de 14 anos, sendo que a situação se agrava quando é uma mãe solo cuidando de um filho nessa idade, comparado com um pai chefe de família nessas condições (Leone; Maia; Baltar, 2010).

As mulheres acabam sendo as mais limitadas de tempo e recursos, devido a suas triplas cargas horárias de trabalho domésticos, cuidados com filhos e empregos. E, devido a essas triplas jornadas, acabam enfrentando a carência social por mais tempo (Silva, 2006). Conforme Couto (2007), as mulheres que enfrentam a pobreza são uma parcela vulnerável da população, pois, além da pobreza, o fato de ser mulher em um contexto patriarcal de divisão dos sexos as levam para um cenário de miséria, fome, falta de moradia, trabalho precário, falta de políticas eficazes, escassez de acesso a saúde, educação e lazer.

Para as mulheres, a combinação da vida profissional e cuidados com a casa gera empecilhos na área produtiva, como a difícil inserção no mercado de trabalho, salários mais baixos, entradas e saídas de serviços mais frequentes. Podendo associar essa rotina à realidade das trabalhadoras domésticas, que em sua maioria são mulheres pobres que na necessidade do acesso ao emprego, acabam saindo de suas casas para cuidar de lares de mulheres mais favorecidas socioeconomicamente (Agostinho; Saboia, 2011). No Brasil, no ano de 2018, existiam aproximadamente 6 milhões de pessoas ocupadas com o trabalho doméstico, sendo que dessa totalidade, 5,7 milhões eram mulheres e 3,9 milhões eram mulheres negras (Pinheiro et al, 2019).

As trabalhadoras domésticas, podem ser definidas como aquelas que prestam serviços de cuidados e manutenção em casa de pessoas, para adquirir alguma remuneração e assim desenvolvem um relacionamento entre patrão e empregadas que segmenta o gênero, em conjunto com a classe e a cor (Brites, 2017), uma vez que, que existe uma persistência das desigualdades sociais, de raça e gênero, bem como uma falta

de oportunidades no mercado laboral para mulheres com baixa escolaridade e baixa classe social, contribuindo para grande parcela da população realizar esses serviços domésticos no país (DIEESE, 2020).

O trabalho doméstico, no Brasil, é uma profissão exercida majoritariamente por mulheres, negras e descendentes de famílias pobres (Pinheiro et al., 2019). Segundo a lei n.º 15.911, de 22 de dezembro de 2022, no estado do Rio Grande do Sul, o piso salarial para a classe de trabalhadores domésticos ficou estipulado em R\$ 1.443,94 para um regime de trabalho de 44h semanais. No entanto, uma das maiores marcas da profissão é a informalidade e a persistência dela (Pinheiro et al., 2019).

Entre os anos de 2019 e 2020 ocorreu uma redução de trabalhadores domésticos com carteira assinada, de 1,6 para 1,1 milhões e sem carteira, de 4,3 para 3,4 milhões. Outro ponto importante para destaque é referente a média salarial, que além dos trabalhadores domésticos não receberem o piso, seus salários sofreram uma redução entre os anos de 2019 e 2020, indo de R\$ 924 para R\$ 876 em média, e trabalhando aproximadamente 52 horas semanalmente³ (DIEESE, 2020).

Conforme a Organização Mundial do Trabalho (2021), durante a pandemia da Covid-19, o emprego das trabalhadoras domésticas foi gravemente afetado. Representando um corte entre 25% e 50% de pessoal nas Américas. Nesta mesma época, a perda de empregos de outros trabalhadores assalariados foi menor do que 15% na maioria dos países. Tornando-se significativo destacar que existiam aproximadamente 75,6 milhões⁴ de trabalhadores domésticos com 15 anos ou mais em todo o mundo no ano de 2019.

É perceptível a predominância da população negra exercendo o trabalho doméstico, ao mesmo passo, que a profissão é desvalorizada, tanto por ser desenvolvida majoritariamente por mulheres, como pela falta de formalidade e salários dignos. Outra das contradições de classe e raça que está presente no trabalho doméstico é a apropriação do tempo de trabalho como um elemento central no cotidiano. Devido ao trabalho

³ O movimento pode ser explicado como reflexo da Proposta de Emenda à Constituição conhecida como PEC das Domésticas, que foi instituída em 2013 para assegurar a maioria dos direitos trabalhistas presentes na Constituição brasileira para as trabalhadoras domésticas. Porém, ocasionou a diminuição de trabalhadoras mensalistas com um aumento abrupto das diaristas, como forma de burlar a lei e as domésticas continuarem sem os direitos assegurados (Fraga; Monticelli, 2021). Também pela pandemia de Covid-19, a qual se apresentou como um dos maiores desafios para a sociedade, acarretando um crescente aumento do desemprego e da fome, atingindo grande parcela brasileira (Werneck; Carvalho, 2020; Costa; Rizzotto; Lobato, 2021).

⁴ O número caracteriza as populações combinadas da Cidade do Cabo, Hong Kong, Nova York, Cidade do México e São Paulo.

doméstico ser uma demanda incessante, ou seja, quanto mais tempo a empregada doméstica se dedica, mais liberado é o tempo de trabalho doméstico dos patrões. Fazendo com que o trabalho da empregada diminua as tensões da divisão sexual do trabalho nos espaços familiares, mas não altere essa divisão, servindo de elemento para constituir essa reprodução de que o lugar da mulher é nos afazeres domésticos (Ávila; Ferreira, 2020).

O processo de desigualdade social que coloca o trabalho doméstico como uma forma de trabalho menos valorizada vem desde a época da colonização do Brasil, no sentido em que as mulheres escravas libertas migravam para essas funções (Ribeiro Filho; Ribeiro, 2016). Muaze (2016) ressalta que a profissão doméstica mantém resquícios de desvalorização, tanto culturalmente quanto economicamente, impedindo o avanço socioeconômico de quem a executa. Um fator que surge dessa realidade é a transferência do trabalho doméstico para as crianças, por situações adversas serem criadas em lares pobres, em que a frequente ocupação de mulheres é como doméstica, assim, proliferando a profissão (Agostinho; Saboia, 2011). Deste modo, diante do exposto, a presente pesquisa possui a seguinte questão norteadora: quais as implicações do ingresso e permanência na profissão de empregada doméstica para a persistência da pobreza geracional em Santana do Livramento/RS?

O município de Santana do Livramento está situado na Metade Sul do Rio Grande do Sul, a qual possui um recorte territorial de 106 municípios, abrigando cerca de 25% da população gaúcha, respondendo por menos de 20% do Produto Interno Bruto (PIB) do Estado. A região apresenta profundo processo de estagnação, sendo objeto de programas de desenvolvimento regional em esfera nacional (Coronel; Alves; Silva, 2007; Carginin, 2014).

A Metade Sul do estado gaúcho é uma região com um baixo dinamismo, que pode ser caracterizada por ter um perfil limitador referente à baixa variedade de produtos oriundos da agropecuária, além do pouco empreendedorismo da região. Esses fatores somados acarretam a dificuldade de gerar empregos, bem como em uma dependência de setores de produção primária e de serviços na produção de riquezas (Coronel; Alves; Silva, 2007; Da Luz; Brizolla; Garcia, 2017). Santana do Livramento está localizado na divisa com Rivera, no Uruguai, possuindo uma população estimada de 84.421 habitantes, distribuída numa área de 6.946,407 km² (IBGE, 2023).

1.1 Objetivos

A partir do exposto no texto introdutório, serão propostos os objetivos do estudo, a iniciar pelo geral e em seguida, os específicos.

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar as implicações entre o ingresso e a permanência na profissão empregada doméstica e a pobreza geracional em Santana do Livramento/RS.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar as trabalhadoras e o trabalho doméstico realizado;
- Identificar os aspectos de pobreza geracional presentes na história das trabalhadoras domésticas e nas gerações de suas famílias;
- Averiguar a reprodução do trabalho doméstico entre as famílias das trabalhadoras;
- Apresentar os atributos do trabalho doméstico que reforçam a e são reforçados pela pobreza geracional.

1.2 Justificativa

O trabalho doméstico é uma das categorias trabalhistas que, embora seja caracterizado pela invisibilidade entre a cultura dominante e as marcas da história brasileira, emprega diversas mulheres, principalmente negras (Maneschy, 2022). Assim, pesquisar o trabalho doméstico se justifica pela desvalorização da profissão tanto socialmente quanto economicamente em relação à remuneração e aos direitos trabalhistas e por continuar sendo uma das principais formas de inserção de mulheres no mercado de trabalho (DIEESE, 2020). Ainda, o trabalho doméstico é associado à mão de obra barata, num sistema indissociável no qual o esgotamento e cansaço, sobretudo de mulheres, em uma sociedade capitalista, se torna abstrato e invisível.

O estudo sobre os problemas enfrentados pelas trabalhadoras domésticas tem sua relevância quando busca explicar as vulnerabilidades que essa classe de trabalhadoras enfrenta, por praticarem serviços culturalmente não valorizados e identificar através de

suas famílias o que pode contribuir ou não para o trabalho doméstico ser passado entre as gerações. Bule (2023) destaca que a discussão em torno de identificar as circunstâncias responsáveis por transmitir a pobreza de uma geração para outra de forma absoluta tem gerado maiores debates e formas de conscientização dos governos responsáveis, para entender as consequências de não proporcionar uma educação de qualidade e de fácil acesso, bem como outros serviços básicos e necessários para a formação do capital humano para todos.

Nesse sentido, estudar a pobreza geracional das trabalhadoras domésticas é relevante em razão de permitir analisar as barreiras estruturais que limitam a mobilidade social e econômica das domésticas e de suas famílias. Ainda mais no município de Santana do Livramento que possui como característica uma média salarial de dois salários-mínimos⁵ para a população ocupada, que no ano de 2020 era um total de 15.255, representando em média 20% da população total (IBGE, 2023). Equivalente a um número baixo de pessoas ocupadas, em um cenário em que a profissão de doméstica se destaca na informalidade (Pinheiro et al., 2019). Ainda, Antunes e Saldanha (2022) destacam a escassez de oportunidade de empregos para mulheres no município.

Fomentar o estudo sobre a pobreza geracional das trabalhadoras domésticas, na área da administração, revela-se necessário, devido à união dessas duas temáticas ainda ser incipiente no contexto a ser pesquisado considerando as vivências de gerações passadas e futuras de mulheres que exercem a profissão de domésticas, correlacionando com a pobreza geracional. Desta forma, Martos (2016) ressalta que as pesquisas analisando a transmissão da pobreza geracional estão em seu princípio. No entanto, ressalta-se o conhecimento de alguns dos estudos sobre trabalho doméstico na área da administração como os de Teixeira e Silva (2020) “As artes de fazer cotidianas de trabalhadoras domésticas inseridas em micro dimensões organizativas da vida social”, no qual os autores discorrem sobre o dia a dia de trabalhadoras domésticas; Teixeira, Saraiva e Carrieri (2015) “Os Lugares das Empregadas Domésticas”, o qual visa dialogar acerca do lugar da empregada doméstica e o de Onuma, de Oliveira e Amâncio (2022) “Raízes da Exaustão de Mulheres Trabalhadoras Brasileiras: Contribuições do Materialismo Histórico Dialético”, na qual analisa as raízes de exaustão das trabalhadoras domésticas, entre outros.

⁵ No ano de 2020, o salário-mínimo era de R\$ 1.045 (Senado, 2022).

Também foi realizada uma busca em periódicos como Web of Science, Scopus, Google Acadêmico, Spell, usando termos de busca como “Pobreza Geracional, ‘Pobreza Geracional e Trabalho doméstico”, durante a realização da escrita do referencial teórico para a procura de materiais relacionados a temática. Destaca-se o conhecimento de alguns estudos mais relevantes sobre à temática, como o de Silva (2020), “Mobilidade intergeracional de ocupação das filhas de trabalhadoras domésticas nas grandes regiões brasileiras” que realizou uma pesquisa com dados secundários para medir a mobilidade intergeracional das filhas de trabalhadoras domésticas. Motta (2018), “Análise da produção do ciclo intergeracional de pobreza nas favelas do Rio de Janeiro” neste estudo, foi analisada a pobreza intergeracional a partir das gerações G1, G2 e G3 na favela do Rio de Janeiro. E o estudo de Koerich (2013), “De mãe para filha: rupturas e continuidades de trajetórias familiares em trabalho doméstico”, no qual investiga se as filhas das trabalhadoras domésticas continuam na mesma profissão que as mães na cidade de Porto Alegre. Com base nisso, a presente pesquisa justifica-se na medida em que investigará as duas temáticas em conjunto, buscando a sua ligação teórica e empírica.

Metodologicamente, o estudo se justifica na abordagem qualitativa pela incipiência do tema e necessidade de aprofundamento com dados oriundos de estudos empíricos. Quando uma temática de pesquisa se encontra em uma perspectiva mais inicial, os estudos qualitativos permitem ao pesquisador encontrar subsídios novos e complementares, que permitirão, no futuro, o desenvolvimento pleno da temática em questão.

O estudo, ainda, possui motivações pessoais, em função da acadêmica vivenciar a rotina de familiares atreladas com o trabalho doméstico e compreender as dificuldades presentes e inerentes à profissão. Dessa forma, por estar inserida em um núcleo familiar no qual a profissão foi e continua sendo executada por mulheres da família, destaca-se o conhecimento da vulnerabilidade e outras situações atreladas à profissão. Tornando-se pertinente também elencar, ser a primeira de uma longa linhagem de primos com um diploma universitário.

1.3 Estrutura da Dissertação

A presente dissertação está dividida em sete capítulos, a contar com este texto introdutório, que expôs a problemática, os objetivos e justificativa do estudo. O segundo e terceiro capítulo apresentam a fundamentação teórico-conceitual que corrobora com as

propostas indicadas, expondo as discussões sobre pobreza, pobreza geracional, pobreza feminina e trabalho doméstico. O quarto capítulo aborda os procedimentos metodológicos, que constituem a base para a execução do estudo, contendo aspectos que envolvem o caráter e a abordagem da pesquisa, além de apresentar as técnicas de coleta e os procedimentos a serem realizados para a análise dos dados. O quinto e o sexto que apresentam os resultados da pesquisa de campo e o sétimo que apresenta as considerações finais.

2 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE POBREZA E SUAS MÚLTIPLAS FACETAS

A construção do capítulo teórico está abalizada na discussão da evolução do conceito da pobreza na literatura, do surgimento, nas suas diferentes definições e suas múltiplas facetas. Também discorre acerca da pobreza geracional e sobre os fatores que a impactam, podendo ser intrafamiliares e extrafamiliares, e por fim apresenta uma discussão sobre a pobreza feminina, demonstrando a fragilidade das mulheres perante diversos fatores socioeconômicos. Dessa forma, na próxima seção, são apresentados os distintos conceitos e desdobramentos teóricos da pobreza.

2.1 Pobreza: contexto histórico e evolução do conceito na literatura

A discussão sobre pobreza iniciou nos países desenvolvidos, após o período de reconstrução do pós-guerra, e o alerta dos cientistas sociais para a problemática de sobrevivência de grupos menos favorecidos, em resposta a discursos triunfalistas políticos. Tratava-se de um alerta para situações de privações dos indivíduos, em que as questões de sobrevivência física não estavam em jogo, levando a se questionar o que era pobreza (Rocha, 2006).

Adam Smith e seus seguidores, foram os precursores de que a noção de pobreza e miséria poderiam desaparecer, com a modernização e o crescimento econômico, se os governos e a população fossem sensatos para não ir contra as tendências dos indivíduos. Nessa mesma época, na Inglaterra estava ocorrendo uma greve e um processo de desordem social, que tiveram início no século XVI, onde foram destruídos os meios que garantiam o sustento dos agricultores, uma vez que foram cercados os campos abertos nas zonas rurais, intensificando a Revolução Industrial no século XVIII. Em vez de bem-estar, o crescimento econômico estava criando pobreza e sofrimento, onde a migração em direção aos centros industriais pela população rural estava em alta (Schwartzman, 2004).

As Monarquias Tudor do século XVI encontraram um sistema para lidar com essa nova miséria que surgia na época, a partir de medidas que fossem além da cobiça, a vadiagem, pois, conforme sua interpretação, a fome e pobreza da época era por escolha de não trabalhar e ser pedinte. Nesse sentido, dezenas de estatutos ao longo do século XVI se encarregam de classificar paróquias como as unidades administrativas autônomas para prestação de socorro ao pobre, conferindo às autoridades locais poderes para coletar

impostos para arcar com essas atividades. Assim, a Coroa não necessitaria usar seus próprios recursos com essas finalidades (Bastos, 2018).

A partir das medidas tomadas pelas Monarquias e o início da discussão sobre pobreza na Inglaterra, foi iniciada a organização do trabalho mediante a Poor Law (Lei dos Pobres) e do Statute of Artificers (Estatuto dos Artífices) (Polanyi, 2000). A Lei dos Pobres foi aplicada de 1536 até 1601, constituindo, a partir de suas emendas, o código de trabalho da Inglaterra. Já o Estatuto dos Artífices se constitui na metade de 1563, fazendo frente àqueles que estavam empregados, enquanto a Lei dos Pobres era aplicável àqueles que estavam desempregados e incapazes de se empregar em idade laboral (Polanyi, 2000).

Na década de 1830, foi realizada uma reestruturação na Lei dos Pobres, devido ao debate da questão fabril, que estava analisando os impactos da indústria moderna sobre o corpo social, em especial sobre a pobreza e suas múltiplas facetas, pois, mesmo com a industrialização a miséria ainda acontecia para a classe trabalhadora. Deste modo, conforme a Revolução Industrial se encaminha para o fim, entre 1830 e 1840, aconteceu um crescente grau de conturbações ligadas aos interesses antagônicos clássicos enquanto havia contradições sobre o desenvolvimento da indústria capitalista. Posteriormente, à Lei dos Pobres, em meados de 1890, foi cunhada a ideia de subsistência, na qual se referia que qualquer pessoa ou família que não conseguisse ter uma renda suficiente para suas necessidades físicas, como a alimentação, seria considerada pobre (Codes, 2008; Bastos, 2017a).

Um século depois, a sociedade moderna estava sendo comandada pela prosperidade de mercado, chegando ao seu ápice em 1914. O movimento de mercado compreendia todo o planeta Terra e seus habitantes, marcando uma nova era. No entanto, ao mesmo tempo, ocorria um contra movimento, demonstrando um comportamento defensivo contra os avanços que estavam ocorrendo na sociedade. Uma das grandes mudanças ocorridas foi referente à categorização e comercialização dos serviços prestados pelo homem (passaram a chamar-se mão de obra). A natureza também foi comercializada nesse contexto, sendo comprada e vendida ao preço do aluguel (Polanyi, 2000). Ainda nos anos de 1914, Corrado Gini desenvolveu um medidor de desigualdade utilizado para estimar um grau de concentração de renda entre grupos, ou seja, apontando a diferença de rendimento entre pobres e ricos (Rocha, 2006).

Na década de 1970, há um reconhecimento das instituições voltadas para o desenvolvimento financeiro, referente a questões básicas como desigualdade social e a pobreza. Pois, estas, não estavam sendo reconhecidas com o crescimento econômico, nem

nos casos de sucesso, ficando evidente que taxas adequadas de expansão não chegavam para toda a sociedade. Como consequência dessas constatações ocorreu mudanças no núcleo das políticas econômicas dominantes, mas no sentido de repensar o processo de crescimento econômico, não de colocar como centro da questão políticas de assistencialismo (Rocha, 2006).

Em 1978, o Banco Mundial lança o Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial, que dava ênfase para aproximadamente 800 milhões de pessoas vivendo na pobreza absoluta em países considerados em desenvolvimento. Caracterizando a pobreza absoluta como a insuficiência de renda para garantir o mínimo necessário para a sobrevivência dos indivíduos como: nutrição, saneamento básico, educação e saúde (World Bank, 1978).

No ano de 1979, é lançado o Relatório de Desenvolvimento Mundial 2000/1 sobre Pobreza e Desenvolvimento no Brasil⁶ envolvendo 23 países ao redor do mundo. No total foram 632 pessoas pobres que participaram do estudo de forma qualitativa com discussões e entrevistas, acerca de três questões pautadas: bem-estar e questões que podem o influenciar (segurança, coesão social, exclusão social, risco, vulnerabilidade); análise institucional, confiança e avaliação de diferentes órgãos, mudanças de gênero na composição familiar e por fim, problemas e preocupações prioritárias que afetam essa população (World Bank, 1979). Após a coleta de dados, um demonstrativo dos problemas que mais afetavam os pobres foi apresentado pelo Banco Mundial, como ilustrado na tabela 1.

⁶ É o primeiro esforço de pesquisa comparativa em grande escala usando métodos participativos para focar nas vozes dos pobres. É também a primeira vez que o Relatório do Desenvolvimento Mundial se baseia na pesquisa participativa de forma sistemática

Tabela 1 - Problemas enfrentados pela população pobre no Brasil⁷

Ordem	Problemas
1°	Desemprego
2°	Falta de moradia
3°	Mau atendimento nos hospitais e unidades comunitárias de saúde
4°	Falta de segurança e policiamento
5°	Drogas
6°	Violência
7°	Falta de saneamento
8°	Falta de água
9°	Falta de creches
10°	Insegurança na posse de terra
11°	Falta de programas de formação e aprendizagem
12°	Falta de escolas

Fonte: Elaboração própria com base em World Bank, 1979.

O desemprego é pautado como o problema que mais afeta as comunidades pobres, bem como falta de moradia digna, falta de saneamento básico, ao mesmo tempo que sofrem com o atendimento precário de saúde. Nesse sentido, a comunidade afirma que o governo é o principal responsável por essa falta de oportunidades e de vida íntegra (World Bank, 1979).

No ano de 1990, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) lançou o Relatório do Desenvolvimento Humano (UNDP, 2010), sendo um marco para o desenvolvimento dos países. A coordenação do projeto foi realizada por Mahbub ul Haq, um economista paquistanês, com inspirações na abordagem de Amartya Sen⁸. O intuito do Relatório do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) era demonstrar que o desenvolvimento de um país não deveria ser medido somente por sua renda nacional, (medida utilizada por muito tempo), mas sim pela expectativa de vida e alfabetização,

⁷ Os problemas apresentados pelo Banco Mundial foram elencados na década de 1970. Em 2023 esses problemas aumentaram e se modificaram, como por exemplo: a falta de acesso à internet, que ficou evidenciado na pandemia de Covid-19, durante o isolamento social, entre outros que não existiam no século passado (CASTIONI et al., 2021).

⁸ A abordagem utilizada por Sen é denominada de "abordagem das capacitações", concebendo a vida humana como um conjunto de "atividades" e de "modos de ser" podendo ser denominadas de "efetivações" (Sen, 1993).

fatores que já estavam disponíveis para serem coletados na maioria dos países (UNDP, 2010).

Rocha (2006) aponta que o IDH serviu para abandonar a restrição apenas à renda como medidor de pobreza que anteriormente era utilizado. Porém, somente o IDH não trouxe uma solução adequada para a comparação e monitoramento dos índices da pobreza nos diversos países. Apesar de absorver diversas dificuldades, os indicadores utilizados no IDH são médias que mascaram a ocorrência de situações extremas associadas ao bem-estar entre indivíduos.

A abordagem das capacitações do economista Amartya Sen permitiu analisar a pobreza de uma forma mais ampla, sobre suas múltiplas facetas. O autor acredita que a vida é um conjunto de atividades de modo de ser, que são valiosas, sendo que a avaliação da qualidade da vida é a forma pela qual se deve mensurá-la. A avaliação de qualidade de vida não pode ser realizada levando em conta as mercadorias ou rendimentos que auxiliam para o desempenho das atividades, ou para aquisição de capacitações, como ocorre na mensuração da qualidade de vida baseada em mercadorias, que o autor nomeia como “uma confissão de meios e fins” Nesse sentido, a abordagem proposta por Sen, consiste em avaliar as várias efetivações na vida humana (Sen, 1993).

Uma pessoa indigente, levando uma vida muito pobre, poderia não estar mal em termos de utilidade medida pelo seu estado mental, caso se verificasse que essa pessoa aceita sua situação com silenciosa resignação. Em situações de privação por longos períodos, as vítimas não persistem em queixas contínuas, com frequência fazem grandes esforços para tirar prazer das mínimas coisas e reduzem seus desejos pessoais a proporções muito modestas, "realistas". A privação da pessoa pode não ser captada por escalas de prazer, autorrealização etc., mesmo que ela não consiga alimentar-se adequadamente, vestir-se decentemente, ser minimamente educada e assim por diante (SEN, 1993, p.2).

O enfoque da abordagem das capacitações pode ser apurado com sistemas baseados em mercadorias, mas também com avaliações baseadas em critérios de utilidades. A noção de valor é invocada implicitamente ou explicitamente com a economia do bem-estar, percebendo que o valor, na utilidade individual, é definido em termos de uma condição mental, como: o prazer; a satisfação; a felicidade (SEN, 1993). Nesse sentido, entende-se a pobreza como algum tipo de privação que pode ser de cunho material ou abranger fenômenos culturais e sociais, perante os recursos disponíveis para cada indivíduo e sua família, assim, essa privação pode ser de natureza absoluta, relativa ou subjetiva (Kageyama; Hoffmann, 2006). A pobreza tem múltiplas facetas, tornando-se pertinente destacar no quadro 1 suas diferentes concepções presentes na literatura.

Quadro 1 - Síntese das concepções de pobreza

Marco	Período	Noção	Autores
Lei dos Pobres	1536	A lei dos pobres surgiu para dar amparo para o grande número de pobres que estava surgindo, sendo o primeiro sistema oficial visando amparar os necessitados. Onde pobreza na época significava o mesmo que ser indigente, ser um povo comum, aquele que necessitava de auxílio para sobrevivência.	(Polanyi, 2000); (Codes, 2008); (Bastos, 2017 ^a); (Bastos, 2018).
Subsistência	1890	A ideia de subsistência ⁹ foi cunhada na Inglaterra por volta de 1890 em pesquisas levadas realizadas nutricionistas. Após a Segunda Guerra veio a necessidade de justificar as baixas taxas de assistências, assim, Beveridge atribuiu uma nova interpretação ao conceito. No entanto, é pertinente ressaltar que a noção de subsistência para conceituar a pobreza é objeto de críticas, a principal sendo porque dentro desta abordagem as necessidades dos indivíduos se restringem a demandas físicas.	(Codes, 2008).
Índice de Gini	1914	É um índice de desigualdade proposto por Corrado Gini em 1914, utilizado para demonstrar as desigualdades através da renda.	(Rocha, 2006).
Banco Mundial	1940	O Banco Mundial adotou o valor monetário de US\$ 1 OU US\$ 2 para comparar a pobreza dentro dos países e entre eles. Um exemplo utilizado no Brasil era o salário-mínimo para essa comparação (que na época de sua criação ainda era suficiente para suprir as necessidades básicas do povo brasileiro).	(Rocha, 2006).
Necessidades Básicas	1950	A abordagem das necessidades básicas começou a ser utilizada em 1950, no entanto, foi em 1970 que ganhou maior aplicação. A sua ideia era de que o progresso social poderia ser alcançado por meio das necessidades dos indivíduos e pelo crescimento econômico.	(Rocha, 2006); (Codes, 2008).
Abordagem Multidimensional	1980	Amartya Sen propôs com sua abordagem que a avaliação da desigualdade seja feita levando em conta a pluralidade dos espaços qual a desigualdade pode ser apresentada com os diferentes aspectos e características que os indivíduos possuem e estão inseridos na sociedade.	(Sen, 2008).
IDH	1990	A PNUD em 1990 lançou o primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano, pela necessidade de o desenvolvimento dos países não ser medido mais somente pela renda medida que era adotada até então (começou a ser medida pela expectativa de vida e alfabetização). Após esse marco histórico	(UNDP, 2010).

⁹ Pode-se afirmar que o padrão de subsistência descende daquele tratamento dado aos pobres na época das “*Poor Laws*”, quando suas necessidades eram medidas por quantidades de pão, farinha de pão ou dinheiro equivalente (Codes, 2008, p.11).

		anualmente conseguimos acompanhar o IDH dos países.	
Absoluta, relativa ou subjetiva	1990	Os critérios para definição de pobreza absoluta são os mais utilizados entre as três definições. Pobreza absoluta é definida quando os indivíduos têm menos do que o moralmente aceitável para uma vida digna. Já a pobreza relativa é definida como ter menos do que os outros indivíduos da sociedade em que se vive. Por fim, a pobreza subjetiva pode ser caracterizada como a situação em que uma pessoa não tem o suficiente para continuar vivendo de maneira satisfatória.	(Rocha, 2006); (Kageyama; Hoffmann, 2006).
Pobreza Geracional	2007	A pobreza Geracional é aquela que pode ser passada de pai para filho, devido sua situação socioeconômica. Podendo existir fatores interfamiliares e extrafamiliares que contribuem para esse fenômeno.	(Bird, 2007).

Fonte: Elaboração própria com base na bibliografia consultada (2023).

O entendimento de pobreza vem se diferenciando, desde a noção de conter os “indigentes” da Lei dos Pobres, passando pelo estágio em que era somente medida monetária, até que chegasse à compreensão do fenômeno complexo que são as múltiplas faces da pobreza (Codes, 2008). Amartya Sen aponta que a pobreza é vista como a privação de alguma satisfação de capacidades elementares para o bem-estar e sobrevivência dos indivíduos (SEN, 2008).

Nesse sentido, medir a pobreza via indicadores multidimensionais é fundamental tanto para uma análise mais apurada das necessidades básicas dos indivíduos como para a avaliação e focalização de programas sociais. Tendo em vista que os indivíduos são plurais e únicos e cada um tem suas peculiaridades e diferenças. Assim, um programa pode ter impacto positivo e negativo em diferentes dimensões da vida de seus beneficiários, pois as preocupações que são apresentadas precisam abranger toda uma população. Assim, criar um programa para beneficiar a todos se a pobreza é multidimensional se torna um desafio (Barros et al., 2006).

A abordagem multidimensional da pobreza não exclui a monetária, mas sim acrescenta uma perspectiva mais contextualizada a ela. Deste modo, a abordagem das capacitações¹⁰ tem suas potencialidades nos contextos sociais, culturais e pessoais dos indivíduos, fazendo com que ele seja seu ativo e guia de desejos, felicidades e estados

¹⁰ Abordagem de Amartya Sen (SEN, 1993).

mentais, aqueles que indicam satisfação e insatisfação quanto a renda, gastos e consumos (Moura et al., 2014).

Nesse sentido, a presente pesquisa adota como concepção de base a abordagem de Amartya Sen, no entendimento que não existe somente um fator para um indivíduo se tornar privado, mas sim uma variedade de fatores e circunstâncias levando em consideração a complexidade da realidade social. Isso posto, no próximo tópico, será tratado sobre pobreza geracional, sendo um tema que envolve a compreensão de múltiplas influências intrafamiliares e extrafamiliares, os quais podem levar à reprodução socioeconômica ao longo das gerações.

2.1.1 Pobreza Geracional: caracterização e conceitos

A pobreza geracional pode ser caracterizada pelo grau da posição socioeconômico dos pais e o nível socioeconômico dos filhos quando adultos, usualmente medida pela renda. Desta forma, quando há uma forte associação entre os níveis de rendimentos de ambos, indica uma baixa mobilidade geracional. Destarte, aqueles nascidos em famílias pobres tendem a continuar com baixos níveis socioeconômicos (Blanden; Gregg; Macmillan, 2007).

A transmissão da pobreza e das vulnerabilidades de uma geração para outra foi e continua sendo um desafio para as ações sociais e políticas públicas que trabalham em prol de melhores condições de vida à população carente. A transmissão desigual e a exclusão social acabam se tornando uma barreira no progresso ao desenvolvimento social. Assim, a pobreza geracional é um campo difícil de atuar em prol de ações sociais, devido ao risco de aplicar ações que não sirvam para coibir essa transmissão intergeracional com diversos fatores envolvidos (Cueto et al., 2019).

O estudo de Martos (2016), realizado na Espanha¹¹, relata que para falar sobre a transmissão geracional da pobreza, é necessário analisar o contexto da pobreza infantil e familiar. Tornando-se uma análise atual, uma vez que os números de exclusão de pobreza e vulnerabilidade infantil estão crescendo. Visto que o destino dos indivíduos é determinado pelos obstáculos que enfrentam antes de chegarem ao sistema educacional, é importante garantir melhores oportunidades de ensino para crianças para tentar romper o ciclo da pobreza.

¹¹ Acredita-se que se aplique para a realidade brasileira, uma vez que a Espanha é mais desenvolvida em vários aspectos que o Brasil (Soares; García; Carbonell, 2023).

Kate Bird (2007) destaca que a pobreza geracional é causada por diversos fatores, os quais podem ser intrafamiliares, (aqueles que acontecem no núcleo familiar, estando restrito ao contexto familiar e de pessoas que dividem a mesma casa, por alguma relação de parentesco), e extrafamiliares (aqueles que tem sua origem independente da organização familiar, mas são uma consequência dela e afetam seu cotidiano). Nesse sentido, no quadro 2, serão destacados os fatores intrafamiliares e extrafamiliares que podem afetar a pobreza geracional.

Quadro 2 - Fatores intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional

Pobreza Geracional	Características
Fatores Intrafamiliares	Escolaridade correlacionada com a renda dos responsáveis.
	Saúde dos indivíduos.
	Alimentação familiar.
	Número de componentes familiares.
	Desnutrição materna durante a gravidez.
	Renda familiar.
	Acesso a bens materiais.
	Meio de subsistência.
	Educação dos pais/ cuidadores.
	Estabilidade emocional familiar.
	Pais/ cuidadores bem nutridos e saudáveis.
	Agregados familiares liderados por idosos tendem a ter desempenhos menores.
	Trabalho infantil- É mais provável que as crianças sejam trabalhadoras infantis se seus pais tiveram educação limitada e trabalharam quando crianças.
Fatores extrafamiliares	Conflitos na sociedade.
	Baixa participação na sociedade.
	Acesso ao mercado de trabalho.
	Questões culturais e psicossociais.
	Baixas aspirações.
	Aspirações individuais de indivíduos que sofrem pobreza são ligadas há sociedade e ao mérito que elas intitulam para aquele indivíduo.
	Discriminação por ser pobre.
	Classe, sexo e etnia.
	Gênero.
	Influências Políticas.
	Influências de redes sociais.
	Culturas da pobreza: sugerem que os pobres têm uma cultura diferente do resto da sociedade caracterizada por atitudes, valores e comportamentos desviantes.
	Trauma da exposição à violência, violência sexual, perda e deslocamento podem ter impactos de longo prazo tanto nos pais quanto nos filhos.
	A violência da guerra e do terrorismo pode resultar em eventos de vida negativos compostos, incluindo a perda de entes queridos, deslocamento, falta de estrutura educacional e mudanças drásticas na rotina diária e nos valores da comunidade.
Ambiente e interações sociais que o indivíduo está inserido.	

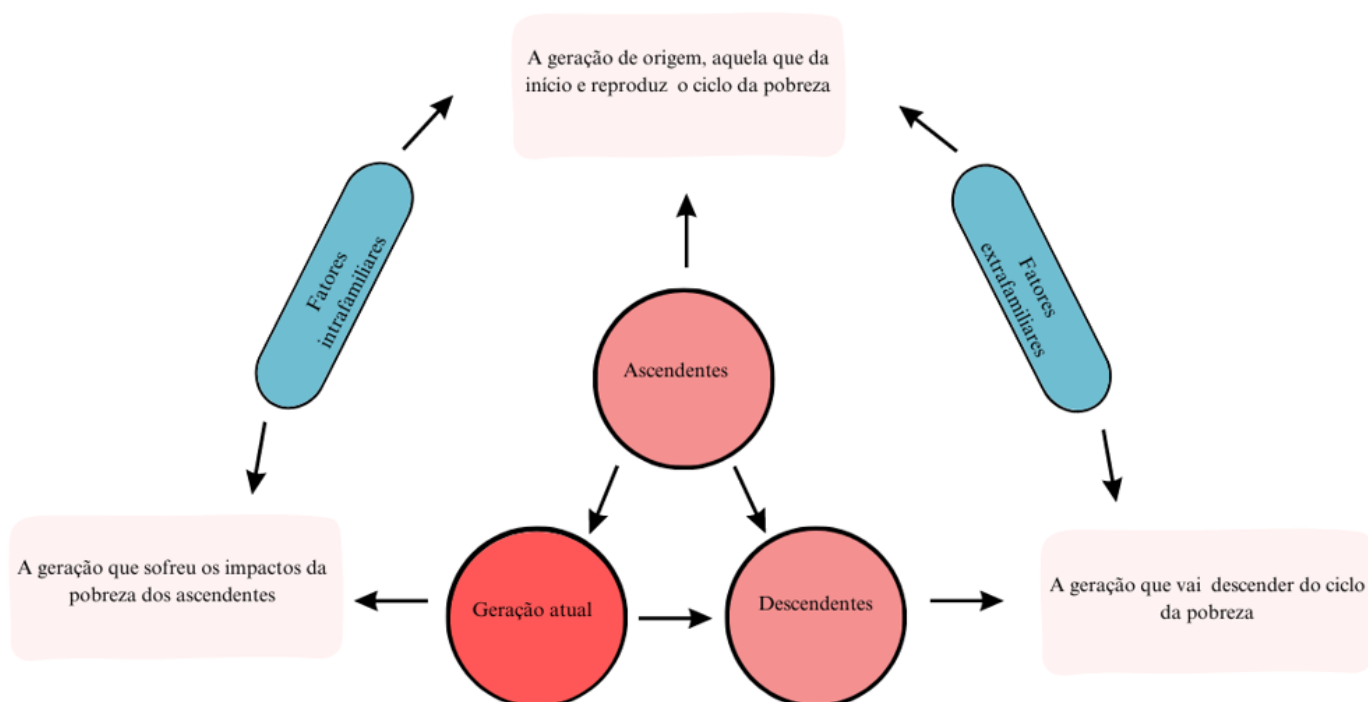
Fonte: Elaboração própria a partir de Bird (2007).

Bird (2007) afirma que as características intrafamiliares e extrafamiliares dos indivíduos, juntamente com o seu status na sociedade, são os determinantes que podem resultar no acesso de diferentes recursos ao longo do ciclo da vida para cada indivíduo. A distribuição desigual de bens, trabalho e tempo são determinantes sistemáticas na hora da formação do capital humano dos membros de cada família. Cueto et al. (2019) ainda destacam alguns elementos que facilitam a transmissão da pobreza geracional, como:

- Pobreza econômica, o investimento econômico reduzido que os pais fazem no desenvolvimento pessoal e educacional das crianças, a escassez ou desajuste de atenção dos pais às necessidades educativas dos filhos.
- A incapacidade do sistema educacional de gerar igualdade de oportunidade real, fraco rendimento acadêmico, abandono escolar precoce.
- Dificuldade de inserção laboral, capital social enfraquecido ou falta de capacidade para fornecer suportes estrategicamente eficazes, ambientes com vulnerabilidades homogêneas que constroem espaços culturais diferenciados.
- O limitado poder integrador das políticas sociais, benefícios sociais fragmentados e pouco orientados para promoção da pessoa e familiar (Cueto et al., 2019, p.6).

É pertinente destacar que quanto maior o investimento no capital humano que os pais fazem para os filhos, maior será seu desenvolvimento na sociedade como indivíduo, tendendo a romper o ciclo. Assim como, quanto menor o investimento, maior será o grau de transmissão geracional de pobreza e outras características familiares (Tajeda et al., 2015).

Conforme Bule (2023) uma medida para reduzir os níveis de transmissão geracional da pobreza pode ser através do aumento dos níveis de ensino e das qualificações dos indivíduos. Sendo necessário para o rompimento do ciclo da pobreza, as autoridades governamentais conhecerem a realidade e dinâmicas que o geram, para poder trabalhar na formulação de políticas eficazes e que consigam abranger todas as nuances da situação das famílias. Na figura 1, será demonstrado o ciclo da pobreza e como ele pode afetar gerações futuras e passadas.

Figura 1 - Ciclo da pobreza geracional

Fonte: Elaboração própria com base na literatura consultada (2023).

A figura 1 evidencia que a pobreza geracional é influenciada por fatores intrafamiliares e extrafamiliares, os quais vão se constituindo nos núcleos familiares e se propagando de gerações em gerações. Como destacado por Bird (2007), um dos fatores extrafamiliares que pode afetar a pobreza geracional é a questão de gênero, deste modo, na próxima seção apresentam-se elementos sobre a pobreza feminina, que se dá porque as mulheres são mais vulneráveis em diversos aspectos da vida, apenas por serem mulheres.

2.1.2 A face da pobreza: feminização da pobreza e seus determinantes

As relações de gênero são entendidas como uma construção social baseada na diferenciação biológica dos sexos, o que acarreta relações de poder e subordinação, trazendo como consequência a discriminação entre funções e atividades desempenhadas por homens e mulheres (Silva, 2012). Sob a perspectiva de Butler (2014) as desigualdades de gênero são um processo pedagógico que se inicia no nascimento e são contínuas ao longo da vida, sendo reforçadas em quatro eixos: a sexualidade, a reprodução, a divisão

sexual do trabalho e o âmbito público/cidadania. Por suas especificidades, as desigualdades acentuam as dificuldades de desenvolvimento das mulheres.

O eixo da sexualidade pode ser caracterizado pelas diferenças que são impostas pelas mulheres desde o nascimento, em que as caracterizam como o sexo frágil, delegam a reprodução pelo papel da mulher de ser mãe na sociedade, de dar à luz e de ainda ser vista como alguém que necessita fazer esta função. Mesmo conquistando diversos direitos, as mulheres enfrentam uma divisão do trabalho desigual, de forma que ocupam mais cargos de serviços pessoais, saúde e educação, aqueles que são taxados socialmente como femininos. Outro ponto a ser considerado é a fraca presença feminina em cargos de poder (Hirata, 2002; Trindade; Ferreira, 2008; Machado; Penna, 2016). Já que apenas 10,6% das mulheres de 16 a 29 ocupam uma posição gerencial e 6,8% com 60 anos ou mais (ODS, 2021).

A conjuntura da pobreza entre as mulheres ter se agravado ao longo dos anos, não é um ponto pacífico entre os pesquisadores do tema, pois, as reflexões e questões que permeiam a discussão são uma dificuldade frequentemente nomeada por aqueles que tentam verificar a hipótese que a pobreza feminina é maior que a masculina, visto que, dados existentes para medir o grau da pobreza mostram distribuição dos recursos igual dentro dos domicílios para ambos os sexos (Costa et al., 2005). Pesquisa realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional em dezembro de 2020, no Contexto da Pandemia de Covid-19, aponta que 11,1% dos domicílios chefiados por mulheres, no Brasil, passavam fome em comparação com 7,7 % quando chefiados por homens (PENSSAN,2021).

Lima (2018) destaca que as mulheres passaram ao longo dos séculos pelas profissões menos valorizadas e menos reconhecidas pelo mercado de trabalho, como por exemplo o de empregadas domésticas. Profissão esta que existe desde a época da escravidão e ao longo dos anos foi marcada como o lugar típico das mulheres. Nesse sentido, muitas mulheres continuam nos seus afazeres e recebendo muito pouco pelo que trabalham, aos olhos das sociedades elas se encontram no setor mais desqualificados do mercado laboral (Ribeiro Filho; Ribeiro, 2016). Sendo um dos motivos para as mulheres enfrentarem a pobreza em um grau diferente dos homens.

O termo “feminização da pobreza” foi incorporado em 1978 por Diana Pearce, que teve como principal conclusão em sua pesquisa o entendimento de que a pobreza estava se tornando cada vez mais uma mazela feminina. A feminização da pobreza remete a existência de um aumento na diferença dos níveis de pobreza entre homens e mulheres,

a qual foi popularizada no Brasil somente a partir de 1990, duas décadas após eclodir o feminismo (De Souza et al., 2020).

Szul e Silva (2017) elucidam que na discussão do termo feminização da pobreza é pertinente apontar dois pontos: o gênero e a pobreza são considerados aliados dos vieses de desigualdade da sociedade, ou seja, o gênero é uma categoria histórica que resulta das relações sociais e a pobreza não é apenas isolada a renda, mas sim, aliada dos indicadores multidimensionais. Costa et al., (2005) discutem que o termo feminização da pobreza pode ter seis definições:

a) aumento da proporção de mulheres entre os pobres; b) aumento da proporção de pessoas em famílias chefiadas por mulheres entre os pobres; c) aumento absoluto na incidência ou na intensidade da pobreza entre as mulheres; d) aumento nos -diferenciais de incidência ou de intensidade da pobreza entre mulheres e homens; e) aumento na incidência ou na intensidade da pobreza entre as pessoas de famílias chefiadas por mulheres; e f) aumento nos diferenciais de incidência ou de intensidade da pobreza entre as pessoas de famílias chefiadas por mulheres e de famílias chefiadas por homens.(Costa et al., 2005, p 16).

Os relacionamentos de gênero são compreendidos como uma construção social baseada na distinção biológica dos sexos, acarretando relações de poder e subordinação, assim, conseqüentemente gerando discriminação entre funções e atividades desempenhadas por homens e mulheres (Silva, 2012). Existem algumas determinantes que cooperam para que mulheres sejam mais propensas a experimentar a pobreza: a disparidade na participação trabalhista, salários reduzidos; depreciação social das tarefas desempenhadas pelas mulheres; desigualdade em oportunidades de tomadas de decisão, demonstrando a baixa presença feminina em cargos de lideranças e no setor público (Costa et al., 2005).

O processo de feminização da pobreza ocorre principalmente pela diferença salarial entre homens e mulheres. Corrêa (2004) indica em seu estudo que dados e índices corroboram com a evolução do papel feminino em ambientes socioeconômicos, no entanto, sua participação ainda é problematizada e desigual se comparada com o sexo masculino. Conforme Ceccon e Portes (2019), circunstâncias de pobreza em sociedades patriarcais aumentam as desigualdades de gênero, pois possibilitam detectar a permanência de níveis mais elevados de pobreza entre as mulheres. Visto que, com o cenário dos últimos anos de aumentar as famílias chefiadas por mulheres, salários mais baixos e mulheres ocuparem os piores postos, as suas desigualdades perante os homens continuam marcadas por diferentes subordinações.

Silveira e Silva (2013) apontam que ocorreu um aumento significativo no número de famílias chefiadas por mulheres, sendo um dos fatores impactantes no aumento da sua pobreza e exclusão social, pois, a conjuntura da maternidade e a necessidade de adentrar no mercado de trabalho seria um dos elementos para explicar suas maiores vulnerabilidades, devido a estas se submeterem a situações de sub ocupadas. Conforme De Souza et al., (2020) a partir do ano de 2015 os domicílios chefiados por mulheres começaram a demonstrar ser mais afetados pela pobreza que aqueles chefiados pelos homens, comprovando a existência de um processo de feminização da pobreza no Brasil, ainda pode-se destacar que as mulheres negras, pardas e indígenas encontram-se entre as mais vulneráveis nesse processo.

A pandemia do coronavírus em 2019 acentuou as desigualdades, especialmente no universo feminino, com os registros de aumento da violência doméstica, sobrecarga de tarefas desempenhadas com a casa e filhos, associada ao trabalho (home office ou não), ausência de escolas abertas e muitas vezes carência de suporte para cuidar dos filhos enquanto trabalhavam (Silva, 2006; Agostinho; Saboia, 2011; Silva et al., 2020).

Ainda se destaca que a feminização da pobreza está fortemente atrelada à pobreza geracional porque muitas mulheres desempenham papéis centrais de transmissão da pobreza de uma geração para outra, principalmente na configuração de chefe de família. Devido a fatores como responsabilidades de cuidados familiares e acesso limitado a oportunidades econômicas, as mulheres podem ter mais dificuldade em romper o ciclo de pobreza e proporcionar um ambiente mais estável para suas famílias (Leone; Maia; Baltar, 2010). Isso posto, no próximo capítulo será contextualizada a história do trabalho doméstico no Brasil, demonstrando a fragilidade da classe trabalhista perante seus direitos e legitimação na sociedade.

3 TRABALHO DOMÉSTICO E POBREZA GERACIONAL: UM CICLO VICIOSO?

O capítulo apresenta a construção teórica sobre trabalho doméstico no Brasil, o surgimento da profissão, demonstrando suas raízes interligadas com o período escravo e a fragilidade que permeia essa classe de trabalhadores. Elencando também os fatores relacionados entre o trabalho doméstico e a pobreza geracional, explanando que os dois vêm de um ciclo de continuidade entre gerações.

3.1 Trabalho doméstico: contexto histórico e progressão da profissão no Brasil

A ocupação trabalho doméstico refere-se ao profissional que atua cumprindo os afazeres domésticos (serviços de limpeza, cuidados com a cozinha, lavagem de roupas, cuidados de crianças, idosos ou animais domésticos). Trabalha na casa de outra pessoa e em troca recebe uma remuneração; bem como, deve ter seus direitos trabalhistas assegurados quando há vinculação para além de um trabalho considerado esporádico (Sanches, 2009). O trabalho doméstico tem uma longa relação com a ocupação de mulheres, remetendo a cultura patriarcal e capitalista, que destinou os afazeres domésticos para as mulheres como se fossem atividades inerentes do sexo feminino. Como se as mulheres tivessem “o dom” do cuidado com o outro e com as coisas da casa. Além disso, o trabalho doméstico, em geral, é tratado pela sociedade como uma atividade sem necessidade de remuneração, ou boa remuneração para aquelas pessoas que o exercem (Pinheiro; Fontoura; Pedrosa, 2011).

No Brasil, o trabalho doméstico tem sua origem a partir da chegada dos negros africanos escravizados às terras coloniais. Ressalta-se que no período escravocrata¹² as atividades estavam ligadas à agricultura e, embora não houvesse divisão de tarefas, havia predisposição para a escolha de homens (Furtado, 1995; Antunes; Fleck; Troian, 2023). Matos (2003) elenca que, no processo de chegada de escravos, as mulheres eram trazidas em menores números, mesmo a agricultura desempenhada por elas na África. Seu preço de venda era inferior ao de escravos homens, chegando a ser 50% do valor. Outra função desempenhada por escravas mulheres que eram consideradas esteticamente

¹² O período escravocrata pode ser caracterizado pelo contrabando e mercadoria de pessoas, as submetendo em situações de cativo e submissão (Parron, 2011).

bem afeiçoadas, era de trabalhar dentro das casas como mucamas, cozinheiras e amas de leite (Andrade; Teodoro, 2020).

Os encargos com a casa e cuidados com os filhos das sinhás, foi um dos fortes limitantes da privação da estrutura patriarcal e hierárquica, que condicionava as mulheres durante o período escravocrata. A servidão era pautada na dominação de classe, onde a escrava negra era considerada inferior a seus subordinadores, no entanto, mesmo assim amamentava os filhos das senhoras (Pereira, 2011). Nesse sentido, o trabalho escravo foi o primeiro modelo de trabalho doméstico, pois, ele era realizado por mulheres negras, que desempenhavam tarefas de cuidados com a casa, preparo de comida, cuidados e atenção aos filhos. Uma assertiva que define o cotidiano do trabalho doméstico na atualidade (Silva, 2018).

A contar do século XVI, os negros africanos escravizados desempenhavam um grande papel na vida privada de seus senhores, exercendo suas tarefas domésticas, preparando sua comida e criando seus filhos. Nesse cenário, as mulheres brancas se isentavam de todas as funções, as delegando para suas escravas. Assim, eram encontradas figuras de mulheres como mãe pretas e mucamas dentro das casas dos senhores, em que além de responsáveis por todo serviço doméstico, eram vistas como peças para satisfação e desejos sexuais (Da Silva, 2021).

A escravização dos negros no Brasil ocorreu entre 1538 e 1889, sendo em média 350 anos desse regime. Fazendo com que na atualidade sejam aproximadamente 130 anos de liberdade, após a abolição, desta maneira, pode-se caracterizar como aproximadamente três gerações de negros descendentes de escravos vivendo em total liberdade, que, no entanto, ainda lidam com resquícios desse período escravocrata, como na profissão de domésticas (Oyarzabal; Pires, 2019).

Conforme Telles (2011), no estado do Rio de Janeiro, entre 1860 e 1880, existiam escritórios de alocações de serviços para aqueles escravos que estavam começando seu processo de liberdade, lá eles registravam as funções que poderiam desempenhar em caso de contratação. Sendo que, na década de 1870, cerca de aproximadamente 61% e 65% das mulheres livres e entre 87% e 90% das escravas trabalhadoras já prestavam serviços domésticos. Havendo, no ano de 1906, aproximadamente 77 mil criadas.

Foi a partir da segunda metade do século XIX, que o movimento abolicionista começou a surgir no Brasil, sendo que no ano de 1850, o tráfico de escravos foi extinto por meio da Lei Eusébio de Queirós. Por conseguinte, em 1871, foi instituída a Lei do Ventre Livre, tornando qualquer filho de escravo nascido após esse período livre. Já em

1885, foi promulgada a Lei dos Sexagenários, em prol dos escravos mais velhos de 65 anos, e os dando sua liberdade. Porém, foi somente no dia 13 de maio de 1888, por meio da Lei Áurea, decretada pela princesa Isabel, filha de D. Pedro II, que veio a abolição da escravidão do país.

No final do século XIX, com o epílogo da escravidão, o mundo do trabalho passa a ter uma nova configuração para aqueles escravos recém-libertos. Foi assim que o trabalho doméstico se tornou um meio para sobrevivência na nova realidade dos recém-libertos, a mulher negra ficou à mercê das mesmas funções que desempenhava antes com outros arranjos sociais, ou seja, aquelas escravas libertas que não tinham para onde ir continuam a exercer as mesmas funções com a casa para seus antigos senhores, agora em troca de moradia e comida, no mesmo modelo patriarcal (Pereira, 2011).

Conforme Santos (2010), durante a primeira metade do século XIX, estavam circulando artigos médicos que constavam que as empregadas domésticas eram fonte de contaminação, em especial as amas de leite, o que provocou terror nas casas de empregadores. A partir do medo do contágio com doenças, começaram a surgir as primeiras medidas legais relacionadas com essa categoria de trabalhadoras. Assim, com esse cenário que estavam se moldando, mulheres estavam voltando para o âmbito privado de suas casas para cuidar de tarefas domiciliares e de filhos, incumbidas do âmbito pessoal, enquanto seus maridos desfrutavam da esfera pública. Em outros casos, famílias que permaneceram com as empregadas mesmo após o acontecido deram margem para o fortalecimento da cultura patriarcal, em que os homens tinham poder sobre os corpos de suas empregadas, suas vestimentas e hábitos alimentares (Santos, 2010).

O quarto da empregada surgiu como uma solução para separar o espaço dos patrões e empregados. Essas condições sociais vêm se alterando durante os anos com avanços e retrocessos, podendo mencionar a aprovação da lei n.º 11.995/1996, que veda a discriminação ao acesso de elevadores conforme as condições econômicas das pessoas em São Paulo. Antes disso, no caso dos empregados domésticos, era uma prática comum que eles fossem relegados ao uso exclusivo do elevador de serviço, muitas vezes localizado em áreas segregadas do edifício, distante dos elevadores principais utilizados pelos patrões (Gomes, 2016).

De Lima, De Campos e Dos Santos (2022) destacam que o sistema de escravidão moldou a sociedade brasileira em relação aos aspectos sociais, econômicos e dentro das organizações familiares. Esse fenômeno pode ser expresso pela série de costumes e visões de desigualdade deixadas do tempo da Casa Grande para a subordinação da Senzala. A

desigualdade com essa classe de trabalhadores domésticos pode ser expressa a partir da sua legislação trabalhista, que vem de um processo muito longo para garantia de direitos legais, conforme o quadro 3.

Quadro 3 - Evolução legislativa referente ao emprego doméstico

Lei/ Decreto	Direitos
Lei n.5859 de 1972, foi a responsável por assegurar aos trabalhadores domésticos o mínimo de cidadania jurídica, por meio de três direitos.	Assinatura na Carteira de Trabalho e Previdência Social, bem como inserção na Previdência Social com segurado obrigatório e férias anuais remuneradas (nesta época o direito era de 20 dias úteis).
Decreto n. 95. 247 de 1987	Esse decreto estendeu aos trabalhadores domésticos o direito ao vale-transporte.
A Constituição da República Federativa do Brasil CRFB/88 assegurou oito ¹³ novos direitos aos domésticos, por meio do art.7º	1) Salário-mínimo; 2) Irredutibilidade salarial; 3) décimo terceiro salário; 4) Repouso semanal remunerado, preferentemente, aos domingos; 5) Gozo de férias anuais remuneradas com, pelo menos, um terço a mais do salário; 6) Licença à maternidade, sem prejuízo de emprego e do salário, com interregno mínimo de 120 dias; 7) Licença- paternidade; 8) Aviso- prévio de, do mínimo, 30 dias; 9) Aposentadoria e 10) Integração a previdência.
Lei n. 11.324 de 2006 trouxe quatro direitos para os empregados domésticos	1) Descanso remunerado em feriados (revogando o art. 5º da Lei 605 de 1949 que constava não garantia desses direitos aos trabalhadores domésticos; 2) 30 dias corridos de férias, para períodos aquisitivos iniciados após a data de sua publicação; 3) Garantia de emprego à gestante desde a confirmação da gravidez até cinco meses após o parto (art. 4º A, Lei n.5.859/1972); 4)A proibição expressa de desconto no salário do empregado doméstico, por fornecimento de alimentação, vestuário, higiene e moradia. Em relação a moradia, era permitido o desconto do salário, desde que ocorresse em local diverso de onde se dava a prestação de serviço e houvesse acordo expresso entre as partes nesse particular (art. 2º A, Lei n. 5.859/1972).
Ementa Constitucional n. 72 de 2013, publicada em 3/4/2013, trouxe 16 novos direitos a categoria de trabalhadores domésticos. Serão apresentados os que entraram em vigor	1) Garantia de salário, nunca inferior ao mínimo; proteção do salário na forma da lei, constituindo crime sua retenção dolosa; 2) Duração do trabalho não superior a oito horas diárias e 44 horas semanais; 3) Remuneração do serviço extraordinário superior, no mínimo, em 50%; 4) Redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meios de normas de saúde, higiene e segurança; 5) reconhecimento das convenções e dos acordos coletivos do trabalho; 6) Proibição de diferença salariais, de exercício de funções e de critérios de admissão do trabalhador com deficiência; e 7) Proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito anos.
Lei Complementar n.150 de 2015	Essa lei extinguiu muitas controvérsias ligadas ao trabalho doméstico, como: idade mínima para contratação desses trabalhadores; a partir de quantos dias por semana configura o vínculo empregatício; possibilidade de contratação por meio do contrato de tirocínio, entre outros.

Fonte: Elaboração própria com base em Freitas e Da Silva (2019 p. 13 a 17).

¹³ A Constituição de 1988 acrescentou oito direitos devido ao direito a férias e a integração da Previdência Social já eram garantidos por meio da Lei n.5.859/72.

No quadro 3 destaca-se que os direitos para as trabalhadoras domésticas caminharam de forma lenta para seus reconhecimentos legais, sendo que nem com a Constituição Federal de 1988, um marco importante para o Brasil, obtiveram garantias como descanso remunerado em feriados, direito reconhecido apenas em 2006. Nesse sentido, Pinheiro, Tokarski e Vasconcelos (2020), destacam que a profissão de empregada doméstica é caracterizada pela informalidade e pela desproteção legislativa, significando que uma em cada dez mulheres que exercem a profissão, não possuem carteira assinada, e não tem acesso a benefícios como: seguro-desemprego, auxílio-doença.

Outro marco importante referente à legislação para as trabalhadoras domésticas é a chamada “Proposta de Emenda à Constituição (PEC) das domésticas” a qual foi votada como uma emenda constitucional em dois de abril de 2013, e teve sua lei complementar sancionada em maio de 2015. A PEC das domésticas surgiu para assegurar a essas trabalhadoras, aqueles direitos que haviam ficado em aberto com a constituição de 1988, representando uma conquista legal perante o Estado brasileiro (Magalhães, 2019).

A “PEC das Domésticas” serviu para regulamentar o vínculo empregatício para as trabalhadoras domésticas, sem deixar margens para possíveis interpretações na hora dessas contratações (Fraga; Monticelli, 2021). Foi a partir de inúmeras mobilizações que as domésticas conseguiram garantir com a PEC o limite de carga horária semanal, adicional noturno, pagamento por hora extra, proteção contra demissão sem justa causa, entre outros direitos importantes. Em 2023, com dez anos da instituição da PEC, aconteceu uma redução do número das trabalhadoras domésticas ao longo dos anos, assim como ocorreu a persistência da informalidade, do trabalho precário, do trabalho doméstico ilegal, como parte do cotidiano dessa classe trabalhista (Liazibra, 2023).

A profissão de trabalhadora doméstica vem como consequência das atividades exercidas por mulheres escravas, demonstrando desde os séculos passados as desigualdades da nossa sociedade e a expressão da labuta para sustento (Antunes; Fleck; Troian, 2023). Ou seja, desde que a profissão começou a ser exercida regularmente, os direitos proferidos a ela caminham de forma lenta, demonstrando desprezo ou simplesmente insignificância pela profissão (Melo; Mello, 2022). A partir do exposto, o próximo tópico irá abordar a relação do trabalho doméstico com a pobreza geracional. Permitindo entender o trabalho doméstico e a pobreza geracional como um ciclo, que pode ser passado de gerações e que tem início na geração de ascendente e na escravidão.

3.2 - O que há de comum entre a pobreza geracional e a profissão doméstica?

As tarefas realizadas pelas mulheres nas esferas domésticas são naturalizadas pela divisão sexual do trabalho que está enraizada em nossa sociedade, determinando que toda espécie de cuidado com familiares ou afazeres domésticos seja atribuída a elas (Porto, 2009). No cenário do trabalho doméstico, esses fatores ocorrem da mesma forma, quando meninas de baixa renda começam a exercer o trabalho doméstico pelo ambiente em que estão inseridas, ou seja, pelo seu núcleo familiar. Se algum de seus familiares realiza a profissão de doméstica (o), e durante a infância e a adolescência já cuidam da sua e de seus irmãos, já desenvolvem habilidades e uma predisposição para a função, saindo do trabalho doméstico não remunerado para o remunerado (Saboia, 2016). Podendo fazer uma conexão com a pobreza geracional, em que as situações socioeconômicas dos familiares são passadas entre as gerações.

O fenômeno pode ser elencado por Teixeira (2021) quando descreve seu relato de vida através do trabalho doméstico ser transferido de mãe para filha. Expondo que é filha de uma mulher negra oriunda de uma geração de trabalhadoras domésticas. Assim, sendo filha de uma mãe com pouca escolaridade e, ao mesmo tempo, chefe de família, era necessário acompanhá-la muitas vezes ao trabalho, no qual aprendeu a profissão de doméstica. No entanto, a autora relata que rompeu as estatísticas ao quebrar o ciclo de sua família e conseguir um diploma universitário.

Para melhor compreensão da relação entre a pobreza geracional e o trabalho doméstico, é necessário investigar cientificamente a compreensão das duas abordagens e o que elas têm em comum. Para tanto, foram adotadas características da pobreza geracional presente nos fatores intrafamiliares e extramilitares segundo Bird (2007), e algumas características marcantes presentes no trabalho doméstico para identificar a relação entre as abordagens. No quadro 4, apresenta-se a relação entre o trabalho doméstico e a pobreza geracional, a partir do que foi identificado nas abordagens.

Quadro 4 - Características evidenciadas pela literatura presentes no trabalho doméstico e na pobreza geracional

Perspectivas teóricas	Características evidenciadas pela literatura	Categorias analíticas
	Tripla carga de trabalho, cuidados não remunerados e escolaridade.	Gênero
		Renda
		Educação
	Risco de não frequentar a escola por questões domésticas ou de renda.	Gênero
		Educação

Pobreza Geracional	Vulnerabilidade à exploração sexual.	Gênero
	Falta de acesso à formação/emprego formal levando à entrada em atividades de alto risco.	Educação
		Renda
	Trabalho no setor informal ao longo da vida, significando que não há provisão de pensão.	Renda
	Perda de emprego ou insegurança no emprego devido ao cuidado de crianças e membros mais velhos da família (especialmente mulheres).	Renda
		Gênero
	Continuar a trabalhar para sustentar a si e dependentes de baixa renda se encontrando incapacitado fisicamente.	Renda
		Saúde
	Etnia, gênero, deficiência e religião.	Saúde
		Gênero
		Etnia
	Incapacidade adquirida via emprego perigoso.	Saúde
		Renda
	Vulnerabilidade das mulheres devido à violência baseada no gênero.	Renda
		Gênero
		Saúde
Falta de acesso a crédito/construção de ativos.	Renda	
Carência de renda quando o trabalho é perdido devido à discriminação de idade.	Saúde	
	Renda	
Problemas de saúde na velhice devido à má nutrição, partos múltiplos, problemas de trabalho.	Saúde	
	Renda	
Alimentação insuficiente ou dietas pobres aumentam a probabilidade de doença.	Saúde	
Perda de emprego/redução do potencial de ganho de renda para as mulheres por meio de gravidez e puericultura.	Saúde	
	Renda	
Riscos de casamento precoce e gravidez.	Saúde	
Trabalho Doméstico	Cuidado da casa e filhos além do cuidado da casa e filhos dos patrões.	Gênero
		Renda
	Elevada vulnerabilidade.	Gênero
	Trabalho que tende ao abandono dos estudos.	Renda
		Educação
	Sustento próprio e da família.	Renda
	Relações de assédio moral e sexual.	Gênero
		Saúde
	Atividade predominantemente informal.	Renda
	Profissão vinculada a uma raça, predomínio de mulheres negras – ligação com o período da escravidão.	Gênero
		Etnia
Riscos de acidente no trabalho, podendo levar ao afastamento do trabalho.	Renda	
	Saúde	
Processo histórico de violência.	Gênero	
	Saúde	

	Dificuldade de acesso a créditos e a auxílios. ¹⁴	Renda
	Fome após um dia na casa dos patrões.	Saúde
	Tendência à gravidez precoce.	Saúde

Fonte: Elaboração própria com base em (SANTANA, 2003; BARBOSA, 2013; CAIN, 2009; SABOIA, 2016; PINHEIRO et al., 2019; FREITAS, DA SILVA, 2019; MACIEL; GHIZONI, 2020; DIEESE, 2020; TEIXEIRA, 2021; MANESCHY 2022).

O quadro 4 exemplifica os fatores que categorizam e influenciam a pobreza geracional e o trabalho doméstico, a partir da literatura adotada. Para sua compreensão foram utilizadas cinco categorias analíticas que englobam esses dois fatores, a saber: gênero, renda, educação, saúde e etnia.

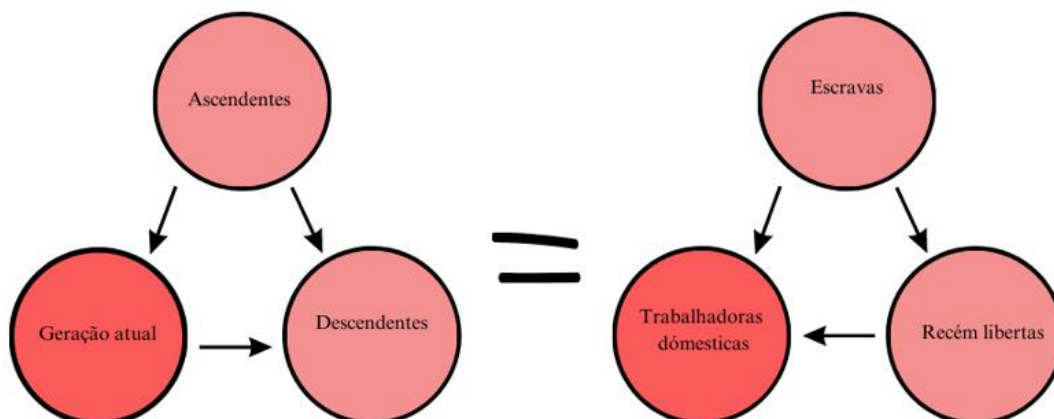
A categoria gênero foi utilizada pois a profissão de doméstica é representada em sua maioria por mulheres e em relação a pobreza foi devido ao fenômeno da feminização da pobreza e todas as vulnerabilidades que as mulheres podem sofrer devidos as construções sociais (Costa et al., 2005; Pinheiro et al, 2019).

A categoria educação foi eleita em uma associação aos fatos de que as trabalhadoras domésticas em sua maioria apresentam baixa escolaridade, equivalente para quem enfrenta pobreza geracional. A categoria renda é necessária para representar o trabalho doméstico e as vulnerabilidades da profissão, bem como a falta de trabalho e informalidade que pode ocorrer igualmente com quem enfrenta pobreza geracional. Já a categoria saúde compreende as dificuldades de acesso a créditos de quem possui baixa renda e tem desproteção legal (vive na informalidade devido alguma profissão), gravidez precoce, fatores esses que podem se adequar ao trabalho doméstico e pobreza geracional (Bird 2007; Pinheiro et al, 2019; DIEESE, 2020).

Por fim, a categoria etnia foi adotada pela profissão doméstica ser exercida majoritariamente por mulheres negras (PINHEIRO et al., 2019). Ainda, um dos fatores em comum entre a pobreza geracional e o trabalho doméstico pode ser a ascendência das trabalhadoras domésticas e a origem da profissão, conforme discorrido no decorrer da seção teórica. Na figura 2 está exemplificado esse fenômeno.

¹⁴ Destacam-se estudos que identificaram a dificuldade de trabalhadoras domésticas de obterem créditos durante a pandemia de Covid-19, como o auxílio emergencial que estava em vigor.

Figura 2 - Ciclo da pobreza geracional das trabalhadoras domésticas



Fonte: Elaboração própria com base na bibliografia consultada.

O emprego doméstico é uma profissão que vem perdurando por gerações de familiares de escravas libertas, formando o fenômeno do ciclo da pobreza enraizado desde o período da escravidão. Expondo uma ligação entre o emprego doméstico e a pobreza geracional, devido às raízes históricas do emprego estarem ligadas com a época escravocrata e perpetuarem desigualdades, impedindo a quebra de barreiras da vulnerabilidade. Nesse sentido, com base nos conceitos discutidos a respeito dos temas em estudo, o capítulo a seguir abordará a metodologia proposta para a presente pesquisa

4 METODOLOGIA

O capítulo discorre acerca dos procedimentos metodológicos que orientam o desenvolvimento do presente estudo. A organização das seções se dá a partir do caráter; abordagem; método; as técnicas de coleta; técnica de análise de dados e aspectos éticos do trabalho. O estudo passou pela avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pampa (CEP-UNIPAMPA), sob o registro n.º CAAE 73786123.0.0000.532.

4.1 Caráter, Abordagem e Método da Pesquisa

A abordagem da pesquisa, quanto aos objetivos, é qualitativa. A pesquisa qualitativa é aquela voltada para exploração e compreensão do que os indivíduos ou grupos relacionam a um problema social. Esse processo de pesquisa envolve a imersão do pesquisador com a coleta de dados, geralmente no ambiente do participante (Creswell, 2021). A abordagem qualitativa permitiu conhecer e interpretar os significados do fenômeno social investigado a partir da visão dos indivíduos, para compreender se existe ligação entre o ingresso e permanência do trabalho doméstico com a pobreza geracional, e como isso afeta as famílias de Santana do Livramento/RS. Assim, foi possível estudar, a partir das vivências das trabalhadoras domésticas e suas famílias, as suas vulnerabilidades.

A pesquisa tem caráter exploratório. As pesquisas exploratórias são aquelas que têm por objetivo gerar informações que auxiliarão na definição de situações do problema que o pesquisador está investigando, para tornar mais explícito, ou a construir hipóteses sobre ele. Os estudos que possuem caráter exploratório incluem revisão da literatura e entrevistas (Gerhardt; Silveira, 2009; Hair et al., 2010). O estudo enquadra-se nesta definição, pela incipiência de literatura sobre pobreza geracional no Brasil e pela aproximação teórica com a questão do trabalho doméstico.

O método adotado foi o Estudo Narrativo, no qual o pesquisador investiga o cotidiano dos indivíduos e pede a um ou mais que relatam sobre suas histórias. As informações coletadas são recontadas pelo pesquisador no sentido de formar um registro de seus marcos importantes (Creswell, 2021). A utilização do método narrativo torna-se relevante porque narrar a história das trabalhadoras domésticas destaca as conexões entre seu passado, presente e futuro. Ao compartilhar suas experiências, os participantes

puderam não apenas refletir sobre fatores que os levaram à profissão de trabalhadoras doméstica, mas também entender como esses aspectos influenciam suas trajetórias atuais e como podem moldar as perspectivas de seus filhos, assim como as de seus pais as moldaram. Isso posto, na próxima seção serão apresentadas as técnicas de coleta de dados utilizadas na presente pesquisa.

4.2 Técnicas de coleta de dados

Na pesquisa, foram empregadas duas técnicas de coleta de dados nas distintas fases do estudo. Isso foi feito com o propósito de aprofundar as informações coletadas e garantir maior fidedignidade dos dados para adequadamente responder aos objetivos da pesquisa. As técnicas utilizadas foram: a entrevista narrativa e o genoprofissiograma dando auxílio na compreensão da maior quantidade de informações possíveis acerca do objeto em análise.

Quanto à técnica de entrevista, optou-se por utilizar a entrevista narrativa que é aquela que busca contar histórias e relatos dos indivíduos, com foco nas ações humanas e nas suas intenções (Rese *et al.*, 2010). A entrevista como narrativa é utilizada para coletar relatos pessoais e experiências vividas por indivíduos, que podem ser apanhados em conversas informais podendo ocorrer de diversas formas, inclusive através das histórias de vida (Zaccarelli; Godoy, 2013).

No estudo foram realizadas entrevistas com trabalhadoras domésticas representando os sujeitos centrais da pesquisa e com pessoas vinculadas ao trabalho doméstico pelo ciclo familiar, representando a geração de descendente (filhos das trabalhadoras domésticas) sendo os sujeitos secundários. Tinha-se como intenção, também, a busca por sujeitos que representassem os ascendentes das trabalhadoras domésticas, sendo categorizados como pais, ou responsáveis. Ao iniciar a pesquisa de campo, foi necessário descartar a categoria de ascendentes, pois logo nos primeiros contatos telefônicos e entrevistas foi possível perceber que em sua grande maioria os pais das trabalhadoras domésticas eram falecidos ou em idade que não estariam aptos para realizar a entrevista. Assim, as informações relacionadas aos ascendentes foram coletadas a partir das entrevistas com as domésticas. As entrevistas com os descendentes - sujeitos secundários da pesquisa - serviram para auxiliar na análise da relação entre as diferentes gerações e sua conexão com a pobreza geracional.

As entrevistas com os descendentes foram realizadas com sujeitos de ambos os sexos. Esses foram categorizados como filhos de trabalhadoras domésticas ou

dependentes. Nesse sentido, foram realizadas cinco entrevistas com descendentes, para complementar a coleta de dados, sendo que dos entrevistados um é do gênero masculino e quatro do gênero feminino.

As entrevistas narrativas foram realizadas a partir de roteiros de pesquisas elaborados previamente, com base na literatura existente sobre o tema. Foram elaborados dois diferentes roteiros, um (apêndice A) para guiar entrevistas com as trabalhadoras domésticas, sujeitos centrais, e outro (apêndice B) para as entrevistas com descendentes das trabalhadoras, sujeitos secundários. Nos roteiros de pesquisa estão as principais questões abordadas junto aos entrevistados. Entretanto, ressalta-se que no decorrer das entrevistas foram acrescentadas perguntas que emergiram durante as falas e contextos apresentados, conforme as possibilidades que a metodologia qualitativa e o estudo de narrativa permitiam.

Os roteiros foram construídos a partir dos conceitos apresentados no quadro 4 (página 42) para identificar as categorias presentes tanto no trabalho doméstico quanto na pobreza geracional, as quais são: gênero, etnia, educação, saúde, renda, emprego e gerais. Destaca-se que as categorias emprego e gerais foram criadas a partir do entendimento de quais seriam outras informações-chave que o roteiro precisaria abarcar para responder aos objetivos da pesquisa e que não constavam no quadro teórico.

A escolha das trabalhadoras domésticas ou pessoas do ciclo familiar de mulheres trabalhadoras domésticas foi adotada a técnica de bola de neve, utilizando os respondentes iniciais da pesquisa e/ou alguns informantes, para indicar participantes com o perfil do estudo. Da forma que o primeiro participante, a pedido do pesquisador, indica o (s) próximo(s) participante(s), e assim por diante (Hair JR *et al.*, 2005). Destaca-se que com esse público-alvo a técnica da bola de neve foi pouco utilizada, pois sempre que uma doméstica sugeria outra, aquela que foi sugerida tinha dificuldade para aceitar. Então as entrevistas em sua maior parte foram agendadas por conveniência e a partir do conhecimento prévio de algum colega, professor, amigo e/ou outro. Destarte, ao longo da pesquisa foram enfrentados uma série de desafios para conseguir participantes, sendo que foi realizado contato com mais doze domésticas e pessoas que se enquadravam no perfil da pesquisa que não aceitaram participar.

O primeiro contato com os indivíduos foi necessário para colocá-los a par das intenções do pesquisador, informando-lhe como procederá à pesquisa, sobre sua temática, servindo também para explicar os procedimentos que irão ocorrer na entrevista, para não acontecerem surpresas (Alberti, 2018). O contato inicial foi realizado pessoalmente e por

WhatsApp, dependendo da especificidade de cada entrevistado. Na perspectiva de encontrar trabalhadores domésticos ou pessoas do ciclo familiar, representantes de descendentes, foi realizado mapeamento via amigos, colegas e familiares da pesquisadora e das orientadoras da pesquisa. Quando as trabalhadoras domésticas foram selecionadas, realizou-se uma abordagem por telefone, realizado um convite para o possível candidato participar da pesquisa, especificando a temática e deixando claro que é de sua autonomia desistir a qualquer momento, conforme os preceitos éticos.

Após o contato com as domésticas, as entrevistas foram agendadas e previamente marcadas em um local de sua escolha para se sentirem à vontade. Também, em falta de terem um local onde se sentissem à vontade, foi sugerido a Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento¹⁵, por ser um lugar neutro e ser localizada no centro da cidade, se tornando de fácil acesso para o público. As entrevistas ocorreram de 17 de outubro a 2023 a 15 de janeiro de 2024, realizadas presencialmente, levando em conta todas as demandas e especificidades dos participantes.

As entrevistas foram encerradas por saturação, ou seja, quando as novas observações coletadas sobre o tema já não trouxeram mais nenhum conhecimento adicional, a pesquisa foi encerrada (FLICK, 2008). Foram realizadas onze entrevistas com trabalhadoras domésticas e cinco com descendentes de domésticas. As entrevistas foram transcritas, totalizando 245 páginas de transcrições das entrevistas com trabalhadoras domésticas e 70 páginas das entrevistas com filhos/descendentes delas. No quadro 5 serão descritos os detalhes acerca das entrevistas realizadas.

¹⁵ Foi pedido para as entrevistadas escolherem um lugar onde se sentissem à vontade para ter total liberdade para entrevista. Em falta de um lugar seguro, foi sugerido a UNIPAMPA.

Quadro 5 - Descrição das entrevistas com trabalhadoras domésticas e descendentes

Entrevistadas	Forma de contato	Data da entrevista	Local da entrevista	Técnica de coleta adotada		Tempo de duração da entrevista
D1	WhatsApp	17/10/23	Na igreja que ela frequenta	Entrevista		41:28
D2	Presencial e WhatsApp	24/10/23	No trabalho dela	Entrevista		37:35
D3	WhatsApp	27/10/23	Na casa dela	Entrevista		1:08:21
D4	WhatsApp	02/11/23	Na casa dela	Entrevista		45:41
D5	Presencial	03/10/23	No trabalho dela	Entrevista	Genoprofissiograma	1:06:41
D6	Presencial	03/10/23 e 20/11/23	No trabalho dela	Entrevista	Genoprofissiograma	40:56
D7	Presencial	20/11/23	Na casa dela	Entrevista		1:09:50
D8	Presencial e WhatsApp	24/11/23	No trabalho dela	Entrevista	Genoprofissiograma	42:03
D9	WhatsApp	24/11/23	Na faculdade	Entrevista		18:28
F1	WhatsApp	01/12/23	Na faculdade	Entrevista	Genoprofissiograma	31:01
D10	WhatsApp	04/12/23	Na faculdade	Entrevista	Genoprofissiograma	1:18:53
F2	Através do Email e WhatsApp	08/12/23	Na faculdade	Entrevista	Genoprofissiograma	36:05
F3	WhatsApp	15/12/23	Na faculdade	Entrevista	Genoprofissiograma	22:13
F4	WhatsApp	6/01/24	Na faculdade	Entrevista	Genoprofissiograma	23:33
D11	Presencial	15/01/24	No salão da filha	Entrevista		25:53
F5	WhatsApp	15/01/24	No salão dela	Entrevista		23:12

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo

Ainda, como técnica de coleta de dados, foi utilizado o Genoprofissiograma. Segundo Filomeno (2003), Genoprofissiograma é uma técnica na qual o pesquisador solicita que o participante desenhe sua árvore genealógica, contendo informações sobre os membros de pelo menos três gerações de sua família, para entender o seu contexto profissional familiar. Nessa pesquisa, foi pedido aos participantes que se desenhasssem e desenhasssem seus familiares e suas respectivas profissões, ficando a seu encargo e autonomia o formato que a “árvore genealógica” de sua família deveria ter. A abordagem foi eleita para facilitar a dinâmica. Conforme o quadro 5, quatro domésticas e quatro filhos participaram da dinâmica, totalizando oito árvores genealógicas. Foi solicitado para todos os entrevistados participarem da dinâmica, mas nem todos tinham tempo ou aceitaram participar. No tópico seguinte são apresentadas as técnicas de análise dos dados a serem empregadas no estudo.

4.3 Técnica de análise dos dados

As entrevistas de narrativas foram gravadas e transcritas. A duração das entrevistas das domésticas variou entre 18 minutos e 28 segundos e uma hora 18 minutos e 53 segundos, totalizando oito horas 55 minutos e 19 segundos. A duração das entrevistas realizadas com os descendentes foi 22 minutos 13 segundos e 36 minutos e cinco segundos, totalizando duas horas 16 minutos e quatro segundos.

Para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas pelos participantes da pesquisa, foram utilizadas nomenclaturas conforme a atividade do entrevistado e a ordem da entrevista, por exemplo, doméstica 01 equivale a “D1”, tendo em vista garantir o anonimato do participante. Os entrevistados, ao longo do texto, foram apresentados com um código de identificação, as trabalhadoras domésticas com a letra “D” e número na ordem em que a entrevista ocorreu (por exemplo, a primeira entrevistada, trabalhadora doméstica, foi identificada como D1). Os descendentes serão apresentados pela “F”, por serem filhos de domésticas e seu respectivo número de entrevista.

Os descendentes foram escolhidos por serem filhos de domésticas, mas não necessariamente filhos das domésticas que foram entrevistadas. Apenas dois casos de parentesco foram observados entre os entrevistados: a D11 é mãe da F5 e a F3 é irmã da F4. A abordagem foi adotada para permitir uma análise mais abrangente das dinâmicas familiares, não apenas entre os filhos das trabalhadoras domésticas, mas também entre

elas próprias e suas famílias. Para maior organização do processo de análise, os resultados foram agrupados com as categorias que emergiram ao longo do estudo e analisados através da análise de conteúdo proposta por Bardin.

A análise de conteúdo, para Bardin (1997), é um conjunto de técnicas das comunicações utilizadas para procedimentos sistemáticos e para descrever o conteúdo de uma mensagem. A autora sugere três fases para a realização da análise de conteúdo, as quais foram seguidas nessa presente pesquisa, a saber: (1) a pré-análise, (2) a exploração do material e (3) o tratamento dos dados.

A pré-análise, é a primeira etapa da análise de conteúdo que o pesquisador deve seguir, selecionando os documentos a serem analisados (Bardin, 1997). Nessa fase inicial acontece a organização do material do pesquisador e a leitura previa das entrevistas após serem transcritas. A transcrição das 16 entrevistas foi impressa e categorizada a partir do roteiro de entrevista, identificando onde estava presente cada pergunta e as falas de mais relevância das entrevistadas.

Na segunda etapa, o foco está na exploração do material coletado. Aqui, o pesquisador deve codificar os dados, ou seja, atribuir códigos ou rótulos a partes específicas do conteúdo (Bardin 1997). Assim foi utilizada a literatura sobre o tema para formar as categorias com base nas entrevistas. Nesse sentido, as categorias estavam apresentadas na literatura da pobreza geracional intrafamiliares e extrafamiliares e as categorias que emergiram do quadro 4 do estudo como base para as análises.

Na terceira fase, ocorre o tratamento dos dados obtidos durante a análise. Aqui, o pesquisador compara os resultados obtidos com a teoria previamente selecionada utilizando o referencial da pesquisa (Bardin 1997). Nessa etapa, na presente pesquisa, ocorreram as interpretações do material obtido através da pesquisa de campo juntamente com o referencial teórico. E as categorias estabelecidas na etapa dois.

Destaca-se que as categorias emergiram por necessidade de responder os objetivos propostos e conciliar com o material obtido na pesquisa em campo. O genoprofissograma serviu para triangular as informações obtidas por meio das entrevistas, dando complemento nas informações necessárias para responder os objetivos propostos no estudo. A seguir, no próximo capítulo, apresenta-se os resultados obtidos no estudo

5 TRABALHO IMPERCEPTÍVEL, POBREZA CONSTANTE: O CICLO VICIOSO DA POBREZA GERACIONAL E DO TRABALHO DOMÉSTICO EM SANTANA DO LIVRAMENTO/RS

O capítulo tem por propósito apresentar os resultados da pesquisa a partir dos objetivos propostos, demonstrando ao leitor o encadeamento entre os dados e a teoria, juntamente com os achados que complementarão a teoria e contribuirão para estudos futuros. Inicialmente, realiza-se a caracterização das domésticas e seus familiares e, na sequência, é apresentada a reprodução do trabalho doméstico entre os entrevistados.

5.1 Trabalho doméstico: caracterização sociodemográfica

A seção apresenta as principais características sociodemográficas das trabalhadoras domésticas, a saber: sexo, idade, etnia, escolaridade, familiares, bairro em que residem, bem como relatos de suas gerações de ascendentes e descendentes em Santana do Livramento. Face ao exposto, faz-se necessário dispor de algumas informações sobre o município, com o intuito de situar a localidade onde a pesquisa foi desenvolvida.

O município de Santana do Livramento, localizado na Fronteira Oeste do estado do Rio Grande do Sul, faz divisa com a cidade de Rivera, no Uruguai, possui população estimada em aproximadamente 84.421 habitantes no último censo do ano de 2022, com uma área de 6.946,407 km². O Produto interno bruto (PIB) per capita do município em 2021 era de R\$ 37.330,14, na comparação com outros municípios do estado do Rio Grande do Sul, ficava na posição 348 de 497 (IBGE, 2022).

O público-alvo para as entrevistas com trabalhadores (as) domésticos (as) foram mulheres, considerando não apenas os dados do município, como os relatórios do DIEESE (2020) que apontam que um dos marcadores da profissão de doméstica é o gênero, juntamente com baixa escolaridade e etnia, fazendo com que mulheres com pouca instrução e negras sejam a população que exerce majoritariamente a profissão (Pinheiro *et al.*, 2019). O quadro 6 apresenta as principais informações que caracterizam as trabalhadoras domésticas entrevistadas.

Quadro 6 - Caracterização das trabalhadoras domésticas entrevistadas

Entrevistada	Idade	Etnia	Estado Civil	Vínculo Empregatício	Escolaridade	Membros da família
D1	37	Branca	Casada	Diarista (paga o próprio MEI ¹⁶)	Ensino médio completo	02 membros (esposo e filha)
D2	52	Parda	Divorciada	Diarista	Quinta-série	02 membros (namorado e mãe)
D3	47	Negra	Viúva	Diarista (paga o próprio MEI)	Ensino médio completo	02 membros (um filho e uma filha)
D4	68	Branca	União Estável	Aposentada e diarista	Ensino médio completo	02 membros (esposo e filho)
D5	55	Branca	Casada	Terceirizada ¹⁷	Ensino médio completo	02 membros (esposo e filha)
D6	50	Negra	Casada	Terceirizada	Ensino médio completo	02 membros (esposo e filha)
D7	49	Parda	Casada	Diarista	Ensino médio completo	01 membro (esposo)
D8	55	Branca	União Estável	Diarista	Quinta- série	03 membros (mãe, esposo, filho)
D9	62	Negra	Divorciada	Aposentada e Terceirizada	Sexta-serie	01 membro (filha)
D10	62	Negra	Solteira	Aposentada e diarista	Quinta- serie	-
D11	51	Branca	União Estável	Diarista com os direitos pago pela patroa	Quinta- serie	04 membros (esposo, filha, filho e neto)

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo.

Das onze trabalhadoras domésticas entrevistadas, seis têm famílias compostas por três pessoas, duas têm famílias compostas por duas pessoas, uma tem uma família composta por quatro pessoas e uma tem uma família composta por cinco pessoas (incluindo as entrevistadas). No ano de 2010 foi realizado o último censo que projetava o número da composição das famílias brasileiras, com isso ficou estipulado que famílias com duas pessoas eram as mais numerosas em meio urbano. Fugindo da realidade das entrevistadas que apenas duas tem famílias nucleares compostas por duas pessoas (IBGE 2010).

¹⁶ Microempreendedor Individual (MEI) é uma alternativa para a legalização dos trabalhadores informais na qual é oferecido uma carga tributária reduzida (Cavalcante et al., 2020).

¹⁷ Destaca-se que as entrevistadas terceirizadas foram contratadas para exercerem funções de limpeza em seus ambientes de trabalho e se apresentam como trabalhadoras domésticas por sentirem que exercem a profissão.

As entrevistadas foram selecionadas por meio de indicações de conhecidos e/ou conhecidos de conhecidos. Em nenhum momento buscou-se delimitar as participantes por algum recorte específico que não fosse a profissão, especialmente porque o estudo é qualitativo e não tem como propósito a inferência sobre a população. Dito isto, os dados refletem que referente a etnia das entrevistadas, cinco se autointitulam brancas, quatro negras e duas pardas¹⁸. Um recorte variado de etnia, fato que pode ser considerado ainda mais enriquecedor para o estudo no que se refere aos cruzamentos de dados que serão feitos mais adiante.

A idade das participantes da pesquisa varia entre 37 e 68 anos. Sobre esse fato uma entrevistada comenta: *“Hoje eu acho que as pessoas são mais instruídas, fazem curso. As pessoas não querem trabalhar com isso. Acho que talvez seja uma nova geração”* (Entrevistada D10). Se referindo ao fato de que as pessoas que trabalham como domésticas são cada vez pessoas com idades mais elevadas, porque os jovens estão se capacitando para alcançar outras oportunidades laborais.

Das onze entrevistadas seis concluíram o ensino médio, cinco concluíram o fundamental I (1º ao 5º ano), sendo que uma destas ainda cursou o 6º ano. *“Não tinha tempo para estudar. Era sempre assim, a gente tinha que trabalhar!”* (Entrevistada D2). A fala que representa as entrevistadas com menor escolaridade mostra que a realidade destas mulheres era desde jovem estar no trabalho, trazer alguma forma de renda para a família.

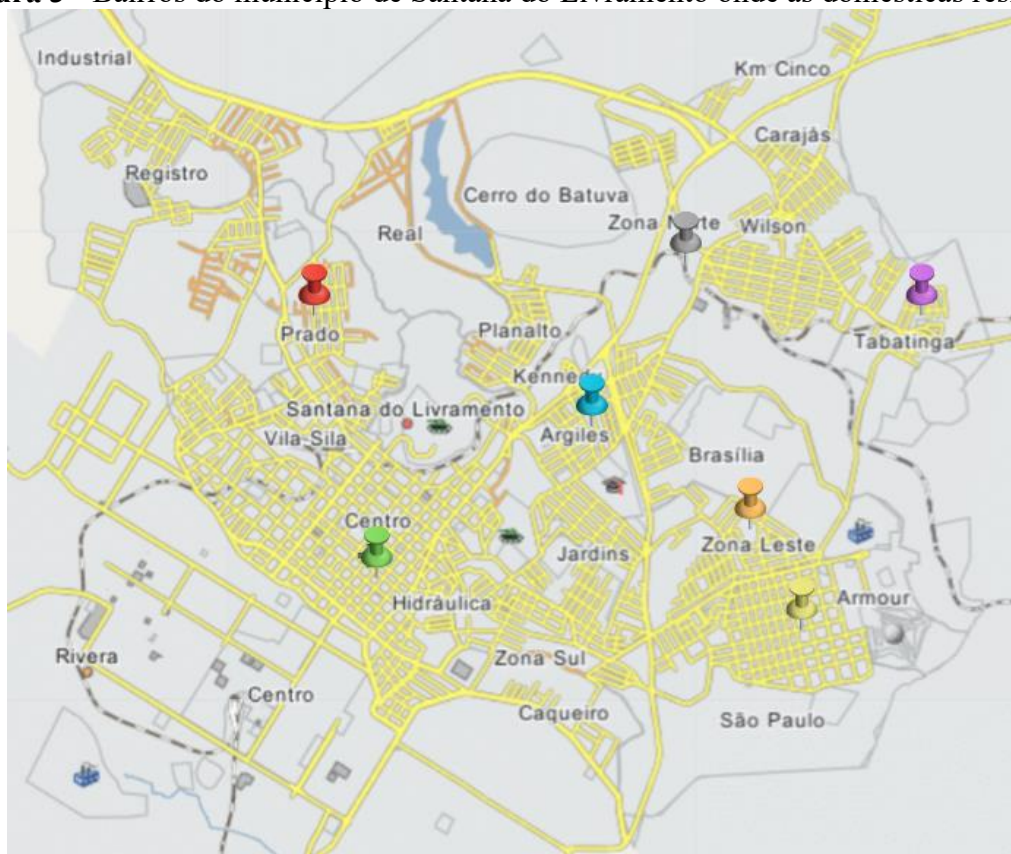
Das seis entrevistadas que possuem o ensino médio completo, apenas uma concluiu os estudos dentro do prazo previsto, sendo a entrevistada mais nova com 37 anos, destacando: *“Tenho médio completo. Os meus pais assim, não é que eles não nos incentivassem, é que eles não tinham informação, então nunca me impulsionaram”* (Entrevistada D1). Nesse contexto a entrevistada se refere a pouca instrução dos pais sobre a importância de continuar os estudos após o ensino médio.

Já as outras cinco entrevistadas que têm o ensino médio completo, terminaram os estudos depois de mais velhas. Isso sucedeu por diversos motivos, como o exemplo da entrevistada D3 que precisou largar os estudos quando jovem porque engravidou aos 14 anos. *“Eu saí com 14 anos, eu tava na oitava série, e aí eu parei, porque eu tava grávida, né, e aí eu digo vou voltar pro colégio”* (Entrevistada D3).

¹⁸ A cor parda é a mistura de uma ou duas raças, podendo ser branca, negra, indígena (ARAÚJO, 2022).

Das onze participantes das entrevistas, quatro residem no bairro Prado, destacado em vermelho no mapa a seguir. Duas estão localizadas na Tabatinga, indicado em roxo, enquanto outras duas vivem no Armour, destacado em amarelo. Uma reside no Jardim Alvorada, cuja área é representada em azul, outra na Morada da Colina, marcada em laranja, e uma na região do Progresso em cinza. Em contraste, o centro da cidade, marcado em verde, serve como ponto de referência. Importante ressaltar que as marcações não indicam as localizações exatas das residências dos entrevistados, mas sim uma representação geral de onde estão situadas em seus respectivos bairros. A figura 3, a seguir, demonstra o mapa dos bairros do município e onde se localizam as residências dos participantes da pesquisa.

Figura 3 - Bairros do município de Santana do Livramento onde as domésticas residem



Fonte: Elaboração própria com base em Wikimapia, 2024.

As entrevistadas moram em distintas localidades do município, a saber: das 11 entrevistadas, apenas duas – D8 e D10- – moram de aluguel, as demais possuem casa própria. Sendo relevante destacar a fala da entrevistada: *“Eu pago R\$ 500 (reais) na minha casa, são quatro peças. Quatro peças. Essas casas da caixa, que são os cúbicos”* (Entrevistada D10). No quadro 7 apresenta-se uma síntese das informações mais

relevantes que caracterizam os familiares das trabalhadoras domésticas em Santana do Livramento.

Quadro 7 - Características dos familiares das trabalhadoras domésticas de Santana do Livramento/RS

Ascendentes		Doméstica		Descendentes			
Mãe	Atividade Laboral	Pai	Atividade Laboral	Doméstica	Entrevistadas	Filhos	Atividade Laboral
	Doméstica		-		D1		Menor de idade
	Cozinheira		-		D2		Militar
							Trabalha em fábrica
	Doméstica		-		D3		Açougueira
							Banhista de pet shop
	Doméstica e lavava para fora		-		D4		Trabalha em fábrica (já foi doméstica)
							Taxista
							Desempregada
	Cozinheira e doméstica		Agricultor		D5		Técnica em enfermagem
							Caixa de farmácia
Empregada doméstica aposentada e dona de ONG	Viação férrea, carroceiro	D6	Caixa de supermercado (já foi doméstica)				
			Vigilante				
			Concursado				
			Assistente social				
Lavava roupa para fora	Trabalhava para campanha	D7	Trabalha na Indústria Automotiva				
Doméstica e pensionista	-	D8	Eletricista				
			Dona de casa				
			Dona de Casa				
Sem profissão ¹⁹	-	D9	Trabalha em uma contabilidade				
			Possui uma pequena loja				
			Trabalha na colheita de maçãs				
Cozinheira	-	D10	-				
Dona de casa	Trabalha na Campanha	D11	Trabalha na eólica				
			Desempregada				
			Manicure (já foi doméstica)				

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo.

Dentre as mães das domésticas entrevistadas, oito são analfabetas, e as outras três não concluíram o ensino fundamental (quinta, quarta e terceira série). Sobre os pais das

¹⁹ A mãe da entrevistada D9 foi caracterizada como sem profissão, pois segundo a entrevistada, ela era alcoólatra e não trabalhava.

entrevistadas, foram obtidas poucas informações. Muitas não conviveram com os seus pais ou não são registradas por eles. “*Não, pai eu não tenho nem no meu registro nome do pai*” (Entrevistada F4). A respeito dos filhos, é possível perceber mudança no perfil de profissão, visto que somente três das filhas trabalharam como domésticas, mas não fazem mais isso atualmente. Tendo conhecido um pouco das características das pessoas por trás das histórias aqui contadas, na sequência, busca-se aprofundar a compreensão de como elas percebem e entendem o seu trabalho no dia a dia e em suas histórias pessoais.

5.1.1 Implicações laborais do trabalho realizado pelas Domésticas em Santana do Livramento/RS

A seção apresenta a atividade laboral das trabalhadoras domésticas participantes da pesquisa. Descrevendo desde a idade que elas começaram a atuar nessa profissão, sua trajetória na profissão e vínculo empregatício atual. O quadro 8 contém a síntese dessas informações.

Quadro 8 - Caracterização do trabalho das empregadas domésticas

Entrevistadas	Idade que começaram a trabalhar	Primeira profissão	Vínculo empregatício atual
D1	21	Caixa de posto de gasolina	Diarista (paga o próprio MEI)
D2	40	Doméstica	Diarista
D3	12	Cuidadora e doméstica	Diarista (paga o próprio MEI)
D4	13	Cuidadora	Aposentada e diarista
D5	19	Vendedora de loja	Terceirizada
D6	8	Cuidadora	Terceirizada
D7	12	Cuidadora e doméstica	Diarista
D8	12	Doméstica	Diarista
D9	-	Doméstica	Aposentada e Terceirizada
D10	11	Doméstica	Aposentada e diarista
D11	-	Doméstica	Diarista com os direitos recebidos

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo.

Das onze entrevistadas, duas começaram suas atividades laborais em outras funções, trabalhando em um posto de gasolina e no comércio. A entrevistada D1 começou a trabalhar com 21 anos em um posto de gasolina. Com 25 anos, um ano após ter sua filha, começou a trabalhar como doméstica. Outra entrevistada que começou suas atividades laborais como doméstica mais tarde foi a D5, atuando sempre em comércio, desde seus 19 anos, conforme suas falas:

Eu sempre trabalhei no comércio, depois de um tempo para cá que eu comecei a trabalhar como doméstica porque já a minha idade né já não estava fechando nos padrões exigindo do comércio que geralmente eles pedem é o perfil uma pessoa mais jovem uma pessoa né também aparência né a gente vai ficando mais velho sabe... Então aqui em Livramento tem muitas preconceito né e também uma cidade que não tem trabalho é assim, ele procuram um funcionário a dedo, porque sabem que se tu não fechar com as exigência tem 100 atrás de ti na fila para ocupar a tua vaga, e é muito complicado aqui Livramento o trabalho é muito complicado por causa disso, tem muita procura e pouca oferta (Entrevistada D5).

A entrevistada D5 ainda destaca que somente conseguiu voltar ao mercado laboral aos 44 anos, após sete anos de sua segunda gravidez, e a única oportunidade que lhe foi oferecida foi como trabalhadora doméstica. Outras quatro entrevistadas começaram a trabalhar como cuidadoras e prestando serviços domésticos, tendo entre 12 e 13 anos, conforme pode ser observado na fala a seguir: *“fui trabalhar com 12 anos, fui trabalhar numa casa de família, acompanhando, uma senhora, e dali já me colocaram pra limpar a casa, ali eu ia segunda-feira, me levavam sábado pra casa, na segunda eu voltava novamente”* (Entrevistada D7). A entrevistada D10 começou a trabalhar aos onze anos como doméstica, assim como a D7 dormia na casa dos chefes, com a diferença de que não voltava para casa no final de semana.

Eu me empregava nas casas e não me interessava. Só que me dessem comida, me dessem uma cama. Eu comecei a empregar com cama[...] morando na casa. Tu é a primeira a ir te deitar. Quando dizem que empregada, que agora não existe mais com cama, né? Tu é a primeira a te levantar... E tu é a última em te deitar. Porque tu tem que deixar a cozinha pronta. Tu tem que fazer janta. E aí te pagavam o que queriam. (Entrevistada D10).

Já a entrevistada D6 começou a trabalhar com oito anos como babá de uma criança, segundo ela *“no começo eu comecei a cuidar de criança, nós era uma família de cinco irmãos, e aí minha mãe botou cada uma numa casa entendeu?! Eu fui pra casa, dessa mulher do meu patrão hoje, ela tinha três anos e eu na época tinha oito anos”* (Entrevistada D6).

Já entre as cinco entrevistadas que sempre trabalharam como domésticas, duas começaram a atividade quando jovens e outras após ter seus filhos e se divorciarem. A entrevistada D2 começou a trabalhar com 40/41 anos e sempre foi doméstica. *“Eu comecei a trabalhar tarde, depois que eu me separei, fiquei muito tempo casada, mas me*

separei. Aí, no começo, eu sempre ficava em casa, como eu tinha a Maria²⁰, tinha uns dois, três anos” (Entrevistada D2).

As entrevistadas D9 e D11 não souberam relatar as idades em que começaram a atuar como domésticas, mas a D9 começou após se divorciar e sua infância foi difícil, tendo que pedir esmola para se sustentar. *“A minha mãe era alcoólatra. Então, a gente não, a gente vivia na rua, pedindo esmola”* (Entrevistada D9). E a entrevistada D11 começou a trabalhar há poucos anos, encontrando como doméstica a única opção laboral.

Quando questionadas sobre as tarefas que realizam nas casas onde trabalham, as entrevistadas responderam que são encarregadas dos serviços gerais, fazendo aquilo de que se tem necessidade no momento. Conforme a entrevistada D4 *“Eu limpo vidro, limpo geladeira, temos umas que deixam a louça limpa, o apartamento varro e passo pano”* (Entrevistada D4) A entrevistada D1 também exemplifica o fenômeno:

Sou eu que, na verdade, gerencio a casa dela. Sou eu que digo que tá faltando na dispensa, que tá faltando de higiene[...] aí sou eu que sou responsável[...] eu mantenho o guarda-roupa organizado, quando eu vejo que tem que tirar tudo do lugar, sou eu [...] ela não me diz o que fazer, entendeu? Sou eu que vejo a necessidade de limpeza e de organização. (Entrevistada D1).

Sobre o vínculo empregatício das onze entrevistas, seis são diaristas destas, duas pagam como Microempreendedor Individual MEI²¹ e uma com a sua empregadora pagando o seu MEI *“Eu não tenho carteira assinada, mas eu pago o meu MEI”* (Entrevistada 1). As outras três entrevistadas estão sem acesso a qualquer tipo de direito com o vínculo empregatício, atuando somente de diarista. A entrevistada D2 destaca: *“mãe, tu não trabalha muito, talvez tu deva paga, não é muito por mês. Mãe, não sei o quê. E eu nunca dei bola, sabe?”* (Entrevistada D2). Conforme a fala da entrevistada, a filha quer que ela pague seu MEI, mas ela não achou relevante. Reforçando o argumento de Fraga e Monticelli (2021) quando destacam o aumento das trabalhadoras diaristas como forma de burlar a nova PEC das domésticas, e essa classe de trabalhadora continuar sem seus direitos básicos. O argumento ainda pode ser potencializado pela fala da entrevistada a seguir.

A gente só vê diarista hoje [...]E diarista porquê [...] porque não precisa tu pagar[...] eu acho que é três dias pra assinar a carteira. E tu não tem que pagar a carteira. Porque tá, eu entendo também que pagar a carteira é caro. Que tá o fundo de garantia. Tá tudo isso. Então [...] mas eu acho que quando veio (a

²⁰ Nome fictício para filha da entrevistada D2.

²¹ Destaca-se que as entrevistadas utilizam o MEI por também serem vendedoras autônomas.

PEC) [...]que tinha que assinar a carteira. Eu acho que aí diminuiu. Porque é muito caro (Entrevistada D10).

A fala da entrevistada demonstra a fragilidade da profissão perante seus direitos legais, mesmo após assegurados por lei (DIESE, 2020). Ainda, entre as entrevistadas, três atuam em serviços gerais como trabalhadoras terceirizadas em órgãos públicos do município, como a Universidade Federal do Pampa e a Procuradoria Geral do Estado.

Por fim, duas aposentadas que seguem trabalhando como diaristas. Na qual a fala da entrevistada D4 se destaca: *“Eu sou aposentada e eu trabalho de diarista porque eu gosto. Eu me aposentei e nunca parei”* (Entrevistada D4). Trazendo à discussão o apego (gostar) da entrevistada perante a profissão. Em um cenário em que a profissão de doméstica é desigual para quem a exerce e não é valorizada (Ribeiro, Ribeiro 2016). Na seção a seguir, serão caracterizados os descendentes das trabalhadoras domésticas, os sujeitos secundários da pesquisa.

5.2 Descendentes de trabalhadoras domésticas em Santana do Livramento: caracterização e implicações laborais

A seção busca apresentar as principais características sociodemográficas dos descendentes das trabalhadoras domésticas e de suas gerações de ascendentes e descendentes em Santana do Livramento, a saber: sexo, idade, etnia, escolaridade, membros familiares, suas escolaridades, bairro, entre outros. Foram realizadas cinco entrevistas com descendentes de trabalhadoras domésticas, sendo quatro mulheres e um homem. O quadro 9 sintetiza as informações que caracterizam os descendentes de trabalhadoras domésticas em Santana do Livramento.

Quadro 9 - Caracterização descendentes de Trabalhadoras domésticas Santana do Livramento/RS

Descendentes	Sexo	Idade	Etnia	Estado Civil	Atividade laboral	Escolaridade	Membros da família
F1	Masculino	26	Pardo	Solteiro	Militar	Ensino médio completo	-
F2	Feminino	24	Parda	Solteira	Estagiária	Ensino médio completo	2 membros (mãe e tia)
F3	Feminino	27	Parda	Solteira	Consultora de vendas	Superior completo	3 membros (mãe, irmão e filha)
F4	Feminino	25	Branca	Casada	Recepcionista	Superior completo	1 membro (esposo)
F5	Feminino	34	Parda	Solteira	Manicure e depiladora	Ensino médio completo	1 membro (namorado)

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo.

Os pais dos entrevistados têm as seguintes profissões: engenheiro (formado recentemente, atuava como pedreiro), caminhoneiro e operador de máquinas. Uma descendente tem seu pai falecido que atuava como pedreiro. A idade dos entrevistados varia entre 24 e 34 anos. Dos cinco entrevistados, dois têm filhos. Sobre a etnia dos entrevistados, quatro se intitulam pardos e uma branca. Em termos de escolaridade, verifica-se um salto em número de anos que permaneceram estudando, comparado com a geração de seus pais, nas quais se encontram as entrevistadas centrais: dois têm ensino superior completo, dois estão cursando o ensino superior e um tem o ensino médio completo.

Em relação ao bairro e ao tipo de moradia dos entrevistados, apresentam variações ao longo da cidade, a saber: Divisa, Prado e Brasília. Sendo duas residências alugadas e três próprias. No que diz respeito aos entrevistados que possuem residências próprias, dois ainda moram com os pais e um mora com o namorado que possui residência.

Sobre o trabalho que os descendentes realizam, o F1 começou a trabalhar com 12 anos em um mercado de empacotador, a F5 começou a trabalhar como doméstica com 14 anos. *“Eu comecei a trabalhar como doméstica, não foi como manicure. Eu morava lá em Campanha e eu queria dinheiro para bobagem e não tinha. Ai eu comecei limpando a casa da mãe da minha amiga. Eu limpei a casa”* (Entrevistada F5). Tornando-se a única das cinco entrevistadas que atuou como doméstica igual à sua mãe. Já a entrevistada F3 começou a trabalhar com 15 anos e a F4 com 16 anos em uma escolinha.

Referente ao atual vínculo empregatício dos entrevistados, consistem nas seguintes profissões: militar, estagiária, consultora de vendas, recepcionista e manicure. Tornando-se importante destacar que as únicas que possuem carteira assinada são a recepcionista e a manicure, o militar tem um regime próprio do exército brasileiro, a estagiária possui contrato de estágio e a manicure não tem vínculo. Posto isso, a próxima seção visa apresentar os aspectos da pobreza geracional presente nas histórias das trabalhadoras domésticas e suas famílias.

5.3 Análise dos desafios e persistências da pobreza geracional e do trabalho doméstico em Santana do Livramento

A seção se propõe identificar os aspectos de pobreza geracional presentes na história das trabalhadoras domésticas e nas gerações de suas famílias. A análise das entrevistas identificou elementos similares aos da literatura adotados no quadro 2. Assim,

a partir dos dados coletados, são explorados os fatores intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional presentes na história das trabalhadoras domésticas e suas famílias.

Ainda, para compor a seção dos entrevistados centrais e secundários da pesquisa, será utilizada a bibliografia de Bird (2007) referente à pobreza geracional e os fatores intrafamiliares e extrafamiliares que a afetam. A autora será usada como base para a seção devido à incipiência do tema da pobreza geracional nesse contexto e à relevância do seu trabalho para a literatura. Sobre as características intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional serão apresentadas por semelhança, conforme as categorias já apresentadas anteriormente: escolaridade, saúde, renda, gerais, gênero e etnia.

Os **fatores intrafamiliares** da pobreza geracional são compostos por diversas características, a contar com a escolaridade dos indivíduos estar relacionada com a renda de seus responsáveis e com sua escolaridade ser equivalente à de seus pais (Bird, 2007). Das onze entrevistadas, nove tiveram suas escolaridades afetadas pela renda de seus pais. A entrevistada D2 esclarece o fenômeno: *“A gente tinha que trabalhar, né? Então, a mais velha cuidava da mais nova. Então, assim, não tinha muito tempo pra estudar, era sempre assim, e a minha mãe não tinha muito pra nós estudar”* (Entrevistada D2). A fala da entrevistada D4 também relata esse fenômeno:

Eu já terminei meus estudos depois de adulta, depois de certa idade. Eu não estudei porque precisava trabalhar porque a mãe morava de casa alugada então a gente trabalhava para pra ajudar, eu trabalhava pra ajudar ela pagava aluguel (entrevistada D4)

Das outras duas entrevistadas, uma concluiu os estudos no tempo que entrou na escola e a outra acabou interrompendo pelo casamento. Kassouf (2015) destaca que a pobreza, a escolaridade dos pais, idade em que os pais começaram a trabalhar, local de residência, sexo do chefe de família, são determinantes para que crianças comecem a trabalhar e larguem conseqüentemente a escola. Esses determinantes contribuíram para que as entrevistadas fossem afetadas pela renda dos pais. Como a fala da entrevistada a seguir ressalta, ela foi criada por sua avó, que sempre trabalhou como doméstica e teve necessidades para sustentá-la.

E a minha avó me dizia, tu come no colégio. Porque não vai ter comida no meio-dia. [...] Quando a minha avó chegava no serviço dela, já tinha comida. Porque a minha avó trabalhava. Entrava no meio-dia. Já tava o prato e a comida, da minha avó, pronto. E tinha lugar para ela se sentar, eram aquelas escadinhas que tem de três [...] A mulher botava [...] A patroa botava uma escadinha pra ela se sentar. Aí o arroz tava misturado com.[...]Por exemplo,

se era carne com molho, o arroz não era o arroz. Tu não via assim que a pessoa botava. um arroz, uma carne, tu via que vinha misturado. Porque ela juntou todos os pratos. E colocava no prato pra minha avó. E a minha avó pegava o prato assim inteirinho (Entrevistada D10)

A entrevistada relata que sua avó era analfabeta e que morava numa casa de uma única peça “*A minha avó alugava uma peça com piso de chão. A gente tinha patente. E a gente tinha colchão de pasto. Sim. A gente secava o pasto* (Entrevistada D10). Esses fatores fizeram a entrevistada largar a escola aos onze anos e ir morar na casa de outras pessoas para trabalhar como doméstica. Já a entrevistada D9 relata que não pode continuar estudando porque sua mãe era alcoólatra e a única maneira para se sustentar era pedir esmola na rua.

Referente à escolaridade dos entrevistados ser equivalente à de seus pais, oito das mães (ascendentes) são analfabetas e três não completaram o ensino fundamental. Sendo que cinco domésticas (geração atual) completaram o ensino médio depois de mais velhas, por precisarem trabalhar, ou focar em suas próprias famílias, como exemplifica a entrevistada: “*Eu trabalhei numa casa, comecei com 14 anos, 14 não, com 12 anos eu comecei a trabalhar cuidando de criança. Ai, depois eu engravidei, aí eu trabalhava, né*” (Entrevistada D3). A entrevistada ainda aponta que somente conseguiu completar seus estudos há poucos anos.

Outras cinco entrevistadas não têm o ensino fundamental completo, sendo que não quiseram concluir os estudos depois de mais velhas e/ou não tiveram essa oportunidade. “*Até tive vontade de começar, porque não custa, né? A idade não é importante pra estudar, né? Ai, não, já comecei já no meu serviço e não...não consegui*” (Entrevistada D8). Aos 12 anos, a entrevistada foi obrigada a ingressar no mercado de trabalho, interrompendo sua trajetória escolar. Posteriormente, apesar do desejo de retomar os estudos, enfrentou dificuldades para fazê-lo devido à necessidade premente de manter-se economicamente ativa.

Apenas uma entrevistada completou o ensino médio na época que ingressou na escola. Fazendo com que a escolaridade das trabalhadoras domésticas seja equivalente à de seus pais, pois, apenas cinco conseguiram, apesar das dificuldades, terminar o ensino médio depois de mais velhas. “*Depois de 28 anos que eu tinha parado de estudar, eu voltei a fazer o EJA*” (Entrevistada D7). Conforme Gafforelli, Sant’anna, Silva, (2020), a aprendizagem de jovens e adultos em qualquer idade é uma forma legítima de aprendizagem que contribui para a realização pessoal e para a plena participação na sociedade. Ainda, faz-se necessário destacar o descendente (filho) da entrevistada D4,

que possui uma escolaridade inferior a ela. *“Meu filho esse que mora comigo tem só até quinta série, não quis saber de estudar”* (Entrevistada D4). Enquanto a entrevistada possui o ensino médio completo, após completar quando mais velha.

Outras características dos fatores intrafamiliares são a saúde dos indivíduos, sua alimentação, número de componentes familiares, desnutrição materna durante a gravidez e pais/cuidadores bem nutridos (Bird, 2007). Quando as entrevistadas foram questionadas sobre sua alimentação durante a infância, as onze afirmaram ter enfrentado dificuldades. A situação está intimamente ligada às características de saúde dos pais e à nutrição que proporcionavam. Conforme a fala da entrevistada, a seguir:

A minha infância era bem menos as coisas, eu fui criada mais com a minha avó né então era eu e uma prima que a minha prima agora já faleceu. vai fazer 4 anos agora em dezembro que ela faleceu. A nossa infância foi bem pobre bem pobre. A minha avó fazia às vezes umas balinhas de açúcar queimado no fogão pra gente sair comendo pro colégio. A dos meus filhos já foi bem melhor o meu marido trabalhava. (Entrevistada 4)

A entrevistada D7 relata que tinha necessidade para comprar alimentos e só foi conseguir provar manga depois de adulta. *“Depois, de adulta, eu comprava manga, tanto é que manga tem sempre aqui em casa”* (Entrevistada D7). Além das dificuldades que passaram na infância, a entrevistada D5, relata que ainda enfrenta dificuldades para se manter economicamente e comprar comida:

Agora mesmo esses tempos, eu fiz sanduiche pra vender comprei tudo as coisas... ingredientes, só que eu tava no final do mês e eu não tinha, acabei usando meu dinheiro das passagens (de ônibus circular) né e fiquei sem dinheiro para o pão e eu não gosto de pedir para o meu marido (grifo próprio) (Entrevistada D5).

A entrevistada ainda destaca que conseguiu um trabalho extra *“peguei o dinheiro dali para as passagens e para gasolina e para mim comprar o pão”* (Entrevistada D5). Ressalta-se que a entrevistada não dirige, usou o dinheiro para colocar gasolina no carro do marido. A realidade da entrevistada é corroborada pela pesquisa de Madalozzo e Blofield (2017), visto que indica que mulheres suportam um peso desproporcional na responsabilidade com o cuidado com a casa e com o sustento da família. A fala da entrevistada D11 também relata esse fenômeno: *“aqui a luz e a água imposto, gás, tudo eu... meu marido compra carne as vezes, né? Mas teve uma época que foi só eu mesmo”* (Entrevistada D11).

A alimentação é um fator que perpetua a pobreza ao longo das gerações. Famílias com muitos filhos têm uma maior probabilidade de enfrentar carências nutricionais, já que os recursos disponíveis podem ser direcionados para os filhos mais novos ou mais velhos. Isso pode resultar em menos oportunidades para que as crianças se alimentem adequadamente e concluam o ensino médio (Bird, 2007). A entrevistada D7 destaca: “*nós somos sete irmãs e um homem, né? Daí a gente foi uma família muito humilde*” (Entrevistada D7). No quadro 10 apresentam-se os componentes familiares das entrevistadas.

Quadro 10 - Componentes familiares das entrevistadas em Santana do Livramento/RS

Domésticas	Pais (antecedentes)	Família nuclear
D1	Pai, mãe e irmã	Marido e filha
D2	Pai, mãe (vários ²² irmãos)	Namorado e mãe e três filhos
D3	Mãe, dois irmãos e uma irmã	Três filhos
D4	Avo e duas irmãs de criação	Marido e três filhos
D5	Pai e mãe adotivos (três irmãos biológicos)	Marido e dois filhos
D6	Pai, mãe e cinco irmãos	Marido e cinco filhos
D7	Pai, mãe e sete irmãos	Marido e um filho
D8	Mãe (não informou sobre irmãos)	Marido, mãe e quatro filhos
D9	Mãe e três irmãos	Três filhas
D10	Avó, uma irmã	-
D11	Pai, mãe e irmã	Marido e três filhos

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo.

Destaca-se que foram contabilizados todos os filhos que as domésticas tiveram na família nuclear, mesmo que estes não estejam mais morando com elas. Assim, é possível que a composição familiar que as domésticas tiveram na infância se aproxime da que elas têm na sua vida adulta, como a entrevistada D6, que teve cinco irmãos e tem cinco filhos. A respeito da desnutrição materna durante a gravidez, não foi relatada especificamente pelas entrevistadas, no entanto, duas relatam complicações no parto. “*A primeira gravidez foi com 17 anos, nem sabia que era gravidez. Ai ganhei ela em casa porque senti as dores, eu não sabia a hora de ganhar, o que eu ia sentir*” (Entrevistada D11). A entrevistada relata que teve sua filha sozinha em casa por não saber a hora que seria o parto, causando grandes traumas a partir desse momento. Já a complicação da entrevistada D4 foi seu filho nascer com a perna deslocada.

Ainda como características intrafamiliares da pobreza geracional, temos: a renda familiar (meio de subsistência) e o acesso a bens materiais. As entrevistadas foram

²² Conforme as falas da entrevistada, seu pai faleceu quando ela tinha sete anos e ela tem vários irmãos. Não especificando a quantidade “*por ter vários irmãos acabou dificultando*” (Entrevistada D2).

questionadas sobre a principal fonte de renda da sua família²³. Cinco das onze entrevistadas responderam que eram a principal fonte de renda de sua casa, mesmo duas delas sendo casadas/vivendo com um companheiro. *“Sim, desde que eu comecei a trabalhar, sou a principal fonte de renda”* (Entrevistada D11). Três responderam que as despesas são divididas entre elas e o marido, *“E do meu esposo somos a renda (Entrevistada D1)”*. E as outras três responderam que sua principal fonte de renda é o marido. *“Meu marido, ele é o principal brigadiano”* (Entrevistada D6).

Das 11 entrevistadas, seis já receberam algum tipo de benefício do governo, incluindo o programa Bolsa Família e auxílio emergencial. *“Já recebi o Auxílio emergencial”* (Entrevistada D8). As outras cinco relatam nunca ter recebido nenhum tipo de auxílio nem ajuda do governo. É relevante destacar que o salário para essa classe de trabalhadoras domésticas entre os anos de 2019 e 2020 estava entre R\$ 924 e foi para R\$ 876 em média (DIEESE, 2020). Um salário abaixo do piso que foi estipulado para essa categoria pela lei n.º 15.911, de 22 de dezembro de 2022, no estado do Rio Grande do Sul, que é de R\$ 1.443,94. Assim, dificultando as entrevistadas de adquirir seus bens materiais, principalmente aquelas que são a principal fonte de renda de suas famílias. A fala da entrevistada, a seguir, destaca:

Ah sim porque eu sou muito de querer uma coisa e enquanto eu não consigo eu não sossego, aí eu me endivido toda. Eu me já comprei minha casa própria e vendi todos os moveis da minha casa ficamos comendo no chão, porque eu não tinha dinheiro para dar entrada na casa e vendi todos moveis. Fiquei endividada, sem cama nem nada, mas depois consegui... (Entrevistada 6)

A entrevistada D10 também nos elucida sobre o sentimento de trabalhar e não conseguir adquirir nada por meio desse trabalho. *“Eu não tenho casa própria, eu alugo, aí tu já vê que eu sou pobre... Porque se tivesse a possibilidade, o primeiro que faria é comprar minha casa para não tirar todo mês da minha aposentadoria”*. (Entrevistada D10). Fernandes (2023) corrobora com o exposto, destacando que o trabalho doméstico é desgastante e insalubre, no qual fornece poucas oportunidades para quem o exerce e viola os direitos civis, humanos e trabalhistas.

Outras características da pobreza geracional observadas nas trabalhadoras domésticas foram sobre agregados familiares liderados por idosos terem menores

²³ Das onze entrevistadas, três vivem em uma família sem nenhum aposentado ou pensionista. Duas com o marido aposentado, duas sendo aposentadas, uma com ela e o marido sendo aposentados, uma com a mãe aposentada e uma sendo pensionista do falecido marido.

desempenhos e a pobreza gerar instabilidade emocional (Bird, 2007). Referente a agregadas familiares lideradas por idosos, temos duas entrevistadas com esse perfil. ‘*Eu morava com a vó, eu comecei a trabalhar pra ajudar ela a pagar aluguel, ela sempre pagou aluguel*’ (Entrevistada D4). A entrevistada começou a trabalhar como doméstica com 12 anos para ajudar a avó, validando Bird (2007), pois, muito nova, necessitou largar os estudos e começar a trabalhar, fazendo com que o desempenho econômico da entrevistada fosse menor. A instabilidade emocional foi percebida em uma entrevistada devido ao trabalho de doméstica ser considerado estagnado.

Mas aí eu tava muito depressiva, porque desde os 12 anos, né, tu, naquela função, tu trabalha, trabalha, né, e a cabeça funciona, né, e aí eu comecei a ficar depressiva, comecei a engordar, pegar peso. E aí tu sabe que, eu digo, não, eu preciso nem mexer, eu preciso sai, aí eu me lembrei, assim, foi Deus me lembrou, assim, vou voltar pro colégio. Vai fazer bem pra minha cabeça (Entrevistada D3).

A entrevistada D3 em sua fala relata que estava muito depressiva, pois sentia que o trabalho doméstico não a levava para lugar nenhum, sendo esse o motivo dela voltar a estudar. O trabalho infantil também é uma característica intrafamiliar, destacando que é provável que as crianças sejam trabalhadoras infantis se seus pais tiverem escolaridades limitadas (Bird, 2007). A escolaridade máxima dos pais das entrevistadas é o ensino fundamental incompleto, o que pode estar fortemente atrelado a seis entrevistadas que começaram suas atividades laborais quando crianças e outras duas não trabalharam, mas necessitaram interromper os estudos e pedir esmola.

Os **fatores extrafamiliares** da pobreza geracional são compostos por diversas características, a contar com conflitos na sociedade, sexo (gênero), discriminação por ser pobre (Bird, 2007). Referente a conflitos na sociedade e discriminação, as onze entrevistadas foram questionadas se já sofreram algum tipo de discriminação, seja no trabalho ou em sua vida pessoal, por exercer a profissão de doméstica²⁴. Nesse sentido, quatro entrevistadas responderam que nunca foram discriminadas, duas afirmaram que não ficariam quietas caso a situação ocorresse. ‘*Eu não... Ah, e outra, eu não fico quieta... Eu preciso dela, ela precisa de mim. É, é uma coisa mútua, né?*’ (Entrevistada D2). Outra entrevistada relatou que não sofreu discriminação que tenha percebido.

²⁴ Destaca-se que é um assunto muito delicado para tratar e algumas entrevistadas ficaram constrangidas com a pergunta.

Quatro entrevistadas relataram que já sofreram algum tipo de discriminação. *“Eu acho que a discriminação é dia a dia, né? A gente sofre. Porque, já em tu ser doméstica, tu já sabe que o teu lugar não é ali”* (Entrevistada D10). A entrevistada ainda relata que ela não se acha digna de valor por sua profissão não ter valor. *“Eu acho que doméstica, para mim, não tem valor mesmo. Eu acho que é uma profissão que não tem valor”* (Entrevistada D10). A fala da entrevistada D5 vai de encontro com o exposto:

Essa pessoa me agrediu, ele me agrediu verbalmente dentro da casa dele e eu respondi aquilo que eu tinha certeza que eu tava porque, ele me contratou para trabalhar e cozinhar, só que ele tinha a loja do lado e queria que eu limpassem a loja do lado. Ele me pediu para mim limpar, eu fui e limpei né, porque com certeza ele vai me pagar separado, no dia do pagamento, chegou o dia do pagamento ele me pagou só o que me tratou...(no caso só a faxina da casa) aí na segunda vez ele me pediu para mim limpar e eu fiquei quieta e ele achou que eu não tinha ouvido, e ele disse: a senhora viu que eu lhe pedi para limpar a loja... E sabe que ele me agrediu tanto, me falou tanta coisa, e eu fiquei quieta.. não me deu o estalo de eu ter gravado, porque meu celular era simples mas dava para ter gravado, e eu fiquei muito chateada com aquilo, mas pensei, vou terminar o meu trabalho, por que eu sempre terminava, eu chegava cedo e saía sempre mais depois do horário, fazia 9h/9:30h e nunca levei em conta (Entrevistada D5).

A entrevistada relata que o empregador queria que ela fizesse mais do que as funções contratadas para fazer. Quando ela se recusou a fazer, ele a agrediu verbalmente. Fazendo alusão ao estudo de Antunes; Fleck; Troian (2023), no qual explana que ainda atualmente a profissão doméstica sofre as consequências da sua origem escravocrata. A fala da entrevistada corrobora. *“Eu acho que isso aí vem junto com a escravidão, sabe? Se tu analisar bem, isso vem junto”* (Entrevistada D10). Referente aos maus tratos que sofria da sua empregadora.

As onze entrevistadas foram questionadas se acreditavam que se tornaram trabalhadoras domésticas por serem mulheres, se isso estava atrelado ao gênero delas. Três acreditam que não se tornaram trabalhadoras domésticas por serem mulheres, mas justificam pelas seguintes razões: ser a profissão que se adaptava à realidade da entrevistada, necessitar começar a trabalhar cedo e ser a única opção que não precisa estudar e pelas condições de vida. *“Não, acredito que não, porque tu vai trabalhar cedo e o mais fácil é ser doméstica porque não precisa estudar”* (Entrevistada D6).

Oito entrevistadas relataram que acreditam que ser mulher as influenciou a se tornarem domésticas. *“Acho que sim, porque é mais fácil para a mulher, né? Eu vou, te colocam para cuidar de criança bem nova, como eu mesmo”* (Entrevistada D3). Reforçando o estereótipo da mulher cuidadora da casa e dos filhos (Silva, 2006).

Outra característica dos fatores extrafamiliares da pobreza geracional é o acesso ao mercado de trabalho (Bird, 2007). Sendo que apenas duas das onze entrevistadas trabalharam em outras funções que não no trabalho doméstico, começaram a exercer a função devido não encontrar mais oportunidade no comércio. *“Hoje em dia, tu tem a opção de trabalhar só em lojas, se aparecer, eu tô dentro”* (Entrevistada D1). A entrevistada D5 também relata sobre o assunto:

Eu sempre trabalhei no comércio, depois de um tempo para cá que eu comecei a trabalhar como doméstico **porque já a minha idade né já não estava fechando nos padrões exigindo do comércio que geralmente** (grifo próprio) eles pedem é o perfil uma pessoa mais jovem uma pessoa né também aparência né a gente vai ficando mais velho sabe... Então aqui em Livramento tem muitas preconceito né e também uma cidade que não tem trabalho é é assim, ele procuram um funcionário a dedo, porque sabem que se tu não fechar com as exigência tem 100 atrás de ti na fila para ocupar a tua vaga, e é muito complicado aqui Livramento o trabalho é muito complicado por causa disso, tem muita procura e pouca oferta (Entrevistada D5).

As outras nove entrevistadas ou começaram como cuidadoras ou como domésticas, independentemente das suas idades, relataram que nunca tiveram problemas para encontrar empregos, sempre que deixavam uma casa encontravam outra. Quando questionadas se perderam emprego por conta da idade, responderam que não. *“Não. Ao contrário, todos os serviços que eu tinha, eu nunca fui botada pra fora de serviço. E os trabalhos que eu saí, eu saí. E os que eu saí sempre me disseram se eu queria voltar”* (Entrevistada D10).

A etnia também é uma característica dos fatores extrafamiliares (Bird, 2007). Assim, as entrevistadas foram questionadas se acreditam que a cor da pele pode gerar algum tipo de preconceito ou discriminação. As onze domésticas participantes da pesquisa concordaram, sendo que quatro se autointitulam negras. Entre as falas das entrevistadas que se declararam como brancas e pardas que acreditam que a cor da pele pode gerar algum preconceito, a entrevistada D4, ressalta *“tem né, que não gosta das pessoas porque são pretas, eu já sou diferente, é normal, não deixa de ser uma pessoa, uma pessoa normal igual à gente”* (Entrevistada D4). A fala da entrevistada D5, também é pertinente:

Embora todas as leis que existem, que tudo que tu fala é crime, que tu pode ser preso, esse sistema que tem ai é uma perseguição. De repente tão te levando preso e tu nem sabe, porque tu não presta atenção no que tu diz, ta mal acostumado com a democracia, nossa democracia vai terminar, Existe muito preconceito sim. (Entrevistada D5)

Quanto às quatro entrevistadas que se autointitularam negras, também acreditam que a cor da pele pode gerar preconceito e, quando questionadas se isso já as impediu financeiramente, as quatro responderam que sim. Duas delas não quiseram falar a respeito, devido ser um assunto delicado. Já uma entrevistada relata “*Entre os patrão têm bastante gente sendo assim preconceituoso*” (Entrevistada D3). A entrevistada D10 completa: “*Porque brasileiro é racista. E a parte de ser racista é hipócrita. Porque eles enchem a boca dizendo que gostam de negro, e na primeira ocasião que eles têm, primeiro que eles te chamam de negro*” (Entrevistada D10). Segundo Freitas e Santos (2023), a dívida referente ao período da escravidão continua sendo um elemento reprodutor de desigualdade, colocando a população negra em condições de exploração e opressão quanto a oportunidades laborais e de educação.

O ambiente e as interações sociais em que o indivíduo está inserido e a baixa participação na sociedade também podem ser fatores que perpetuam a pobreza geracional (Bird, 2007). O que está fortemente ligado à realidade das entrevistadas, visto que todas vieram de uma origem humilde, com suas mães trabalhando como domésticas ou com atividades ligadas ao cuidado (cozinheira e lavadeira) e seus pais trabalhando como agricultores.

Outras questões que estão associadas a pobreza geracional evidenciadas no quadro 2, não foram possíveis de detectar com as entrevistadas, devido fugir do tema de pesquisa e do roteiro de entrevista, são elas: questões culturais e psicossociais, baixas aspirações, influências políticas, influências de redes sociais, trauma da exposição a violência e violência de guerra. Destaca-se que todas as características dos fatores intrafamiliares foram percebidas entre as entrevistadas. Na seção seguinte, serão apresentados os fatores intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional dos descendentes das trabalhadoras domésticas.

5.3.1 Análise dos desafios e persistências da pobreza geracional nos descendentes das trabalhadoras domésticas em Santana do Livramento

A seção busca identificar os aspectos de pobreza geracional presentes na história dos descendentes das trabalhadoras domésticas e nas gerações de suas famílias. A análise das entrevistas identificou elementos similares aos da literatura adotados no quadro 2 presente no referencial teórico. Assim, a partir dos dados coletados, serão evidenciados

os Fatores Intrafamiliares e Extrafamiliares da pobreza geracional presentes na história dos descendentes (sujeitos secundários) e suas famílias.

Os **fatores intrafamiliares** da pobreza geracional são compostos por diversas características, a contar com a escolaridade dos indivíduos estar relacionada com a renda de seus responsáveis e com sua escolaridade ser equivalente à de seus pais (Bird, 2007). Dos cinco descendentes entrevistados, três têm o ensino médio completo, sendo que dois estão cursando o ensino superior e outras duas têm o ensino superior completo. *“Eu não pude escolher muito o que eu queria dentro da minha realidade. Eu tive mais ou menos fases assim”* (Entrevistada F3). A entrevistada relata que teve dificuldades de sua descendência de filha de doméstica, porém mesmo assim avançou em relação à escolaridade de sua mãe, que tem somente até a quinta série. Já a entrevistada F5 descreve que não teve incentivo de seus pais para os estudos.

Ah, mas eles não têm interesse nenhum estudo eles nem incentivos vir a estudar. Meu irmão parou na quinta série. Vieram para cá para morar na cidade, para os guris estudar. O guri parou na quinta série. Eles nem no colégio foram. Vou lá saber o que aconteceu. Vamos trocar de escola. Não, não tem, ele se governa, nos estudos se governa. Só nos as mulheres terminamos (Entrevistada F5).

Bird (2007) salienta que a educação feminina é um importante fator para romper a transmissão geracional da pobreza, porque quando as mães são instruídas, elas são responsáveis por encaminhar seus filhos à escola. A respeito da escolaridade dos entrevistados ser equivalente à de seus pais, é possível ver um salto significativo, pois, duas ascendentes (mães domésticas) têm até a quinta série, duas têm o ensino fundamental incompleto e apenas uma o ensino fundamental completo.

Outras características dos fatores intrafamiliares são a saúde dos indivíduos, sua alimentação, número de componentes familiares, desnutrição materna durante a gravidez e pais/cuidadores bem nutridos (Bird, 2007). Quando os cinco entrevistados foram questionados sobre sua alimentação durante sua infância, todos afirmaram ter enfrentado dificuldades. Essa situação está intimamente ligada às características de saúde dos pais e à nutrição que proporcionavam. Entrevistada destaca: *“Eu senti mais isso, né? Naquela época, a gente vivia bem a questão, a gente tinha dificuldade e tal. Minha mãe, não vou apenas mentir, minha mãe tinha algumas dívidas e tal”* (Entrevistada F2). A entrevistada F4 também evidência:

Teve épocas que eu lembro assim na infância que era aquela opção de comida se a gente não quisesse infelizmente não tinha um plano B Um arroz, um feijão, uma galinha. A gente não tava afim de comer, era aquilo que tinha, eu me lembro de alguns episódios que isso aconteceu [...] mas de faltar não Graças a Deus não (Entrevistada F4).

Apenas uma das entrevistadas é mãe e um entrevistado pai, sendo que relataram que esse processo foi tranquilo e as crianças nasceram na pandemia. “*Foi tudo tranquilo*” (Entrevistado F1). Assim, na geração de descendentes, não é possível perceber desnutrição materna e problemas enfrentados na gravidez. No quadro 11 apresentam-se os componentes familiares das entrevistadas.

Quadro 11 - Componentes familiares descendentes

Descendentes	Antecedentes	Família Nuclear
F1	Pai, mãe e quatro irmãos	Dois filhos
F2	Mãe e tia	
F3	Mãe e dois irmãos e uma filha	
F4	Mãe e dois irmãos	Marido
F5	Pai, mãe e dois irmãos	Marido

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo.

Apenas dois dos cinco entrevistados já possuem filhos. Outros dois entrevistados continuam morando com sua família de origem. Sobre o fato de ter muitos irmãos, o entrevistado F1 aponta: *por exemplo, meus irmãos, eles estão estudando, estão se formando, mas no momento eles não contribuem com a renda da casa. Então, eu acho que são muitas coisas pra levar à pobreza* (Entrevistado F1).

Ainda como características intrafamiliares da pobreza geracional, temos a renda familiar, o meio de subsistência e o acesso a bens materiais (Bird, 2007). Os entrevistados foram questionados sobre a principal fonte de renda de suas famílias. Dos cinco entrevistados, dois falaram que são sua principal fonte de renda em sua casa, uma falou que é dividida entre ela e o marido e outras duas falaram que a principal fonte de renda é a mãe dela e sua aposentadoria. A entrevistada F3 nos elucidou:

Então, sempre foi a mãe (a principal fonte de renda) assim, às vezes. Depois que a gente começou a trabalhar e cada um tem sua renda, a gente divide as coisas. Cada um tá com uma conta, a gente divide a parte da alimentação, mas se fosse pra escolher uma pessoa, seria a minha mãe (Entrevistada F3).

Referente a aposentados ou pensionistas, duas ascendentes - mães dos entrevistados - são aposentadas, levando em conta que a entrevistada F3 e F4 são irmãs. Apenas dois entrevistados têm familiares que recebem ou já receberam algum benefício

do governo. *“O meu irmão recebe um benefício, mas é do Uruguai (Entrevistado F1).* Das características intrafamiliares da pobreza geracional, agregados familiares liderados por idosos não foram identificados, devido a todos os descendentes terem sido criados por suas mães domésticas. Também não foi evidenciado a pobreza gerar instabilidade emocional.

Os **fatores extrafamiliares** da pobreza geracional são compostos por diversas características, a contar com conflitos na sociedade, sexo (gênero), discriminação por ser pobre (Bird, 2007). Referente a conflitos na sociedade e discriminação, os entrevistados foram questionados se já sofreram algum tipo de discriminação por serem filhos de uma trabalhadora doméstica. Dois responderam que não, outros dois também responderam que não, mas que não se lembravam, ou que isso não incomodava. *“Que eu me lembre, não. Que eu me lembre, não. Porque, geralmente, se tem alguma situação que eu vou perceber... Eu já me afasto dessa pessoa, dessa situação, desse local” (Entrevistada F2).* Outra relatou que nunca foi discriminada, mas se sentia envergonhada de ser filha de uma doméstica.

Discriminada nunca fui, mas eu confesso que tinha vezes que eu me sentia envergonhada de dizer sabe? Eu lembro lá no ensino médio que minhas colegas as mães tudo trabalhavam em funções diferentes e a minha era doméstica, eu lembro que eu ficava meio receosa. Mas hoje para mim é motivo de orgulho porque eu sei que a gente venceu isso e todo o esforço dela (Entrevistada F4)

Os entrevistados também foram questionados se acreditam que o fato da mãe deles trabalhar como doméstica podia influenciar eles a terem a mesma profissão. Três responderam que não. *“Hoje em dia não porque a gente tem a visão diferente e não é porque eu tenho marido que eu que vá fazer as coisas que se divide em casa” (Entrevistada F4).* Outras duas entrevistadas responderam que sim: *“Pode ser”. E era o que eu sabia fazer também (Entrevistada 5).* Sendo que a entrevistada teve o seu primeiro emprego como empregada doméstica.

Outra característica dos fatores extrafamiliares da pobreza geracional é o acesso ao mercado de trabalho (Bird, 2007). Os entrevistados começaram a trabalhar com 12, 14, 15 e 16 anos. *Eu, com 12 anos, trabalhava nas férias. Não era um trabalho muito contínuo (Entrevistado F1).* Duas estão formadas em Administração na Universidade Federal do Pampa, mas atualmente não exercem a profissão, atuando como consultora de vendas e recepcionista.

A etnia também é uma característica dos fatores extrafamiliares (Bird, 2007) os cinco entrevistados foram questionados se acreditam que a cor da pele pode gerar algum

tipo de preconceito ou discriminação. Todos concordam que sim. “*Com certeza, na questão de casa familiar. Mas, por exemplo, uma doméstica numa empresa, numa loja, no mercado. Porque ela é doméstica e tem a pele mais escura*” (Entrevistada F2). A entrevistada se refere ao preconceito gerado pela doméstica frequentar lugares como lojas e mercados e ser discriminada pela sua função laboral. Guimarães (2023) destaca em sua pesquisa que o racismo estrutural representa um dispositivo de distanciamento entre pessoas negras e brancas na sociedade, afetando a dinâmica da população negra. A qual também pode ser relacionada com o trabalho doméstico quando é executado por pessoas negras.

Outras questões que estão associadas a pobreza geracional que foram evidenciadas no quadro 2, não foram possíveis de detectar com as entrevistadas, devido fugir do tema de pesquisa e do roteiro de entrevista, são elas: questões culturais e psicossociais, baixas aspirações, influências políticas, influências de redes sociais, trauma da exposição a violência e violência de guerra. Destaca-se que todas as características dos fatores intrafamiliares foram percebidas entre as entrevistadas. Na seção seguinte, será apresentada a continuidade do trabalho doméstico entre as famílias das trabalhadoras domésticas.

5.4 Reprodução do trabalho doméstico entre as famílias em Santana do Livramento/RS

A seção busca verificar a reprodução do trabalho doméstico entre as famílias das trabalhadoras. Para tanto, as entrevistas foram analisadas visando identificar a profissão das mães, pais e filhos das domésticas (geração de ascendentes, atual e ascendentes) para verificar se já realizaram/realizam atividades relacionadas a essa profissão. Para auxiliar a análise do tópico, foram resgatadas algumas informações do quadro 8, no qual foram destacadas as profissões dos familiares das domésticas e os genoprofissiogramas das entrevistadas que aceitaram participar da dinâmica.

Das onze entrevistadas, seis destacaram que suas mães eram domésticas. Sendo que duas das mães das entrevistadas ainda realizavam outras duas funções laborais, lavadeira e cozinheira. “*Minha mãe era doméstica. Inclusive, uma das casas que eu comecei trabalhando de faxina é ex-patroa dela.*” (Entrevistada D1). Tornando-se presente a continuidade do trabalho doméstico entre a geração dessa mãe e filha e reforçando a abordagem teórica de Bird (2007) na qual os filhos necessitam sair do ponto de partida permitido por seus pais para alcançar o sucesso profissional. A entrevistada D8

complementa: “Morava só eu e minha mãe. A minha mãe trabalhava de doméstica. Ela é analfabeta” (Entrevistada D8). Na figura 4 será apresentada a árvore genealógica profissional (Genoprofissiograma) da família da entrevistada D8.

Figura 4 - Genoprofissiograma D8



Fonte: Entrevistada D8.

Com base no genoprofissiograma é possível perceber que as filhas da entrevistada também realizam atividades de cuidados com o lar, apenas não são remuneradas para isso. E que a mãe da entrevistada era doméstica, reforçando a continuidade do trabalho doméstico ser passo entre as gerações. Três mães das entrevistadas eram cozinheiras, uma exercendo a profissão de doméstica ao mesmo tempo. Segundo a entrevistada D5: “a minha mãe sempre trabalhou de cozinheira, ela trabalhou uma época também na Swift Armour²⁵, ela trabalhou uma boa época” (Entrevistada D5). Na figura seguinte, será explanada a árvore genealógica da família da D5.

²⁵ Conforme Silva (2018) foi com a chegada do frigorífico em Santana do Livramento que a economia acelerou e foi desenvolvida, trazendo consequências no seu fechamento

Figura 5 - Genoprofissiograma D5



Fonte: Entrevistada D5.

A entrevistada ainda destaca que não foi criada com sua família de sangue, foi adotada por um casal sem filhos. “*Eu não fui criada com minha mãe legítima, eu fui criada com um casal que não tinha filhos, e então eu vivi minha infância com eles*” (Entrevistada D5). A entrevistada D10 também nos elucidou: “*A minha mãe trabalhava num colégio de merendeira*” (Entrevistada D10). Na figura 6, a seguir, será demonstrada a árvore genealógica da entrevistada D10.

Figura 6 - Genoprofissiograma D10

Fonte: Entrevistada D10.

A entrevistada foi criada por sua avó, nunca foi casada e não tem filhos. “*O que me assusta assim mesmo é ficar, é a velhice. É a velhice. Isso é uma coisa que me preocupa, assim, sabe?*” (Entrevistada D10). Destacando que tem medo de ficar sozinha quando for mais velha. Segundo Silva (2023) em sua pesquisa, idosos que não têm filhos costumam ter uma rede de apoio familiar na sua velhice, composta por sobrinhos e outros parentes. O que não se encaixa na realidade da entrevistada D10.

Outras duas mães de entrevistadas tinham como profissão lavar para fora (sendo que uma exercia o trabalho doméstico). Conforme a entrevistada D4:

Minha mãe era doméstica e lavava. A minha tia morava bem na subida ali do quartel do sétimo ali do exército né e a minha tia pegava lavado e entre ela e a mãe lavava e passava a roupa dos soldados. E a minha mãe sempre trabalhou de doméstica (Entrevistada D4).

Ainda, duas mães de entrevistadas eram donas de casa. “*A minha mãe, ela era alcoólatra, ela não tinha escolaridade nenhuma. Ela não trabalhava, tinha deficiência, não tinha uma perna*” (Entrevistada D9). Tornando-se relevante destacar que todas as mães das domésticas, mesmo não exercendo a profissão, têm alguma ligação com trabalhos de cuidados com o outro e para o outro. Fazendo alusão à Saboia (2016), quando destaca que meninas de baixa renda começam a exercer o trabalho doméstico pelo

ambiente em que estão inseridas, por seu núcleo familiar. Nesse caso, por suas mães exercerem atividades relacionadas com o trabalho doméstico.

Sobre os pais das entrevistadas, três trabalhavam para campanha e um na viação férrea como carroceiro. *“Meu pai já era uma pessoa vivida, já vinha de cinco casamentos, era separado, aí casou com ela, trabalhava em campanha”* (Entrevistada D7). Relato da entrevistada sobre o pai trabalhar para campanha e sua mãe ser a sexta esposa dele. *“Meu pai, quando ele casou com a minha mãe, ele tinha 50 anos e a minha mãe 17”* (Entrevistada D7). Conforme o estudo de Levy (2009), durante a época colonial, mulheres (meninas) eram acostumadas a se casar com 13 anos com homens bem mais vividos e maduros que elas. Sendo a mesma realidade da mãe da entrevistada.

Referente aos filhos das entrevistadas, foi possível observar que apenas três descendentes exerceram a profissão. *“Já, eu trouxe a minha filha para trabalhar aqui e ver que a vida não era fácil, para limpar essas 23 peças, aí ela trabalhou comigo”* (Entrevistada D6). Como enfatizado anteriormente, foi entrevistada uma mãe (trabalhadora doméstica e uma descendente), sendo as únicas com vínculos de mãe e filhas nas entrevistas. Quando a entrevistada foi questionada se sua filha já havia trabalhado como doméstica, respondeu que não. *“Não, não, porque eu acho que nenhuma tem o dom”* (Entrevistada D11)”. Já sua filha entrevistada F5 destaca: *“Eu comecei a trabalhar como doméstica, não foi como manicure. Eu morava lá em Campanha e eu queria dinheiro para bobagem e não tinha. Aí eu comecei limpando a casa da mãe da minha amiga. Eu limpei a casa”* (Entrevistada F4).

Suas respostas foram divergentes, destacando que a mãe ou a filha não está falando a verdade sobre o ocorrido. Sobre as outras profissões dos filhos das entrevistadas são diversas, a saber: duas trabalhando em uma fábrica, duas sendo caixa, desempregados, dona de casa, colheita de maçã, eletricista, empreendedor, açougueira, entre outros. Na figura 7 será destacada a árvore genealogia da entrevistada D6.

Figura 7 - Genoprofissiograma D6



Fonte: Entrevistada D6.

Destaca-se uma alteração de profissão nos filhos da entrevistada D6: assistente social, vigilante, advogado (concurgado), estudante e caixa de supermercado. Essa ascensão de profissão pode se dar pela estabilidade da profissão do pai, que é funcionário público (brigadiano). Na próxima seção, será apresentada a continuidade do trabalho doméstico entre as famílias dos descendentes dessa pesquisa.

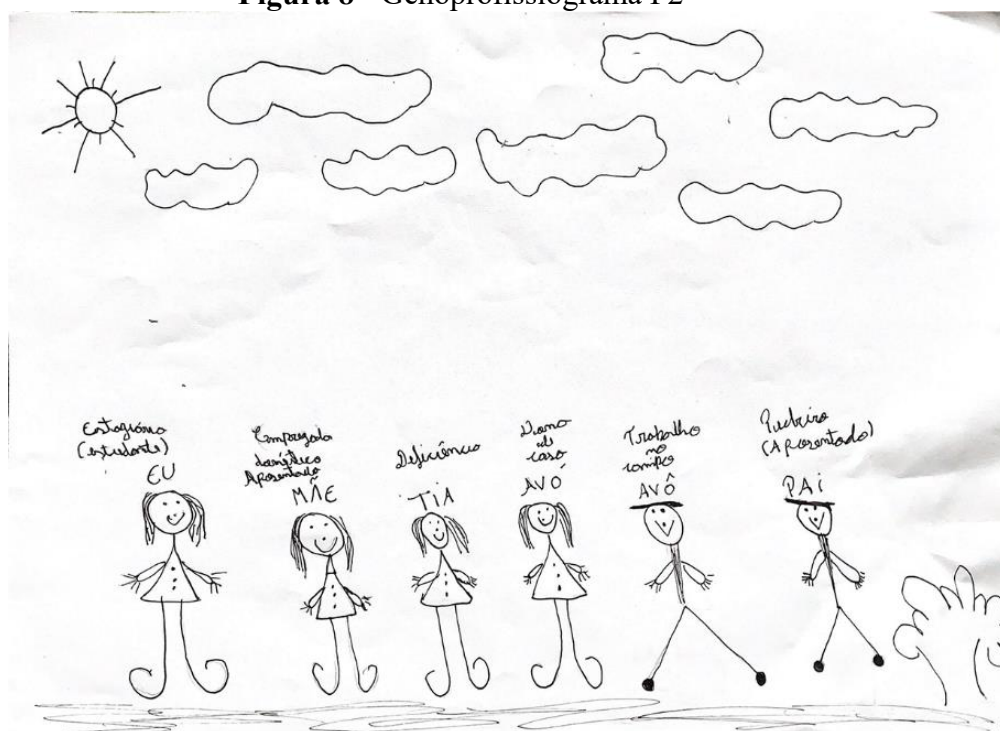
5.4.1 Reprodução do trabalho doméstico entre os descendentes de domésticas em Santana do Livramento

A seção busca verificar a reprodução do trabalho doméstico entre as famílias dos descendentes das domésticas. Para tanto, foram analisadas as entrevistas visando identificar a profissão das mães e pais, dos descendentes, para verificar se já realizaram/realizam atividades relacionadas a essa profissão. Para auxiliar a análise do tópico, foram utilizados os Genoprofissiogramas dos entrevistados que aceitaram participar da dinâmica.

As mães dos cinco entrevistados são domésticas, sendo pré-requisito para eles participarem da pesquisa como descendentes. “A minha mãe trabalha como empregada

doméstica, ela disse que começou com 12 anos” (Entrevistada F2). A entrevistada complementa: “Mas naquela época ela tinha que trabalhar com 12 anos. Então, estudar talvez... Era o último das oportunidades” (Entrevistada F2). Abreu (2021) elucida sobre a forma mais fácil de inserção laboral para mulheres, principalmente negras, ser como empregada doméstica, muitas vezes necessitando começar suas atividades laborais quando bem jovens pela sua origem humilde. Nesse sentido, será exposta na figura 8 a árvore genealógica da entrevistada F2.

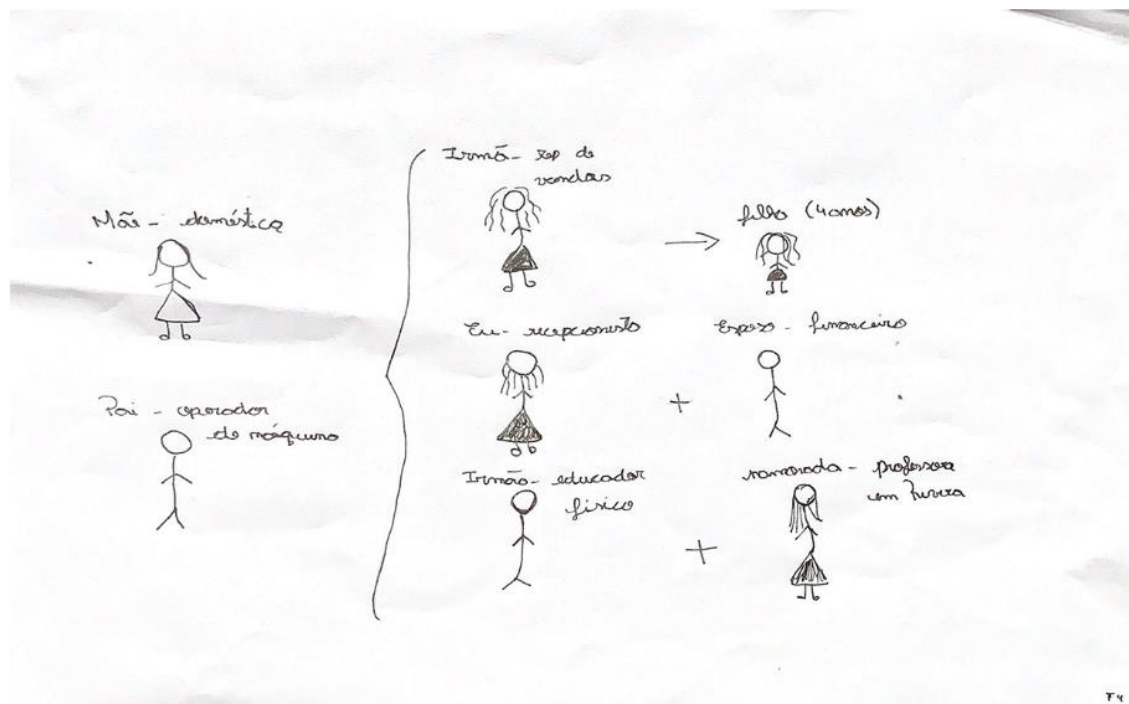
Figura 8 - Genoprofissiograma F2



Fonte: Entrevistada F2.

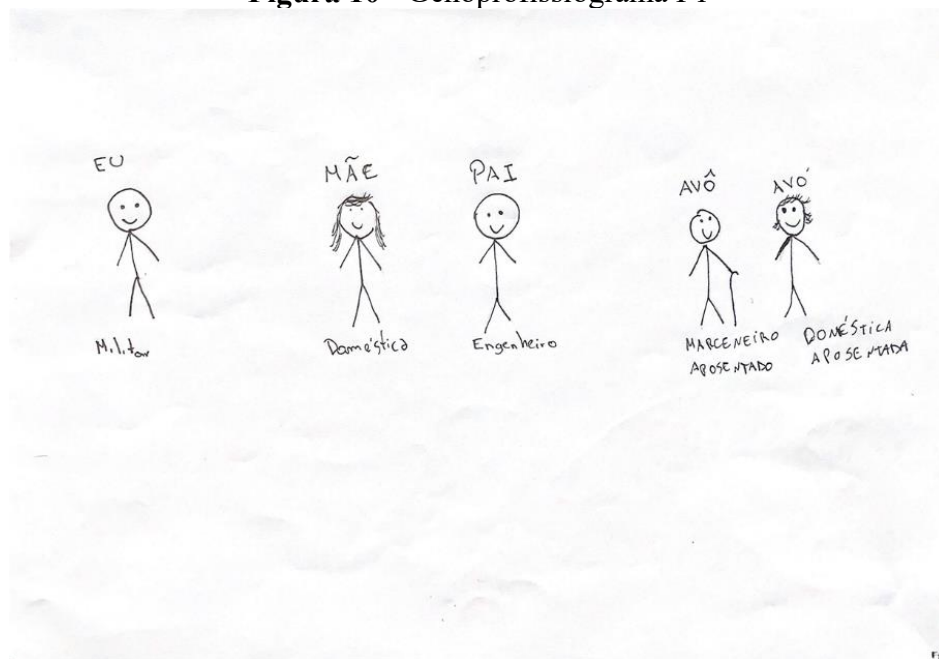
A entrevistada F2 destaca que reside com sua tia deficiente. “A minha tia, ela tem deficiência, então ela não trabalha” (Entrevistada F2). A entrevistada F4 também nos elucida sobre a origem humilde de sua mãe: “A minha mãe vem de uma origem pobre... ela teve que trabalhar pra poder ajudar a mãe dela, né porque aí já não tinha o pai dela” (Entrevistada F4). Na seguinte figura, será exemplificada a árvore genealógica da entrevistada F4.

Figura 9 - Genoprofissiograma F4



Fonte: Entrevistada F4.

A entrevistada F4 reside apenas com seu marido. “*Eu tenho marido...quando eu vou fazer as coisas, se divide quando casa (Entrevistada F4)*”. Referente a divisão de tarefas e despesas da casa. Quanto aos pais dos entrevistados, esses têm as seguintes profissões: engenheiro, caminhoneiro e operador de máquinas. Uma entrevistada tem seu pai falecido que atuava como pedreiro. A seguir, na figura 10, será destacada a árvore genealógica do entrevistado F1.

Figura 10 - Genoprofissiograma F1

Fonte: Entrevistada F1.

O pai do entrevistado F1 atua como engenheiro há poucos anos, pois era pedreiro antes da formação. *“Ele é engenheiro agora. Mas tem poucos anos. Até então, o pai era pedreiro”* (Entrevistado F1). O estudo de Oliveira (2022) reforça essa realidade, destacando que muitos jovens ficam atrasados nos estudos porque precisam trabalhar para ajudar com a renda de suas famílias. O que aconteceu com o pai do entrevistado, somente quando se estabilizou como pedreiro e seus filhos cresceram, foi possível fazer uma graduação. Os entrevistados seguiram profissões distintas, a saber: militar, manicure, recepcionista e consultora de vendas. Na figura 11, será demonstrado a árvore genealógica da entrevistada F3.

Figura 11 - Genoprofissiograma F3



Fonte: Entrevistada F3.

A respeito da profissão dos entrevistados, é possível perceber que apenas uma deu continuidade no trabalho como doméstica. *“Eu comecei a trabalhar como doméstica, não foi como manicure”* (Entrevistada F4). Entretanto, atualmente atua como manicure. A entrevistada F3 destaca que poderia ter atuado como doméstica se não tivesse tido boas condições. *“Se não estudasse, se não tivesse uma condição financeira maior”* (Entrevistada F3). Neves (2003) destaca que a educação é um meio para os jovens reverterem o cenário de pobreza advindo de seus pais, mas que somente ter uma educação mais elevada não vai ser suficiente para que isso aconteça. Indo ao encontro a realidade dos descendentes dessa pesquisa, os quais têm uma educação mais elevada que os pais, no entanto, ainda sofrem fragmentos da sua origem humilde, cogitando exercer a profissão de doméstica como a entrevistada F3 e exercendo como a F5. No capítulo seguinte, serão apresentados os atributos do trabalho doméstico reforçados pela pobreza geracional.

6 ATRIBUTOS DA POBREZA GERACIONAL REFORÇADOS PELO TRABALHO DOMÉSTICO

O capítulo apresenta os atributos presentes na pobreza geracional reforçados pelo trabalho doméstico. A discussão se dá a partir da construção teórica e dos dados coletados na presente pesquisa, apresentando o que há de comum entre a pobreza geracional e o trabalho doméstico no município de Santana do Livramento/RS.

6.1 Atributos da pobreza geracional reforçados pelo trabalho doméstico nos entrevistados centrais da pesquisa

Nessa seção, será utilizado o quadro 4 (presente no referencial teórico) como base para criar as categorias de análises do trabalho doméstico que reforçam e são reforçadas pela pobreza geracional. A saber: educação, saúde, gênero, etnia, renda, emprego e gerais. Na **categoria educação** foi possível identificar quatro subcategorias na literatura que estão presentes no trabalho doméstico e na pobreza geracional²⁶, são elas: baixa escolaridade, falta de acesso à formação, risco de abandonar os estudos e risco de não frequentar a escola por questões domésticas (Cain, 2009; Bird, 2007).

Com relação a característica de baixa escolaridade, cinco entrevistadas se encaixam nesse perfil, tendo apenas o ensino fundamental. Sendo que as outras seis completaram o ensino médio depois de mais velhas (com exceção da entrevistada D1). Sobre o risco de abandonar os estudos ou não frequentar a escola²⁷ seis entrevistadas se encaixam nesse perfil (uma dessas seis entrevistadas continuou sem estudar e não completou os estudos). *“Com 14 engravidei, dei uma desculpa, né? Da gravidez. Não vou mais no colégio. Minha mãe não me obrigou a voltar, não tive apoio”* (Entrevistada D3). A entrevistada relata como foi difícil engravidar na adolescência e continuar estudando, como consequência, só terminou de estudar quanto teve seus filhos criados.

Os estudantes passam por muitas dificuldades interpessoais e essas se mostram relevantes quanto a sua intenção de abandonar os estudos. Nesse sentido, uma rede de apoio é essencial para dar suporte nesse período. (Casanova, Bernardo, Almeida, 2021). O que nem sempre aconteceu com as entrevistadas. Relacionado a falta de acesso à formação, quatro entrevistadas se encaixam nessa característica. Destaca-se que essas

²⁶ Essas características foram abordadas no roteiro de entrevista.

²⁷ Devido a questões domésticas como filhos, maridos ou necessitar trabalhar.

quatro entrevistadas não concluíram os estudos. A fala da entrevistada nos elucida sobre o fato:

Eu não continuei a estudar porque eu arrumei, já arrumei um serviço fixo assim, mas só numa casa e era de noite. E ali onde eu morava no Armour era complicado. É, com doze anos. E pra mim sozinha já dificultava no colégio. De noite, no caso, eu teria que fazer o EJA, no caso. O EJA não tinha da minha idade. E de noite pra mim já era muito escuro, muito... Minha mãe não me deixava. (Entrevistada D8)

A entrevistada D8 concluiu até a quinta série e destaca que nunca teve vontade de continuar os estudos. “*Quis trabalhar mais, não quis estudar*” (Entrevistada D8). O que pode estar fortemente ligado a falta de apoio dos pais e à falta de oportunidades de estudos.

A respeito da **categoria saúde**, foram identificadas sete subcategorias: problemas de saúde, gastos com medicamentos, deficiências ou doenças crônicas, gravidez precoce e de risco, gravidez indesejada, gravidez e trabalho e má nutrição (Maciel; Ghizoni, 2020). Em relação a problemas de saúde, gastos com medicamentos, deficiências e doenças, três entrevistadas relatam sofrer de pressão alta. “*Eu sou hipertensa*” (Entrevistada D7). Outras duas entrevistadas alegam que seus maridos têm problemas de saúde (AVC e diabete). “*Ele teve um AVC, até ele tinha ficado assim ó ele com uma sequela na parte emocional, ele te via, sabia que te conhecia, mas não lembrava o teu nome aí ele chorava*” (Entrevistada D4). Fazendo com que a carga horaria com cuidados da trabalhadora em questão dobrasse para ter os cuidados necessários com seu marido. A seguir, no quadro 12, será apresentada a idade em que as entrevistadas tiveram sua primeira gravidez.

Quadro 12 - Idade da primeira gravidez das entrevistadas –Santana do Livramento/RS

Entrevistada	Primeira Gravidez das Entrevistas
D1	24 anos
D2	17 anos
D3	14 anos
D4	20 anos
D5	36 anos
D6	18 anos
D7	17 anos
D8	17 anos
D9	16 anos
D10	Não possui filhos
D11	17 anos

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo.

A entrevistada que teve seu filho mais jovem deu à luz aos 14 anos, enquanto a que deu à luz com idade mais avançada foi aos 36 anos. A entrevistada D1 relata sobre sua gravidez: *“até eu brinco com ela, eu digo que “uó se eu tivesse pensado melhor”* (Entrevistada D1). Leal (2019) destaca que é cada vez mais comum as mulheres não sentirem vontade de ter filhos, visando sua liberdade de donas de casa. A entrevistada D7 também relata sobre sua gravidez:

Ah, quando a gente é jovem, a gente leva um choque, né, assim, porque eu era, ai, só lembrava assim, do meus pais, da minha mãe, que era muito rude também, que a minha mãe fazia de tudo para a gente ter o básico, né, mas não me arrependo, o meu filho, um filho maravilhoso (Entrevistada D7).

Das onze entrevistadas, apenas três ficaram um período mais longo após terem seus filhos sem trabalhar. *“Por causa dos meninos que eu tive que parar, por que muitas vezes tu não consegue conciliar casa trabalho filho marido”* (Entrevistada D5). A fala da entrevistada vai ao encontro a pesquisa de Pereira, Soares e De Souza (2022), pois os autores destacam que não haverá oportunidades iguais no mercado de trabalho para mulheres enquanto elas forem sobrecarregadas com atividades domésticas.

Sobre a característica de má nutrição, todas as entrevistadas afirmam que passaram mais dificuldades em suas infâncias na questão da alimentação.

Como a gente era muito pobre, não tinha duas, três comidas como agora, né? Agora a gente pode comer o que a gente queira. A gente fazia uma comida. A minha avó fazia uma comida só. Então não tinha muito o que fazer, porque era uma cama, uma caixa com roupa, um fogareiro com uma chaleira, uma ou duas panelas, sabe? (Entrevistada D10)

Duas entrevistadas expõem que ainda passam dificuldades na atualidade para comprar alimentos. *“Por causa do preço dos alimentos, que tava muito caro e tudo”* (Entrevistada D2). A entrevistada destaca a dificuldade de comprar alimentos pelo preço elevado. A entrevistada D5 também nos elucida: *eu não acabei não comprando e levando o que eu não ia comprar por causa da promoção, porque se não teu dinheiro, tu ganha pouco, teu dinheiro não dá não* (Entrevistada D5). A entrevistada acabou deixando os itens que necessitava comprar e levou outros somente porque estavam na promoção para aproveitá-la. Nesse sentido, Jesus, Hoffmann, Miranda (2024) apontam que as condições socioeconômicas são as principais determinantes da insegurança alimentar.

Com relação à **categoria gênero**, foi possível identificar quatro subcategorias, a saber: cuidados não remunerados, tripla carga de trabalho, violência baseada no gênero,

discriminação (DIEESE, 2020). Das onze entrevistadas, apenas três responderam que recebem algum auxílio com as tarefas domésticas de casa. “*Sim, o meu esposo também entra (na divisão das tarefas), lá nós somos três bem companheiros*” (Entrevistada D1). Já uma das onze entrevistadas que não recebe nenhum auxílio respondeu: “Eu, eu, eu, eu, eu”. Se referindo a não ter nenhuma “ajuda em casa”. Isso acaba ocasionando na vida das domésticas a tripla carga horária de trabalho, como exposto anteriormente por Silva (2006), são as triplas jornadas de trabalho das mulheres, devido trabalharem fora de casa e em suas casas (DIEESE, 2020).

Referente a violência baseada no gênero e a discriminação, quatro entrevistadas afirmaram que já estiveram em situações de discriminação/ou violência. “*Lá no meu trabalho tinha sempre fruta bastante doce, comprava bastante fruta e eles não comiam fruta, mas quando estava meio estragando, aí ela dava um jeito de dizer para mim comer*” (Entrevistada D3). Oliveira, Dutra e Santos (2023) destacam que a discriminação ainda é muito presente no trabalho doméstico devido às suas raízes na escravidão, trazendo consequências precárias para essa atividade laboral.

Duas entrevistadas afirmam que não ficariam quietas nessa situação e uma afirmam que não sofreu nenhuma discriminação que tenha percebido. “*Não, não, nunca, sim, nunca, que eu tenha percebido, não*” (Entrevistada D7). E outras quatro afirmam não ter passado por essas situações. “*Não*” (Entrevistada D4).

No que se refere a **categoria etnia**, foram identificadas três subcategorias: etnia e trabalho, etnia e ascensão social e etnia e pobreza. As entrevistadas foram questionadas se acreditam que a cor da pele pode gerar algum tipo de preconceito ou discriminação. Todas responderam que sim. “*Eu acredito que sim. E entre os patrões tem bastante gente sendo assim*” (Entrevistada D3). O que está relacionado com a etnia e trabalho e com sua ascensão social.

As entrevistadas também foram questionadas se a sua cor da pele pode dificultar ou impedir o avanço financeiro em relação à pobreza. Sendo que a entrevistada acredita que isso já impediu o seu avanço financeiro. “*Eu acredito que sim, que também*” (Entrevistada D3). O que está fortemente conectado com o trabalho doméstico e suas raízes escravocratas, colocando as mulheres negras em um lugar de desamparo social (Antunes; Fleck; Troian, 2023).

Na **categoria renda** foram identificadas três subcategorias, fonte de renda familiar, auxílio do governo e acesso a créditos (Cain, 2009; Bird, 2007). Cinco entrevistadas são a principal fonte de renda da sua casa, três dividem com o marido e

outras três a principal fonte de renda é o marido. Seis entrevistadas já receberam algum tipo de benefício do governo em algum momento de suas vidas. Destaca-se que essas informações já constam detalhadamente nos fatores intrafamiliares (renda familiar) da pesquisa na página 66.

A partir da **categoria emprego** foi possível identificar cinco subcategorias, a saber: emprego informal, insegurança no emprego devido cuidados com os filhos, incapacidade adquirida através do emprego, continuar a trabalhar mesmo em situações de incapacidade física ou doença, perda de emprego por conta da idade (Pinheiro et al., 2019; Santana et., al 2003). Três das onze entrevistadas encontram-se trabalhando informalmente, sem nenhum direito garantido. *“Eu não fui procurar meus direitos, porque se tu vai procurar depois, tu que é ruim, né”* (Entrevistada D8). Reforçando o argumento de Pinheiro et al. (2019) em que nos elucida que a profissão doméstica se destaca na informalidade.

Referente a insegurança no trabalho devido ao cuidado com filhos, foi possível perceber em uma das entrevistadas que, após um longo período afastada do mercado de trabalho para cuidar dos filhos e família, não conseguiu mais uma posição no comércio, necessitando recorrer para o trabalho doméstico. *“Eu tive que abrir mão do meu estudo, do meu financeiro para ter meu primeiro filho”* (Entrevistada D5). Sobre a incapacidade adquirida através do emprego e continuar a trabalhar mesmo em situações de incapacidade física ou doença, foi possível identificar duas entrevistadas.

Doente eu fiquei, fiquei gripada. Uma gripe bem forte daquelas de não consigo levantar da cama e aí tu liga pra patroa e diz olha, eu não vou poder ir hoje que eu tô assim. E aí o que elas dizem é o que aconteceu. Vem que eu te dou o remédio, ok? Não, vem que eu tenho remédio aqui. Aí eu ia porque eu não tinha remédio em casa. Eu ia lá tomar remédio. E aí não tinha nem como ir no doutor também, porque tu já tava lá. Ela sabia que tu não ia porque tu estava doente. Aí eu já sabia que depois no outro dia tu ia ter que ir na doutora e aí ela sabia que ia ficar faltando. Aí ela dizia não vem que eu te medico aqui né? É assim, elas têm essas estratégias delas (Entrevistada D3)

A entrevistada estava incapacitada de trabalhar, mesmo assim precisou prestar seus serviços. Já a entrevistada D1 relata que sua mãe teve problemas de saúde por conta das faxinas. *“Minha mãe tem um problema muito sério de saúde, devido ao sobrepeso ela teve um desgaste ósseo, isso por causa da faxina, sobe escada, desce escada”* (Entrevistada D1). Os resultados da pesquisa de Santana et al. (2003) apontam que os acidentes de trabalhos não fatais entre as mulheres que exercem trabalho doméstico são maiores em comparação às outras, aumentando o risco com sua jornada de trabalho

semanal e diária. A respeito da perda de emprego por conta da idade, não foi identificado em nenhuma das entrevistadas.

A **categoria geral** tem apenas uma subcategoria, identificar a pobreza presente no trabalho que as entrevistadas realizam e em suas vidas (Bird, 2007). Para tanto, a priori foi questionado se elas possuíam conta bancária, um meio de receber pagamentos e pix por seus trabalhos realizados. Das onze entrevistadas, apenas uma não tem conta bancária. *“Esse negócio de conta, de cartão, de PIX, essas coisas eu nunca vi. Nunca gostei. Prefiro que o dinheiro saia na mão, que ele saia na mão e na não na conta”* (Entrevistada D2). Ainda das entrevistadas que possuem conta quatro, utilizam apenas como conta poupança. *“Eu tenho uma conta na poupança”* (Entrevistada D11). Nesse sentido, destaca-se a importância da educação financeira, principalmente para públicos como os das entrevistadas, pois com uma boa educação financeira a qualidade de vida também é maior (Ferreira, 2017).

As entrevistadas também foram questionadas se já estiveram endividadas em algum momento de suas vidas (ou se estão). Cinco das onze entrevistadas responderam que nunca estiveram endividadas. *“Graças a Deus, não. Porque sou controlada, né? Eu não faço conta. Eu, graças a Deus, na minha casa tenho tudo, todas as coisinhas, tudo direitinho”* (Entrevistada D9). Uma entrevistada afirmou estar endividada no momento *“Agora eu estou”* (Entrevistada D11). As outras cinco entrevistadas afirmaram que já estiveram endividadas em algum momento de suas vidas.

Sim, uma vez, quando abriu o Big e aí começaram a dar cartão do Big, aí que maravilha aquele cartão, né? O big era o shop dos pobres a gente chamava e aí tu ia lá e tinha o setor de eletro, tinha roupa, tinha lá padaria, tinha o mercado, tinha açougue, tinha a maravilha. Entrava ali, tu tinha tudo que precisava e tinha o cartão do Hipercard. E aí tu vai ali, compra isso, compra aquilo, compra aquilo e dá uma parcelada em quatro vezes em seis vezes, só que chegando no final do mês, as vezes tu não tem né, que é o que acontecia comigo. Não se dava conta que tu tinha parcelado roupa e aí tu ia lá. Fazer um rancho, quando chegar no final do mês, somar aquela parcela com aquele ranço. Botava só uma coisa na cabeça, já tinha esquecido e aí chegava lá, tu não podia pagar toda a fatura. Tinha que dar um pouco, né? Ou aquilo que tu podia. E no outro mês, quando tu ia, pensava que ia terminar para pagar tudo. Tinha os juros ainda mais. Sei que eu fui numa bola de neve tão grande do Big que eu tive que eliminar o cartão (Entrevistada D3).

As entrevistadas também foram questionadas se acreditavam que o trabalho doméstico tinha alguma relação com a pobreza geracional, as respostas foram divergentes. Seis entrevistadas não acreditam que a pobreza tenha relação com o trabalho doméstico. *“Eu não acredito porque, oh, a gente vê tantas áreas precisando de funcionários e as pessoas não estão qualificadas. Eu acredito que o trabalho doméstico*

sempre vai existir, porque sempre vai ter alguém precisando que limpe a casa” (Entrevistada D1). As outras cinco entrevistadas acreditam que o trabalho doméstico tem relação com a pobreza.

Sim. Por quê? Porque a gente que é doméstica a gente ainda não tem estudo. Se tivesse estudo, nunca se tivesse a possibilidade de ter estudado, não ia ter estudado pra ser doméstica. Andar lavando o vaso sujo dos patrões e comendo o resto de comida ou ser maltratada. Eu acho que quando tu têm uma profissão, eu acho que a pessoa tem mais respeito por a gente (Entrevistada D10).

Ainda foram questionadas se se consideravam pobres, as respostas coincidiram com a pergunta anterior. Quem respondeu que achava que a pobreza geracional tinha relação com o trabalho doméstico respondeu, sim, e conseqüentemente, quem respondeu não, não se considera pobre. *“Não me considero, porque uma escolha é minha! É como eu te disse, né! Se eu quisesse, eu ia trabalhar numa outra função”* (Entrevistada D7). Permitindo-se fazer uma conexão da situação da entrevistada com a pobreza relativa, pois ela se encontra em uma situação laboral que a sociedade acredita ser menos aceitável do que as outras, bem como a renda que ela recebe por essa função a coloca em uma situação socioeconomia inferior na sociedade (Kageyama; Hoffmann, 2006).

Apenas uma entrevistada que respondeu que não considera que a pobreza geracional tem relação com o trabalho doméstico se considera pobre. *“Sou pobre porque não tenho dinheiro”* (Entrevistada D9). Nesse sentido, as entrevistadas que não se consideram pobres entendem a pobreza como não trabalhar e não ir atrás do seu sustento e aquelas que se consideram pobres entendem a profissão como a única opção para alguém com pouco estudo, alguém que ficou estagnado na vida.

As entrevistadas também foram questionadas se se consideram melhores financeiramente que a geração dos pais delas para entender a questão geracional da pobreza. A resposta foi unânime, todas responderam estar melhor que seus pais. *“Melhor, melhor porque não tinham nada, só tinham comida”* (Entrevistada D6).

Também foram questionadas em relação a seus filhos, aquelas entrevistadas que têm filhos e que estão em idade laboral. Das nove entrevistadas que têm filhos em idade laboral, sete acreditam que os filhos estão melhores que elas. *“Aí já é menor, porque eles trabalham bem, graças a Deus, ganham bem, graças a Deus”* (Entrevistada D2). Uma respondeu que se considera melhor financeiramente: *“Eu digo que, financeiramente, talvez me considere melhor, mas assim eles têm a chance de ter uma vida melhor”* (Entrevistada D5). E outra respondeu que médio. *“É médio. Médio. Médio”* (Entrevistada D8).

Nesse sentido, na categoria gerais, foi identificado que as entrevistadas acreditam na relação entre a pobreza geracional e o trabalho doméstico. As respostas foram divididas, sendo possível perceber que algumas domésticas se consideram pobres porque não têm estudos e isso levou a ter uma profissão desvalorizada. Outras não se consideram pobres pelo fato de estarem trabalhando. A seguir, serão apresentados os atributos da pobreza geracional reforçados pelo trabalho doméstico na geração de descendentes da pesquisa.

6.2 Atributos da pobreza geracional que são reforçados pelo trabalho doméstico nos descendentes das trabalhadoras domésticas

Nessa seção, será utilizado o quadro 4 (presente no referencial teórico) como base para criar as categorias de análises do trabalho doméstico que reforçam e são reforçadas pela pobreza geracional. A saber: educação, saúde, gênero, etnia, renda, emprego e gerais. Na **categoria educação** foi possível identificar quatro subcategorias discutidas na literatura que estão presentes no trabalho doméstico e na pobreza geracional em Santana do Livramento, são elas: baixa escolaridade, falta de acesso à formação, risco de abandonar os estudos e risco de não frequentar a escola por questões domésticas (Cain, 2009; Bird, 2007).

Os cinco entrevistados não se enquadram em nenhuma dessas subcategorias, visto que terminaram seus estudos no tempo planejado e duas tem ensino superior completo. *“Eu tenho ensino superior. E eu tenho um em andamento”* (Entrevistada F3). Também relatam que objetivaram apoio de seus pais para estudar. *“Sim, bastante, porque eu sou filha única”* (Entrevistada F2). A entrevistada se referindo ao apoio que tinha de seus pais para estudar. O entrevistado F1, completa *“Olha, eu tive uma educação muito boa. Eu estudei em Rivera”* (Entrevistado F1)

Na **categoria saúde**, foram identificadas sete subcategorias: problemas de saúde, gastos com medicamentos, deficiências ou doenças crônicas, gravidez precoce e de risco, gravidez indesejada, gravidez e trabalho e má nutrição (Maciel; Ghizoni, 2020). Em relação a problemas de saúde, gastos com medicamentos, deficiências e doenças, apenas uma entrevistada relata ter uma pessoa com deficiência na família. *“A minha tia, ela é deficiente, então ela não trabalha. Ela recebe a aposentadoria do pai dela”* (Entrevistada F2).

Referente a gravidez, apenas uma entrevistada teve uma filha com 24 anos. *“Quando minha filha nasceu, eu tirei a licença dos cinco meses. E quando eu fui voltar a trabalhar. A pandemia começou”* (Entrevistada F3). Outro entrevistado também teve filhos com 23 anos. *“Os guris nasceram bem na pandemia. Nasceram em 2020”* (Entrevistado F1). Destacando que teve filhos gêmeos e não necessitou conciliar o trabalho com os cuidados deles. Sobre a subcategoria de má nutrição os entrevistados afirmaram que tinham mais dificuldades para se alimentar durante suas infâncias. *“Lanche, era difícil a gente ter esse tipo de coisa em casa. Também pelo custo, né?”* (Entrevista F3). Sendo possível perceber que em suas vidas adultas essa subcategoria teve uma significativa melhoria com o empoderamento financeiro dos entrevistados.

A **categoria gênero** identificou quatro subcategorias, a saber: cuidados não remunerados, tripla carga de trabalho, violência baseada no gênero, discriminação (DIEESE, 2020). Dos cinco entrevistados, três destacam que as atividades domésticas são divididas entre os integrantes da casa. *“Ah, hoje é dividido”* (Entrevistada F5). O entrevistado que mora sozinho relata “na minha casa sou eu”. E outra entrevistada afirma ser sua mãe que cuida das tarefas de casa. *“Geralmente, minha mãe. Porque, geralmente, quando eu quero limpar alguma coisa. Ela fica brava comigo* (Entrevistada F2). Fazendo com que apenas a mãe da entrevistada F2 se enquadre na categoria de tripla carga horária de trabalho por trabalhar fora de casa e ainda ter que cuidar da casa sozinha.

Os entrevistados foram questionados se já sofreram qualquer tipo de discriminação por ser filhos de uma doméstica. Três entrevistados responderam que não. Uma entrevistada respondeu que não lembrava se o fato já tinha ocorrido. *“Que eu me lembre, não. Porque, geralmente, se tem alguma situação que eu vou perceber. Eu já me afasto dessa pessoa, dessa situação”* (Entrevistada F2). A entrevistada destaca não ter sofrido nenhuma discriminação, no entanto, já passou por situações que necessitou se afastar de pessoas para evitar a ocasião. A entrevistada F4 completa: *“discriminada não nunca fui, mas eu confesso que tinha vezes que eu me sentia envergonhada”* (Entrevistada F4). Se referindo a se sentir envergonhada por ser filha de uma doméstica.

Na **categoria etnia** foram identificadas três subcategorias: etnia e trabalho, etnia e ascensão social e etnia e pobreza. Os cinco participantes da pesquisa responderam afirmativamente, ou seja, todos ao longo das suas vidas passaram ou acreditam haver preconceito racial. *“Eu acho que sim, eu acho que toda a família dela já teve alguma discriminação pela cor”* (Entrevistada F3). Se referindo que toda a família da sua mãe já foi discriminada pela cor. O que relaciona a etnia com o trabalho e com a ascensão social.

Os entrevistados também foram questionados se acreditam que a cor da pele pode gerar algum tipo de preconceito ou discriminação. A resposta também foi unânime, os cinco participantes da pesquisa afirmativamente acreditam que a cor da pele influencia no mercado de trabalho e em diversos setores da sociedade. *“Essa questão do racismo é muito presente muito presente e até em certas outras funções que não a doméstica”* (Entrevistada F4). Gomes (2021) indica em seu estudo que as semelhanças deveriam ser tratadas com dignidades e isso deveria ser o eixo orientador de todos os currículos e da formação, bem como reconhecer e respeitar o outro é mais do que um discurso moral sendo um dever político e ético.

A **categoria renda** foram identificadas três subcategorias: fonte de renda familiar, auxílio do governo e acesso a créditos (Cain, 2009; Bird, 2007). Sobre a principal fonte de renda da residência dos entrevistados, dois afirmam ser suas principais fontes de renda, uma afirma que é dívida com o marido e duas destacam que a principal fonte de renda é a mãe doméstica aposentada. E apenas dois recebem/já receberam auxílio do governo. Destaca-se que essas informações já constam detalhadamente nos fatores intrafamiliares (renda familiar) da pesquisa na página 73.

A partir da **categoria emprego** foi possível identificado cinco subcategorias, a saber: emprego informal, insegurança no emprego devido cuidados com os filhos, incapacidade adquirida através do emprego, continuar a trabalhar mesmo em situações de incapacidade física ou doença, perda de emprego por conta da idade (Pinheiro *et al.*, 2019; Santana *et al.*, 2003).

Referente a subcategoria de emprego informal, foi possível perceber que temos uma estagiária com contrato de estágio, um militar, duas trabalhando de carteira assinada e uma com regime MEI. *“Eu sou MEI e recebo por comissão”* (Entrevistada F5). Referente a insegurança no emprego por cuidados com os filhos, não foi percebida no entrevistado F1, devido a mãe de seus filhos como suporte. Já a entrevistada F3 relata. *“Aí, depois disso, eu saí da empresa”* (Entrevistada F3). A entrevistada relata sobre, depois da gravidez, ter deixado um emprego por ser muito distante da cidade. Sobre as características de incapacidade física ou doença não identificada nos entrevistados, nem perda de emprego por conta de idade, levando em conta que a descendente mais velha tem 34 anos.

A partir da **categoria geral**, foi averiguada uma subcategoria para identificar a pobreza presente no trabalho que as entrevistadas realizam e em suas vidas (Bird, 2007). Os entrevistados foram questionados se possuem conta bancária, todos responderam que

sim. Também foram questionados se estão ou se já estiveram endividados em algum momento de suas vidas, dois entrevistados responderam que sim e três que não. “*Graças a Deus, não né?*” (Entrevistada F5).

Os entrevistados também foram indagados se acreditam que o trabalho doméstico possui relação com a pobreza. Assim, quatro descendentes acreditam nessa ligação “*possui, porque, como eu te falei também, muitas vezes, essa pobreza que não te permite estudar, não te permite sair daquilo ali, tu tem que optar*” (Entrevistada F3). Apenas um entrevistado não acredita na relação do trabalho doméstico com a pobreza:

É. Não, eu acho que não. Eu acho que não, porque a pobreza em si, eu acho que ela é um, ela é que nem aquele negócio do dominante. Muito dominante, até chegar na pobreza. Eu acho que é um pouco do pessoal não ter tanta educação financeira, eu acho que é uma coisa que falta pra nós, pra todos nós. Eu acho que, eu acho que o salário é condizente. O que acontece? Eu acho que muitas vezes, em uma família de baixa renda, acaba que as pessoas têm muito filho. Por causa da minha mãe. Minha mãe tem cinco filhos (Entrevistado F1).

Ainda, os entrevistados foram questionados se se consideram pobres, três responderam que sim. “*Olha, na minha visão, eu acho que pobre eu sou, mas eu tenho para me manter e me mantenho bem, sabe?*” (Entrevistada F4). Outras duas entrevistadas não se consideram pobres: “*Não. Porque eu não tenho, eu não tenho nada, mas eu tenho condições de viver bem*” (Entrevistada F5). Destaca-se que o entrevistado que não acredita na relação entre o trabalho doméstico e a pobreza geracional se considera pobre. “*E a gente é uma família de baixa renda*” (Entrevistado F1).

Também foi questionado se os entrevistados se consideram melhores financeiramente que seus pais, quatro dos entrevistados acreditam que estão melhores financeiramente. “*Considero melhor, claro que eles não tinham os mesmos objetivos que eu tenho hoje. Como a minha idade*” (Entrevistada F5). Apenas uma entrevistada se considera pior financeiramente que os pais, “*eles melhores. Porque ainda não consegui comprar as coisas boas*” (Entrevistada F2). Os entrevistados que têm filhos não foram questionados se se consideram melhores financeiramente que seus filhos pela sua pouca idade. Nesse sentido, é possível perceber um avanço financeiro e do nível educacional dessa geração de descendentes em comparação com seus ascendentes. Isso posto, na próxima seção tratará sobre o que há em comum entre o trabalho doméstico e a pobreza geracional em Santana do Livramento e os dados obtidos na presente pesquisa.

6.3 O que há de comum entre a pobreza geracional e a profissão doméstica em Santana do Livramento/ RS?

A pobreza geracional é aquela que pode ser caracterizada pelo avanço do nível socioeconômico dos pais e dos filhos quando adultos, usualmente medida pela renda. Quando acontece um aumento do nível socioeconômico entre as gerações, indica-se que acontece uma mobilidade socioeconômica, no entanto, aqueles que nascem em famílias pobres tem a tendência a continuar com baixos níveis socioeconômicos (Blanden; Gregg; Macmillan, 2007).

A transmissão das vulnerabilidades que a pobreza proporciona entre as gerações ainda é um desafio para ações sociais visto que a transmissão desigual da pobreza acaba se tornando uma barreira ao progresso e um caminho para a exclusão social. Nesse sentido a pobreza geracional é afetada por diversos fatores que acabam sendo difíceis de ser combatidos apenas com ações sociais (Cueto et al., 2019).

O trabalho doméstico é uma profissão que tem muitos aspectos em comum com a pobreza geracional. Ambos geram exclusão em muitos âmbitos sociais e fazem com quem experimente a pobreza e exerce o trabalho doméstico se encontrem em um limbo não conseguindo progredir socioeconomicamente.

Destarte, o trabalho doméstico é uma profissão com origem na escravidão e desde então não foi reconhecida devidamente na sociedade, assim quem a exerce acaba enfrentando dificuldades de se sustentar e enfrentando desafios como o preconceito. Ainda, a profissão pode ser conhecida por ser passada entre as gerações, mais uma característica semelhante à pobreza geracional (Pereira, 2011; Saboia, 2016).

Com as semelhanças entre a pobreza geracional e o trabalho doméstico, a partir da literatura foi possível definir categorias que os dois tem em comum, a saber: educação, saúde, gênero, etnia, renda, emprego e gerais (Santana, 2003; Barbosa, 2013; Cain, 2009; Saboia, 2016; Pinheiro et al., 2019; Freitas, Da Silva, 2019; Maciel; Ghizoni, 2020; DIEESE, 2020; Teixeira, 2021; Maneschy 2022).

A partir dessas categorias foi possível perceber que as trabalhadoras domésticas em Santana do Livramento enfrentam dificuldades desde muito jovens para alcançar a educação básica. Além de não ter o apoio de seus pais e responsáveis para continuar os estudos. O que é reforçado por cinco entrevistadas não terem concluído os estudos enquanto jovens e as outras seis concluíram apenas quando tiveram oportunidade já adultas e com filhos. Esse fator pode ser explicado pela falta de educação de suas mães

sendo que oito são analfabetas e três não tiveram a oportunidade de concluir o ensino fundamental. Já na geração de descendente foi possível identificar uma mobilidade educacional, sendo perceptível na geração de domésticas o apreço pela educação e um incentivo maior a seus filhos dentro da sua realidade.

Outro fator em comum entre a pobreza geracional e o trabalho doméstico identificado foi a má nutrição durante a infância, em todas as entrevistas, limitando ainda mais sua mobilidade geracional. Durante a vida adulta das entrevistadas, foi possível perceber que duas das onze ainda possuem problemas com a má alimentação.

Também foi percebida a falta de instrução em alguns aspectos, como a gravidez. Muitas entrevistadas enfrentaram a gravidez na adolescência e não sabiam que estavam grávidas ou quando o parto iria ocorrer. Referente a geração de descendente ainda foi possível perceber fatores semelhantes de má nutrição, trazendo resquícios das gerações das domésticas e seus antecedentes.

Foi identificada a tripla carga horária de trabalho entre as entrevistadas, fazendo com que o trabalho que elas realizem seja extremamente cansativo, pois já exercem uma atividade laboral de cuidados com terceiros, necessitando chegar em casa e cuidar das suas casas, filhos e maridos. A discriminação também está presente entre as entrevistadas por praticarem uma profissão que é culturalmente não valorizada ou por serem desrespeitadas por seus empregadores. Ressalta-se que, embora algumas entrevistadas não tenham reconhecido ter passado por situações de preconceitos, foi possível perceber situações pontuais de preconceitos sofridos em suas falas. Referente aos descendentes, já é percebida uma maior divisão de tarefas levando em conta ser uma geração diferente e uma amostra menor.

Referente a etnia, quatro das entrevistadas eram negras, cinco brancas e duas pardas. No entanto, todas concordam que o preconceito é presente no trabalho doméstico, como em qualquer outra profissão, o que pode impedir o avanço financeiro de quem exerce essas atividades laborais. Com os descendentes, foi possível identificar respostas semelhantes às das domésticas.

Outro ponto é sobre a renda das entrevistadas, pois na maioria das residências as domésticas são a principal fonte de renda, muitas vezes fazendo com que procurem por mais trabalhos e aceitando condições insalubres para sustentar suas casas. Referente aos descendentes mesmo todos com autonomia financeira e trabalhando, dois ainda afirmam que suas mães são a principal fonte de renda de sua casa.

O emprego também é um aspecto presente na pobreza geracional. Algumas trabalhadoras domésticas ainda se encontram trabalhando informalmente. Aquelas que têm sua carteira assinada ou são MEIs também, em algum momento de suas vidas, já trabalharam informalmente. Outra característica presente no trabalho doméstico e na pobreza geracional é o cuidado com os filhos, que muitas vezes impede as mulheres de se inserirem no mercado de trabalho. Esta característica também esteve presente na história de algumas das entrevistadas. Sobre os descendentes, foi possível observar um avanço nessas questões. Embora muitos comecem suas atividades laborais muito jovens, há uma tendência de melhoria nas condições de trabalho e nas oportunidades educacionais o que indica um avanço na mobilidade geracional.

Foi identificado se as entrevistadas acreditam na relação entre a pobreza geracional e o trabalho doméstico. As respostas foram divididas, sendo possível perceber que algumas entrevistadas não se consideram pobres porque estão trabalhando e algumas se consideram pobres porque não têm estudos e isso levou a ter uma profissão pouco valorizada. As entrevistadas também foram questionadas se se consideram melhores financeiramente que seus pais e que seus filhos. Todas acreditam estar melhor financeiramente que seus pais, referente a seus filhos, sete acreditam que seus filhos estão melhores que elas, uma acredita que está melhor e outra igual. Com isso, é possível perceber uma mobilidade geracional da geração central para seus antecedentes e da geração de descendentes para a geração central.

Perante as evidências e experiências empíricas, fica compreendido que a pobreza geracional e o trabalho doméstico compartilham diversos aspectos em comum, fazendo com que um ciclo de exclusão e vulnerabilidade seja reforçado. A educação reduzida, as dificuldades de saúde, barreiras de etnia e gênero e condições precárias de emprego contribuem para que a pobreza seja perpetuada entre as gerações. No entanto, há sinais de mobilidades geracionais com a geração de descendentes das trabalhadoras domésticas, que demonstram avanço na educação e nas oportunidades de trabalho. A seguir serão apresentadas as conclusões do estudo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Quando eu crescer, quero ser como você?" é uma reflexão presente em toda a pesquisa, considerando especialmente as respostas dos entrevistados (domésticas e seus descendentes). Na geração central da pesquisa, é perceptível a predominância da transferência da profissão de mãe para filha. No entanto, essa transferência não ocorre porque as entrevistadas desejam seguir os passos de suas mães, mas sim porque muitas vezes elas não têm outra escolha a não ser seguir a mesma profissão. Por outro lado, na geração de descendentes, observa-se que esses indivíduos não desejam seguir a profissão de suas mães. Essa decisão se deve ao estigma criado em cima da profissão ao longo das gerações, fazendo com que os descendentes migrem muitas vezes para funções laborais igualmente desvalorizadas somente pela posição social que ela pode proporcionar. No entanto, essa mudança de profissão não se deve à falta de reconhecimento da importância que o trabalho doméstico teve nas suas vidas e de suas mães, mas sim por almejarem oportunidades diferentes que não podem ser alcançadas através dele.

O presente estudo se propôs analisar as implicações entre o ingresso e a permanência na profissão de empregada doméstica e a pobreza geracional em Santana do Livramento/RS. Nesse sentido, a perspectiva de compreender o trabalho doméstico pela ótica da pobreza geracional nos permitiu fazer uma análise sobre as gerações ascendentes e descendentes das trabalhadoras domésticas. Sendo possível perceber as características em comum entre a pobreza geracional e o trabalho doméstico de domésticas que cresceram e vivem em Santana do Livramento, um município de fronteira com o Uruguai que tem sua mão de obra voltada para o comércio. Permitindo-se perceber a precarização do trabalho doméstico entre o grupo de entrevistadas.

A análise dos dados da presente pesquisa foi capaz de revelar uma profunda conexão entre os fatores intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional na história das trabalhadoras domésticas e seus antecedentes e descendentes. Os dados demonstram uma baixa escolaridade que pode se dar pela necessidade de trabalhar desde cedo. A baixa renda também é um fator que impactou na educação das entrevistadas, fazendo com que trancassem seus estudos na infância e adolescência.

A saúde e a insuficiência alimentar também são fatores que contribuem para o aumento da pobreza ao longo das gerações. Complicações no parto é um dos aspectos mencionados pelas entrevistadas, destacando as dificuldades enfrentadas desde sua

gestação até carência de recursos materiais. A discriminação também foi presente durante a história das entrevistadas, demonstrando uma instabilidade emocional das entrevistadas quanto a esse fator.

Em relação aos descendentes das trabalhadoras domésticas revela uma ligação com fatores intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional. Alguns fatores intrafamiliares como a escolaridade, saúde, renda familiar demonstram uma evolução a sua geração anterior. A escolaridade dos entrevistados apresenta um avanço quando comparado a de suas mães que na maioria não completaram o ensino fundamental. No entanto, a saúde e alimentação dos descendentes na sua infância ainda é um reflexo das dificuldades enfrentadas por seus pais, o que impacta diretamente seu desenvolvimento.

A renda dos descendentes se destaca como a fonte principal, a mãe, aposentadoria e benefícios governamentais fazem parte como fontes de subsistência dos entrevistados, embora que de uma maneira mais limitada. Os entrevistados também contribuem para a renda familiar, no entanto, a divisão igualitária nem sempre é observada.

Os fatores extrafamiliares como conflitos sociais, discriminação de gênero e etnia, acesso ao mercado de trabalho também foram identificados nas histórias dos descendentes das trabalhadoras domésticas. Há discriminação por ser filho de uma trabalhadora doméstica e como isso impacta no âmbito social foi percebido na fala de uma entrevistada. Além disso, os descendentes assim como as domésticas começaram suas jornadas de trabalho precocemente, muitas vezes em condições precárias e sem relação com a sua formação acadêmica, demonstrando uma difícil mobilidade social nesse aspecto.

No que diz respeito a escolaridade e falta de acesso à formação são características marcantes entre as entrevistadas, devido muitas terem abandonado os estudos precocemente devidos responsabilidades domésticas ou gravidez na adolescência, assim limitando sua ascensão profissional e perpetuando sua vulnerabilidade socioeconômica.

Além disso, as entrevistadas enfrentam problemas de saúde, o que leva a gastos com medicamentos e muitas vezes a continuar a trabalhar em situações de insalubridades. Sendo evidenciada também a tripla carga horária de trabalho, equilibrando as responsabilidades profissionais domésticas e familiares. Destaca-se que a ausência de uma rede de apoio e a discriminação de gênero acentuam a sobrecarga, limitando ainda mais a ascensão social dessas mulheres. Nos descendentes, foi possível perceber uma melhoria em questões de educação e de trabalho, no entanto, mudanças ainda são

necessárias para alcançar de fato uma melhor mobilidade social e quebrar o ciclo da pobreza.

As entrevistadas se tornaram domésticas por sua mãe ser doméstica ou por praticarem atividades relacionadas ao cuidado, ou pelo trabalho doméstico ser uma atividade laboral que não exige muita escolaridade, sendo de fácil acesso para mulheres jovens que necessitam adentrar no mercado de trabalho. Já na geração de descendentes, não foi observada a questão da profissão doméstica ser passada e influenciada de mãe para filha, como ocorreu com as domésticas. Sendo possível perceber um apoio das famílias em relação a uma ascensão de carreira e uma maior mobilidade geracional.

O trabalho doméstico e a pobreza geracional compartilham diversas categorias que intensificam o ciclo da pobreza e exclusão social: educação, saúde, gênero, etnia, renda, emprego e gerais. Assim, a educação precária, as dificuldades relacionadas a saúde, barreiras de etnia e gênero e condições precárias de emprego são fatores que vêm perpetuando a pobreza ao longo das gerações. Porém, é possível observar uma mobilidade entre as gerações. Esses avanços apresentam uma possibilidade de ruptura gradual do ciclo da pobreza geracional, sendo crucial políticas públicas e ações que foquem na educação, saúde e melhores condições de trabalho de uma forma intersetorial. Para promover uma mudança duradoura e significativa na vida de famílias que enfrentam a pobreza geracional.

Por meio desta pesquisa emerge a possibilidade para estudos futuros. Este estudo pode servir como base para outros estudos qualitativos em outras cidades e estados para entender se essa realidade segue se reproduzindo em diferentes contextos e como isso impacta cada população e amostra de trabalhadoras domésticas. Acredita-se que o estudo abre portas para uma nova perspectiva do trabalho doméstico e da pobreza geracional, sendo possível identificar sua ligação e proximidade empiricamente.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Angélica Kely de. O trabalho doméstico remunerado: um espaço racializado. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília: **IPEA**, 2021.

AGOSTINHO, C. S; SABOIA, A. L. **Indicadores sobre trabalho decente: uma contribuição para o debate da desigualdade de gênero**. Rio de Janeiro: IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2011.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2018.

ANDRADE, D. E. C. V; TEODORO, M. C. M. A colonialidade do poder na perspectiva da interseccionalidade de raça e gênero: análise do caso das empregadas domésticas no Brasil. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 10, n. 2, 2020.

ANTUNES, L. R; SALDANHA, G. S. Jovens Mães de baixa renda e a porta estreita da relevância: desafios da inclusão produtiva urbana em Santana do Livramento-RS. *In: Anais...IX SBAP: Encontro Brasileiro de Administração Pública*, São Paulo, 5 a 7 de outubro de 2022.

ANTUNES, L. R; FLECK, C. F; TROIAN, A. A história do trabalho doméstico no Brasil: da escravidão ao atual cenário de desigualdade social. **Contextualizaciones Latinoamericanas**, Guadalajara, v. 2, n. 29, 2023.

ARAÚJO, L. M. S. **A pele parda em que habito: uma análise das percepções de subjetividade acerca da consciência racial em pessoas autodeclaradas pardas**, 2022. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais). Universidade Federal de Pernambuco, 2022.

ÁVILA, M. B; FERREIRA, V. Trabalho doméstico remunerado: contradições estruturantes e emergentes nas relações sociais no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, 2020.

BASTOS, D. S. O direito à subsistência em xeque: um olhar sobre a lei dos pobres e o ato de emenda de 1834. **História Econômica & História de Empresas**, v. 21, n. 1, 2018.

BASTOS, D. S. O direito à subsistência em xeque: a formação do Pensamento Liberal britânico e sua relação com a Lei dos Pobres. *In: Anais ... XII Congresso Brasileiro de História Econômica: 13º Conferência Internacional de História de Empresas*, Niterói 28, 29 e 30 de agosto de 2017.

BASTOS, L. C; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, Brasília v. 31, p. 97-126, 2015.

BARROS, R. P; CARVALHO, M; FRANCO, S. Pobreza multidimensional no Brasil. **TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 1227. IPEA**, Rio de Janeiro, 2006.

BARBOSA, L. V. A difícil decisão do retorno: trabalhadoras domésticas bolivianas e peruanas na Espanha em tempos de crise econômica. **Seminário Internacional Fazendo**

Gênero: desafios atuais do feminismo, Florianópolis 16 a 20 de setembro de 2017. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1391534606_ARQUIVO_LarissaVianaBarbosaVersao2.pdf Acessado em 19/07/2023

BIRD, K. The Intergenerational Transmission of Poverty: an overview. ODI Working paper 286. **Chronic Poverty Research Centre**, London, 2007

BULE, J. E. A transmissão intergeracional da pobreza—uma breve análise do contexto moçambicano. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**, v. 4, n. 3, 2023.

BUTLER, J. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas p. 249-274, n.42, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645122> Acessado em: 19/07/2023

BLANDEN, J; GREGG, P; MACMILLAN, L. Accounting for Intergenerational Income Persistence: noncognitive skills, ability, and education. **The Economic Journal** v. 117, n. 519, pág. C43-C60, 2007.

BRASIL. Lei nº 15.911, de 22 de dezembro de 2022. Dispõe sobre o reajuste dos pisos salariais no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 22 de dezembro de 2022. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2015.911.pdf> Acessado em: 07/06/2023

CAIN, E. Social Protection and Vulnerability, Risk and Exclusion Across the Lifecycle. In: OECD. **Promoting pro.poor growt: employment and protection**. Reino Unido, 2009.

CASANOVA, J. R.; BERNARDO, A. B.; ALMEIDA, L. S. Dificuldades na adaptação acadêmica e intenção de abandono de estudantes do 1.º ano do Ensino Superior. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, Corunha, v. 8, n. 2, p. 211-228, 2021.

CAVALCANTE, G. N. et al. O impacto do microempreendedor individual (MEI) na arrecadação do Regime Geral da Previdência Social (RGPS). **RAGC**, Monte Carmelo v. 8, n. 37, 2020.

CARGNIN, A. P. Desenvolvimento da Metade Sul do Rio Grande Do Sul. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 53–76, 2014.

CECCON, R. F; PORTES, V. M. Mulheres em situação de pobreza extrema: gênero, raça e classe social. **Saúde Redes**, p. 43-57, 2019.

CODES, A. L. M. A trajetória do pensamento científico sobre pobreza: em direção a uma visão complexa. TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 1332, **IPEA**. Brasília, 2008.

COSTA, A. M; RIZZOTTO, M. L. F; LOBATO, L. V. C. Fome, desemprego, corrupção e mortes evitáveis: faces da necropolítica. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 45, p. 555-558, 2021

COSTA, *et al.* A face feminina da pobreza: sobre representação e feminização da pobreza no Brasil. Texto para discussão N° 1137, **IPEA**, Brasília, 2005.

COUTO, V. O. **Vida de mulher: gênero, pobreza, saúde mental e resiliência**, 2007. Monografia (Bacharel em psicologia) Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2007.

CORRÊA, A. M. H. **O assédio moral na trajetória profissional de mulheres gerentes: evidências nas histórias de vida**. Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CORONEL, D. A.; ALVES, F. D.; SILVA, M. A. E. Notas sobre o processo de desenvolvimento da Metade Sul e Norte do estado do Rio Grande do Sul: uma abordagem comparativa. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo v. 3, n. 2, p. 27–43, 2007.

CUETO, B *et al.* **Transmisión intergeneracional de la pobreza**. Espanha: Fundação Fonseca, 2019.

CRESWELL, J. W. **Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Penso, 2021.

DA LUZ, A. S.; BRIZOLLA, F.; GARCIA, C. A. X. A contribuição da universidade pública para o desenvolvimento da sociedade brasileira: o caso da universidade multicampi na região do pampa gaúcho. **Jornal de Políticas Educacionais**, Curitiba, v. 11, p. 1–18, 2017

DA SILVA, V. E. B. **De mucamas a Yabás: mulheres negras entre estereótipos e arquétipos**, 2021. (Especialização em Cultura, Educação e Relações Étnico Raciais). Universidade de São Paulo. Programa de Pós-graduação em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais, 2021.

DE LIMA, J. C. R; DE CAMPOS, R. A; DOS SANTOS, R. G. arquitetura da desigualdade: o quarto de empregada como comunicador de uma ordem social estratificada. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, Paraná, v. 14, n. 41, p. 333-360, 2022.

DE SOUZA. P. A *et al* feminização da pobreza no Brasil e seus determinantes. **Informe Gepec**, Toledo, v. 24, n. 1, p. 53-72, 2020.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Quem cuida das cuidadoras: trabalho doméstico remunerado em tempos de coronavírus. **ESTUDOS, E. PESQUISAS**. Rio de Janeiro. n. 96, 2020.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Trabalho doméstico no Brasil, 2020. Acessado em: 26/06/2023 Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>

FERNANDES, E. R. Violações e desvalorização dos Direitos Humanos e Trabalhistas das Empregadas Domésticas *In: Anais...* VIII Semana da Diversidade Humana: Centro Universitário São Lucas, Porto Velho, 9 a 11 de outubro de 2023.

FERREIRA, J. C. A importância da educação financeira pessoal para a qualidade de vida. **Caderno de Administração**, São Paulo, v. 11, n. 1, 2017.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**, 25 ed. São Paulo: Nacional, 1995.

FLOR, L. S; LAGUARDIA, J; CAMPOS, M. R. Mobilidade social intergeracional e saúde no Brasil: uma análise do survey" Pesquisa dimensões sociais das desigualdades (PDS)" , 2008. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 1869-1880, 2014.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**, 3 ed Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

FREITAS, C. A. F; DA SILVA, P. L. C. B. **Os Reflexos da Reforma Trabalhista para o Empregado Doméstico**. São Paulo: LTr Editora, 2019.

FRAGA, A. B; MONTICELLI, T. A. ““PEC das Domésticas’: holofotes e bastidores”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e71312, 2021.

FREITAS, G. R; DOS SANTOS, D. A. Desigualdades educacionais: discutindo o fracasso escolar de estudantes negros. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 26, n. 49, 2023.

FILOMENO, K. (2003). **Mitos familiares e escolha profissional: uma proposta de intervenção focada na escolha profissional à luz de conceitos da teoria sistêmica** **Dissertação** (Mestrado em psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GAFFORELLI, C D; SANT'ANNA, S M. L; SILVA, V. C. Vozes dos estudantes da EJA: uma investigação sobre os sentidos do retorno de jovens e adultos à escola. **Revista Cocar**, v. 14, n. 30, 2020.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como fazer pesquisa qualitativa**. São Paulo: Atlas, 2021.

GOMES, P. Emprego doméstico e a arquitetura da desigualdade. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 68, n. 2, p. 64-65, 2016.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, Paraná, v. 33, n. 59, p. 435-454, 2021.

GUIMARÃES, E. F. **Mulheres negras, trabalhadoras domésticas: as diferentes formas de discriminação no sistema patriarcal capitalista**, 2023. (Bacharel em Serviço Social) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2023.

HAIR JR., J. F.; BARRY, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005

HEYDT, D. C. **Formação econômica de Santana do Livramento: análise da pecuária como eixo estrutural**, 2016. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas), Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2016.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, p. 139-156, 2002. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/cpa/a/PcsfvS6CPpgQRZLRmdTzgxL/?lang=pt&format=pdf> Acessado em: 19/07/2023

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sant'Ana do Livramento. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/santana-do-livramento.html>. Acesso em: 05/06/2023

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama – População, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santana-do-livramento/panorama>. Acesso em: 18 /03/2024

JESUS, J. G; HOFFMANN, R; MIRANDA, S. H. Galvão de. Insegurança alimentar, pobreza e distribuição de renda no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 62, n. 4, p. e281936, 2024.

KASSOUF, A. L. Evolução do trabalho infantil no Brasil. **Sinais sociais**, v. 9, n. 27, p. 9-45, 2015.

KAGEYAMA, A; HOFFMANN, R. Pobreza no Brasil: uma perspectiva multidimensional. **Economia e Sociedade**, Campinas v. 15, n. 1, p. 79-112, 2006.

KOERICH, B. R. **De Mãe para filha: rupturas e continuidades de trajetórias familiares em trabalho doméstico**, 2013. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LEONE, E. T; MAIA, A. G; BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 19, p. 59-77, 2010.

LEAL, Daniele Fontoura da Silva. **“Não tenho e não quero”: o não desejo de maternidade em mulheres brasileiras**, 2024. (Pós-graduação em psicologia) Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

LEVY, M. S. F. A escolha do cônjuge. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 117-133, 2009.

LIAZIBRA, L. F. Especial: 10 anos depois da PEC, domésticas têm reconhecimento, mas novos desafios se apresentam. (Reportagem de site). *Radio Senado*, 30 de março de 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/03/30/pec-das-domesticas-10-anos-de-lei-80-anos-de-luta> Acessado em: 20/07/2023

LIMA, D. R. **Com afinco e com afeto: um estudo das atividades laborais das empregadas domésticas no município de Vitória/ES**, 2018. Monografia (Bacharel em direito) Faculdade de Direito de Vitória, Vitória, 2018.

LÓPEZ, A. D. C; TEIXEIRA, E. C. Efeitos dos investimentos em infraestrutura pública sobre a pobreza e pobreza extrema na América Latina. **Economía, sociedad y territorio**, Tuluca, v. 20, n. 64, p. 667-692, 2020.

MACIEL, T. P; GHIZONI, L. D. “FUI PARA CASA MUITO CANSADA E COM MUITA FOME”: narrativas de trabalhadoras domésticas sobre a escravidão contemporânea. **Cambiassu**, São Luís, v. 15, n. 25. 2020

MACHADO, J. S. A; PENNA, C. A. M. Reprodução feminina e saúde sob os olhares de mulheres sem filhos. **Revista Mineira de Enfermagem**, Minas Gerais, v. 20, 2016.

MANESCHY, Maria Cristina. O emprego doméstico e as relações de gênero no mundo do trabalho. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, Pará, n. 3, p. 207-218, 2022.

MATTOSO, K.Q. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MARTOS, R. F. **La transmisión intergeneracional de la pobreza: factores, procesos y propuestas de intervención**. Madrid: Fundación Foessa, 2016.

MADALOZZO, R; BLOFIELD, M. Como famílias de baixa renda em São Paulo conciliam trabalho e família? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, p. 215-240, 2017.

MELO, H. P; MELLO, S. C. Notas sobre o trabalho das mulheres em tempos de pandemia: respostas e impasses. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, 2022.

MEIHY, J. C. S. B. Memória, história oral e história. **Revista de História Oral**, São Paulo, v. 4, n. 8, 2010.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MOURA JR., J. F.; CIDADE, E. C.; XIMENES, V. M.; SARRIERA, J. C. Concepções de pobreza: um convite à discussão psicossocial. **Trends in Psychology**, Rio Grande do Sul, vol 22, nº 2, p 341-352, 2014.

MOTTA, A. M. **Análise da produção do ciclo intergeracional de pobreza nas favelas do Rio de Janeiro**, 2018. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, Rio de Janeiro, 2018.

MOREIRA, A; BARBOSA, L. M. A; DA CUNHA, S. C. História oral como método de pesquisa: possibilidades para a pesquisa em Enfermagem. **Enfermagem Brasil**, Rio de Janeiro v. 13, n. 4, p. 249-253, 2014.

MUSSALIM, F. Análise do discurso. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 101-142, 2001.

MUAZE, M. A. F. " O que fará essa gente quando for decretada a completa emancipação dos escravos?"-serviço doméstico e escravidão nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba. **Almanack**, Guarulhos, p. 65-87, 2016.

Nascimento, D. Os repugnantes anúncios de escravos em jornais do Século 19. (Matéria de Site). São Paulo Antiga, 05 de julho de 2013. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/> acessado em: 08/06/2023

NEVES, D P. O legado da pobreza e a inserção geracional. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 065-089, 2003.

NERI, M. **Mapa da nova pobreza**. Rio de Janeiro: FGV, 2022.

OBJETIVO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Indicador 5.5.2 - Proporção de mulheres em posições gerenciais, em 2021. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/objetivo5/indicador552> Acessado em: 11/05/2023

OLIVEIRA, S. P. **Perspectivas de ascensão social de alunos que vivem em contextos de vulnerabilidade social**, 2022. (Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2022.

OLIVEIRA, F. R. N. F; DUTRA, R. Q; SANTOS, V. X. Filiação previdenciária e discriminação: o trabalho doméstico entre a precarização, a espoliação e o genocídio. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 03, p. 1983-2014, 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TRABALHO. Making decent work a reality for domestic Workers: Progress and prospects ten years after the adoption of the Domestic Workers Convention, 2011. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---travail/documents/publication/wcms_802551.pdf Acessado em:05/06/2023

ONUMA, F. M. S; DE OLIVEIRA, A. L; AMÂNCIO, J. M. Raízes da Exaustão de Mulheres Trabalhadoras Brasileiras: Contribuições do Materialismo Histórico-dialético. **Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, p. e220138-e220138, 2022.

OYARZABAL, L. S; PIRES, C. L. Z. Abolição da escravatura: 131 anos de liberdade ou ilusão? **Revista Literatura em Debate**, v. 13, n. 24, p. 4-14, 2019.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: Pontes, 1988

PEREIRA, P. B. De escravas a empregadas domésticas- A dimensão social e o " lugar" das mulheres negras no pós-abolição. *In...Anais ANPUH: Simpósio Nacional de História*, 2011. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://www.snh2011.anpuh.org/resource/s/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoANPUH-Bergman.pdf Acessado em:19/07/2023

PEREIRA, E. P. M; SOARES, A. C. P. M; DE SOUZA S, D. J. Gênero e Desigualdade: a divisão sexual do trabalho e a atuação da mulher na vida pública. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, Belém, n. 20, p. 333-344, 2022.

PINHEIRO, L. S; FONTOURA, N. O; PEDROSA, C. M. **Situação atual das trabalhadoras domésticas no país**, Brasília: Centro Feminista de estudos e assessoria, 2011.

PINHEIRO, L. S *et al.* Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua. Texto para discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Rio de Janeiro: **Ipea**, 2019.

PINHEIRO, L. S; TOKARSKI, C. P; VASCONCELOS, M. Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. Nota Técnica, **IPEA**, 2020.

PITOMBEIRA, D. F; OLIVEIRA, L C. Pobreza e desigualdades sociais: tensões entre direitos, austeridade e suas implicações na atenção primária. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 1699-1708, 2020.

POLANYI, K. **A grande transformação**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PORTO, D. Trabalho doméstico e emprego doméstico: atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. **Revista Bioética**, Brasília, v. 16, n. 2, 2009.

RIBEIRO FILHO, F. D; RIBEIRO, S. R. P. Evolução histórico-jurídica do trabalho doméstico. **Lex Humana**, Petrópolis, v. 8, n. 2, p. 45-71, 2016.

REDE PENSSAN. VIGISAN, Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, 2021. Disponível em Chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://olheparaafome.com.br/VIGISAN_AF_National_Survey_of_Food_Insecurity.pdf Acessado em 4 de julho de 2023.

RESE, N. *et al.* A Análise de Narrativas como Metodologia Possível para os Estudos Organizacionais sob a Perspectiva da Estratégia como Prática: “Uma Estória Baseada em Fatos Reais”. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 6., 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2010.

ROCHA, S. **Pobreza no Brasil: Afinal do que se trata?** 3 ed, Rio de Janeiro: FGV, 2006.

RUSSO, Rosária de Fátima Segger Macri; DA SILVA, Luciano Ferreira. Aplicação de entrevistas em pesquisa qualitativa. **Gestão e Projetos: GeP**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-6, 2019.

SABOIA, A. L. As meninas empregadas domésticas: uma caracterização socioeconômica. In: **Anais ...ABEP: Encontro Nacional de Estudos Populacionais e 7º Congresso de la Asociación Latinoamericana de Población**, p. 2-24, 2016.

SANCHES, S. Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, p. 879-888, 2009.

SANTOS, J. K. C. **Quebrando as correntes invisíveis: uma análise crítica do trabalho doméstico no Brasil**. 2010. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília, Mestrado em Direito, Estado e Constituição, 2010.

SANTANA, V S. *et al.* Emprego em serviços domésticos e acidentes de trabalho não fatais. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 37, p. 65-74, 2003.

SEBRAE. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul. Perfil das cidades gaúchas 2020 Santana do Livramento, 2019. Disponível em: https://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Santana_do_Livramento.pdf. Acesso em: 05/06/2023

SCHWARTZMAN, S. **Pobreza, exclusão social e modernidade**: uma introdução ao mundo contemporâneo. São Paulo: Augurium, 2004.

SILVA, M. F. Chefia feminina domiciliar: indicador de maior pobreza das mulheres? **Revista Gênero**, Niterói, v. 7, n. 1, 2006.

SILVA, P. S. **Mobilidade intergeracional de ocupação das filhas de trabalhadoras domésticas nas grandes regiões brasileiras, 2014, 2020**. Dissertação (Demografia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Demografia, Natal, 2020.

SILVA, C. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. **Revista Direito em Foco**, São Paulo, v. 5, p. 1-9, 2012.

SILVA, A. C. **Perspectiva do cuidado de si de trabalhadoras domésticas negras**, 2018. Monografia (Bacharel em Terapia Ocupacional) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia. Requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional, 2018.

SILVA, J. M. S *et al.* feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista Feminismos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2020.

SILVEIRA, E. C; SILVA, S. F. M. Chefia feminina: uma análise sobre a estrutura das famílias monoparentais femininas e a feminização da pobreza. *In...* **Anais CETROS: Seminário Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social**, Fortaleza, v. 29, 2013.

SILVA, B. P. **Influência do frigorífico Armour no desenvolvimento socioeconômico de Santana do livramento, 2018**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Administração) Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2018.

SILVA, J. B. **Velhice sem filhos: redes de suporte social em São Paulo- Brasil, 2023**. (Dissertação), Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.

SEN, A. **O desenvolvimento como expansão de capacidades**. Lua Nova: revista de cultura e política, p. 313-334, 1993.

SEN, A. **Desigualdade Reexaminada**, 2 ed, Rio de Janeiro: Record, 2008.

SENADO NOTÍCIAS. Passa a vigorar salário-mínimo de R\$ 1.212, que vai ser avaliado pelo Congresso, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/01/03/passa-a-vigorar-salario-minimo-de-r-1.212#:~:text=No%20primeiro%20ano%20da%20nova,fevereiro%2C%20em%20R%24%201.045>. Acessado em: 27/07/2023

SOUZA, M. I. D. de; SILVA, M. R. F. E. Pobreza, Desigualdade Social e Território: ambiência de atuação da Política Pública de Assistência Social (Poverty, Social Inequality and Territory: acting ambience of Public Policies in Welfare). **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 19, n. 2, p. 1–17, 2019.

SOARES, M. M; GARCÍA, E. M; CARBONELL, J. R. H. Desigualdades territoriais no financiamento das políticas de educação e de saúde na Espanha e no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 57, p. e-2022-0168, 2023.

SZUL, K. D; SILVA, L. M. da. **Feminização da pobreza no Brasil**. II Seminário Nacional de Serviço Social: Trabalho e Políticas Sociais, Florianópolis 23 a 24 de outubro de 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180215?show=full> Acessado em: 27/07/2023

TELLES, L. F. S. **Libertas entre sobrados: contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão**, 2011. Tese (Doutorado em Letras e Ciências Humanas) -Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em História Social, 2011.

TEIXEIRA, J. **Trabalho doméstico**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Os Lugares das Empregadas Domésticas. **Organizações & Sociedade (Impresso)**, v. 22, p. 161-178, 2015.

TEIXEIRA, J. C.; SILVA, C. R. As artes de fazer cotidianas de trabalhadoras domésticas inseridas em micro dimensões organizativas da vida social. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, v. 56, p. 202-216, 2020.

TEJADA, C. A. O. *et al.* Pai pobre, filho pobre? Uma análise da mobilidade intergeracional de renda na coorte de nascimentos de 1982, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 1225-1233, 2015.

TRINDADE, W. R; FERREIRA, M. de A. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, p. 417-426, 2008.

UNDP, UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. Human Development

Report 2010: The real wealth of nations: pathways to human development. New York, 2010. Disponível em: <https://www.undp.org/publications/human-development-report-2010> Acessado: 03/03/2023

WIKIMAPIA, Santana do Livramento, 2024. Disponível em: <https://wikimapia.org/#lang=pt&lat=-30.848153&lon=55.658112&z=12&m=w&search=santana%20do%20livramento%20progresso> Acessado em: 18/03/2024

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2020.

WORLD BANK. Consultations with the poor: Brazil – National Synthesis Report. 1999. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/INTPOVERTY/Resources/335642-1124115102975/1555199-1124138866347/brazil.pdf>. Acessado em: 1/02/2023.

WORLD BANK. World Development Report, 1978. Washington, DC, 1978. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/5961>. Acessado em: 1/03/2023/

ZACCARELLI, L.; GODOY, A. S. Deixa eu te contar uma coisa...: Possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. **Revista Gestão Organizacional (RGO)**, v. 06, n. 03, 2013.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista trabalhadoras domésticas (Centrais)

Caracterização sociodemográfica -

1. Idade:
2. Raça/etnia:
3. Estado Civil- (se foi o primeiro ou segundo casamento/se apenas vive com o companheiro (a):
4. Tempo do Casamento/relacionamento:
5. Papel ocupado na Família:
6. Total de membros na família (que moram com a senhora):
7. Vínculo empregatício (formal/informal) atual? Há quanto tempo? Antes era como? (quanto tempo no último?):
8. Ocupação dos membros familiares:
9. Escolaridade:
10. Escolaridade dos membros familiares:
11. Local onde reside (bairro):
12. Sua residência é própria ou alugada?
13. Me conte um pouco da sua história? Da sua família? Como o trabalho como doméstica faz parte da sua vida?
14. A senhora poderia me falar um pouco da profissão das outras pessoas da sua família? Dos seus pais? Dos seus filhos?

Categorias Analíticas		Características evidenciadas pela literatura que precisam ser abordadas na entrevista narrativa	Entrevista narrativa - Ressalta-se que o intuito é de que os entrevistados falem acerca da temática, conforme a pesquisadora sentir necessidade ou falta de algum elemento serão abordadas as características evidenciadas pela literatura como complemento
Educação		<ul style="list-style-type: none"> - Baixa escolaridade -Falta de acesso a formação -Risco de abandonar os estudos -Risco de não frequentar a escola por questões domésticas 	<ol style="list-style-type: none"> 15. Conte sobre a sua relação com os estudos, até que série/ano cursou, como foram suas oportunidades para estudar? 16. E para seus pais como foram as oportunidades para estudar/ foram maiores ou menores que as suas? 17. E para seus filhos como foram as oportunidades para estudar/foram maiores ou menores que as suas? 18. Como foi para a senhora o acesso ao estudo/educação? Que tipo de incentivo/oportunidades ou falta delas a senhora teve por parte da sua família? Existe alguma outra questão que possa ter atrapalhado esse processo?
Saúde		<ul style="list-style-type: none"> -Problemas de saúde -Gastos com medicamentos -Deficiência/doenças crônicas 	<ol style="list-style-type: none"> 19. Fale dos seus filhos (se caso tiver filhos), que idade a senhora tinha quando o primeiro nasceu e como foi a gravidez?

		<p>-Gravidez precoce e de risco</p> <p>-Gravidez indesejada</p> <p>-Gravidez e trabalho</p> <p>-Má nutrição</p>	<p>20. Como foi/é trabalhar com filhos pequenos?</p> <p>21. Como ocorre quando algum morador da sua residência fica doente? Como é o tratamento de saúde?</p> <p>22. Existe alguém da sua família que precisa de tratamento constante/ necessite de medicamentos? Ou alguém portador de deficiência com alguma doença crônica? Nesse caso como é o tratamento?</p> <p>23. Fale sobre sua alimentação no dia a dia?</p> <p>24. (Na pandemia a família teve alguma restrição sobre alimentação?)</p> <p>25. Os moradores da sua residência em algum momento da vida já tiveram a preocupação que a comida acabasse e não tivessem dinheiro para comprá-la? E na sua infância ocorreu algo do tipo?</p> <p>26. Se comparar a sua infância com a infância dos seus filhos sobre a preocupação com a alimentação?</p>
Gênero		<p>-Cuidados não remunerados</p> <p>-Tripla carga de trabalho</p> <p>-Violência baseada no gênero</p> <p>-Discriminação</p>	<p>27. Quem é o responsável pelas tarefas domésticas em casa?</p> <p>28. E na sua infância, na casa dos teus pais, quem era o responsável pelas tarefas domésticas?</p> <p>29. Você acredita que o fato de ser mulher pode ter influenciado a se tornar empregada doméstica?</p> <p>30. Você já sofreu algum tipo de discriminação por desempenhar funções como doméstica?</p>

			<p>31. Você ou alguém que conhece já sofreu algum tipo de violência por desempenhar o trabalho doméstico?</p> <p>32. Você acredita que o fato de trabalhar como doméstica pode de alguma maneira influenciar os (as) filhas a seguirem essa atividade profissional?</p>
Etnia		<ul style="list-style-type: none"> - Etnia e trabalho - Etnia e ascensão social - Etnia e pobreza 	<p>33. A senhora acredita que a cor da pele gerar algum tipo de preconceito ou discriminação?</p> <p>34. A cor da pele pode dificultar ou impedir o avanço financeiro?</p> <p>35. A sua cor influenciou no seu trabalho e na sua renda?</p>
Renda		<ul style="list-style-type: none"> - Fonte de renda familiar/responsáveis - Auxílio do governo - Dificil acesso a créditos 	<p>36. Qual a principal fonte de renda da sua família? (e outras?)</p> <p>37. Tem algum aposentado ou pensionista na sua residência?</p> <p>38. A senhora ou alguém da sua residência recebe Bolsa família ou algum outro benefício</p>
Emprego		<ul style="list-style-type: none"> -Emprego informal -Insegurança no emprego devido cuidado com filhos -Incapacidade adquirida através do emprego -Continuar a trabalhar mesmo em situações de incapacidade física ou doença - Perca no emprego por conta da idade 	<p>39. Sobre sua trajetória de emprego (quando começou a trabalhar, com que idade e quais funções desempenhava).</p> <p>40. A senhora já trabalhou de carteira assinada em algum momento?</p> <p>41. Em algum momento da sua vida, em algum dos trabalhos a senhora teve alguma doença ou algum problema?</p> <p>42. O que a senhora fazia e como procedeu para resolver?</p> <p>43. A senhora já teve dificuldade para conseguir um emprego/ou perdeu algum emprego por conta da idade?</p>

			<p>44. O que te levou a trabalhar como doméstica?</p> <p>45. Quais atividades você desempenha como doméstica?</p> <p>46. Qual a sua carga horaria semanal?</p> <p>47. A senhora acredita que a renda recebida pelo trabalho (salário ou diária), é condizente com as funções exercidas?</p>
Gerais		- Pobreza e trabalho doméstico	<p>48. A senhora possui conta bancária?</p> <p>49. A senhora está ou já esteve endividada?</p> <p>50. A senhora acredita que o trabalho doméstico possui alguma relação com a pobreza? Por quê?</p> <p>51. A senhora se considera pobre?</p> <p>52. Analisando a geração dos teus pais, a senhora se considera melhor ou pior financeiramente que eles, por quê?</p> <p>53. Comparando a situação da senhora e a dos seus filhos, a senhora acredita que eles estejam melhores ou piores que a senhora? Explique por quê.</p>

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista descendente (Secundários)

Caracterização sociodemográfica:

1. Idade:
2. Raça/etnia:
3. Estado Civil (se foi o primeiro ou segundo casamento/se apenas vive com o companheiro (a):
4. Tempo do Casamento/relacionamento:
5. Papel ocupado na Família em relação a trabalhadora doméstica:
6. Total de membros na família (que residem com o entrevistado):
7. Ocupação:
8. Ocupação dos membros familiares:
9. Escolaridade:
10. Escolaridade dos membros familiares:
11. Local onde reside (bairro):
12. Sua residência é própria ou alugada?
13. Relate acerca da sua história de vida, sua profissão, a idade que começou a trabalhar e as funções realizadas
14. Conte o teu trabalho, sobre tua história de vida e como a profissão da tua mãe de doméstica contribuiu para ti exercer as tuas atuais funções

Categorias analíticas	Características evidenciadas pela literatura que precisam ser abordadas na entrevista narrativa	Entrevista narrativa - Ressalta-se que o intuito é de que os entrevistados falem acerca da temática, conforme a pesquisadora sentir necessidade ou falta de algum elemento serão abordadas as características evidenciadas pela literatura como complemento
Educação	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa escolaridade - Falta de acesso a formação - Risco de abandonar os estudos - Risco de não frequentar a escola por questões domésticas 	<p>15. Me conte um pouco sobre sua relação com os estudos, até que série/ano cursou, como foram suas oportunidades para estudar?</p> <p>16. E para seus pais como foram as oportunidades para estudar/ foram maiores ou menores que as suas?</p> <p>17. E para seus filhos (caso tiver) como foram as oportunidades para estudar/foram maiores ou menores que as suas?</p> <p>18. Como foi para você o acesso ao estudo/educação? Que tipo de incentivo/oportunidades ou falta deles você teve por parte da sua família? Existe alguma outra questão que possa ter atrapalhado esse processo?</p>
Saúde	<ul style="list-style-type: none"> - Problemas de saúde - Gastos com medicamentos - Deficiência/doenças crônicas 	<p>19. Me conta um pouco mais dos seus filhos (se caso tiver filhos), que idade você tinha quando o primeiro nasceu e como foi a gravidez/ nascimento?</p>

	<ul style="list-style-type: none"> -Gravidez precoce e de risco -Gravidez indesejada -Gravidez e trabalho -Má nutrição 	<p>20. Como foi/é trabalhar com filhos pequenos?</p> <p>21. Como ocorre quando algum morador da sua residência fica doente? Como é o tratamento de saúde</p> <p>22. Existe alguém da sua família que precisa de tratamento constante/ necessite de medicamentos? Ou alguém portador de deficiência com alguma doença crônica? Nesse caso como é o tratamento?</p> <p>23. Fale sobre sua alimentação no dia a dia?</p> <p>24. (Na pandemia a família teve alguma restrição sobre alimentação?)</p> <p>25. Os moradores da sua residência em algum momento da vida já tiveram a preocupação que a comida acabasse e não tivessem dinheiro para comprá-la? E na sua infância ocorreu algo do tipo?</p> <p>26. Se comparar a sua infância com a infância dos seus filhos sobre a preocupação com a alimentação?</p>
Gênero	<ul style="list-style-type: none"> -Cuidados não remunerados -Tripla carga de trabalho -Violência baseada no gênero -Discriminação 	<p>27. Quem é o responsável pelas tarefas domésticas em casa?</p> <p>28. E na sua infância, na casa dos teus pais, quem era o responsável pelas tarefas domésticas?</p> <p>29. Você acredita que o fato de ser mulher pode ter influenciado a sua mãe a se tornar empregada doméstica (ou o entrevistado se for o caso)?</p>

		<p>30. Você já sofreu algum tipo de discriminação por desempenhar funções como doméstica (o) (ou por viver no núcleo familiar de uma)?</p> <p>31. Você ou alguém que conhece já sofreu algum tipo de violência por desempenhar o trabalho doméstico?</p> <p>32. . Você acredita que o fato de sua mãe trabalhar nessa profissão, pode influenciar você a seguir nessas atividades?</p>
Raça/Etnia	<ul style="list-style-type: none"> - Etnia e trabalho - Etnia e ascensão social - Etnia e pobreza 	<p>33. Você acredita que a cor da pele gerar algum tipo de preconceito ou discriminação?</p> <p>34. A cor da pele pode dificultar ou impedir o avanço financeiro?</p> <p>35. A sua cor influenciou no seu trabalho e na sua renda?</p>
Renda	<ul style="list-style-type: none"> - Fonte de renda familiar/responsáveis - Auxílio do governo - Dificil acesso a créditos 	<p>36. Qual a principal fonte de renda da sua família? (e outras?)</p> <p>37. Tem algum aposentado ou pensionista na sua residência?</p> <p>38. Você ou alguém da sua residência recebe Bolsa família ou algum outro benefício</p>
Emprego	<ul style="list-style-type: none"> -Emprego informal -Insegurança no emprego devido cuidado com filhos -Incapacidade adquirida através do emprego -Continuar a trabalhar mesmo em situações de incapacidade física ou doença - Perca no emprego por conta da idade 	<p>39. Sobre sua trajetória de emprego (quando começou a trabalhar, com que idade e quais funções desempenhava).</p> <p>40. Você já trabalhou de carteira assinada em algum momento?</p> <p>41. Em algum momento da sua vida, em algum dos trabalhos a senhora teve alguma doença ou algum problema?</p> <p>42. O que a você fazia e como procedeu para resolver?</p>

		<p>43. Você já teve dificuldade para conseguir um emprego/ou perdeu algum emprego por conta da idade?</p> <p>44. Fale sobre o trabalho doméstico (caso trabalhe) e se mais alguém além de sua mãe executa essas tarefas?</p> <p>45. Quais (atividades) você desempenha como doméstica?</p> <p>46. Qual sua carga horaria semanal?</p> <p>47. A renda recebida pelo trabalho (salário ou diária), na tua opinião, é condizente com as funções exercidas?</p>
<p>Gerais</p>	<p>- Pobreza e trabalho doméstico</p>	<p>48. Você possui conta bancária?</p> <p>49. Você está ou já esteve endividada?</p> <p>50. Você acredita que o trabalho doméstico possui alguma relação com a pobreza? Por quê?</p> <p>51. Você se considera pobre?</p> <p>52. Analisando a geração dos teus pais, você se considera melhor ou pior financeiramente, por quê?</p> <p>53. Comparando a sua situação com a dos seus filhos, você acredita que eles estejam melhores ou piores financeiramente? Explique por quê?</p>